



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MAYARA VILELA PONTARA**

**ANÁLISE DOCUMENTAL DA PRODUÇÃO DE MINICONTOS EM LIBRAS**

**Presidente Prudente**

**2025**



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MAYARA VILELA PONTARA**

**ANÁLISE DOCUMENTAL DA PRODUÇÃO DE MINICONTOS EM LIBRAS**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viegas Rodrigues  
Co-orientadora: Dra. Danielle Aparecida Nascimento dos Santos

Presidente Prudente - SP  
2025

### Catálogo Internacional de Publicação (CIP)

370 Pontara, Mayara Vilela.  
P811a Análise documental da produção de minicontos em libras. / Mayara Vilela Pontara. – Presidente Prudente, 2025.  
123 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP, 2025.  
Bibliografia.  
Orientador: Felipe Viegas Rodrigues.

1. Libras. 2. Contos. 3. Análise de conteúdo. I. Título.

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: “ANÁLISE DOCUMENTAL DA PRODUÇÃO DE MINICONTOS EM LIBRAS”**

**AUTOR (A): MAYARA VILELA PONTARA**

**ORIENTADOR (A): Prof. Dr. Felipe Viegas Rodrigues**

Aprovado (a) como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE (A) em EDUCAÇÃO.

Área de Concentração EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Felipe Viegas Rodrigues (orientador) – Unoeste/Universidade do Oeste Paulista

Raquel Rosan Christino GitaHy – Unoeste/Universidade do Oeste Paulista

Denner Dias Barros – Universidade de São Paulo

Local e data da realização: Presidente Prudente, 01 de setembro de 2025.

## Central de Assinaturas Eletrônicas

### Sobre o documento

Assunto: Documento eletrônico  
Status do documento: Concluído  
Data de criação do documento: 01/09/2025 17:39  
Fuso horário: (UTC-03:00) Brasília  
Número de assinaturas: 3  
Solicitante: LUCIANA APARECIDA POLIDO BRAMBILLA (#6262349)

### Signatários do documento

**FELIPE VIEGAS RODRIGUES (PROFESSOR)**

rodrigues.fv@gmail.com  
Recebido em 01/09/2025 17:39  
Assinado em 01/09/2025 22:59  
Assinatura Interna UNOESTE  
Usando endereço IP: 201.27.81.58  
ID da assinatura: 5546716

**RAQUEL ROSAN CHRISTINO GITAHY (PROFESSOR)**

raquel@unoeste.br  
Recebido em 01/09/2025 17:39  
Assinado em 01/09/2025 22:59  
Assinatura Interna UNOESTE  
Usando endereço IP: 2804:14d:4e83:47d2::1001  
ID da assinatura: 5546717

**DENNER DIAS BARROS (USUÁRIO EXTERNO)**

denner@lcmc.usp.br  
Recebido em 01/09/2025 17:39  
Assinado em 02/09/2025 09:14  
Assinatura Interna UNOESTE  
Usando endereço IP: 189.7.87.215  
ID da assinatura: 5546718

URL do documento: <https://www.unoeste.br/ca/d3637588>

Assinatura digital do documento: fb2cda7f2dcb381e54b960431f4bb2814b321f97d33d324fddde76d5b8e0b30b

UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista

Mantida pela Associação Prudentina de Educação e Cultura - APEC

Utilize o QRCode abaixo para conferir a autenticidade deste documento:



## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa à comunidade surda e aos intérpretes de Libras, deixando registrado meu mais profundo respeito.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os professores que, com seus ensinamentos e inspirações, contribuíram para a minha formação. Ao meu esposo Michel e filho Michel Jr. por tanto apoio. De modo especial, ao meu orientador, Dr. Felipe Viegas Rodrigues, cuja orientação, escuta e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista.

*“A pessoa é humana por causa de outras  
pessoas. I am because we are.”  
(Provérbio da filosofia Ubuntu)*

## RESUMO

### **Análise documental da produção de minicontos em Libras**

A presente pesquisa, vinculada à Linha de Pesquisa “Formação e ação do profissional docente e práticas educativas”, do Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado, da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), motivada pela constatada escassez de materiais pedagógicos e literários originais em Língua Brasileira de Sinais (Libras). No contexto educacional, essa escassez de materiais pode resultar em prejuízos para a comunidade surda, que requer recursos didáticos traduzidos para a sua língua, que garantem aprendizagem mesmo na ausência de um mediador pedagógico. A comunidade surda, assim como qualquer outra, transmite de geração para geração suas histórias, sua cultura, seus valores e suas crenças, mas há poucos registros desta literatura surda. Nesse sentido, o propósito central desta pesquisa foi analisar produções acadêmicas, materiais teóricos e registros legais que tratam da adaptação, tradução e produção de minicontos em Libras. Para atingir esse fim, foi realizada uma análise documental sobre o tema, que investigou publicações acadêmicas e vídeos, com base em critérios como acessibilidade, qualidade da tradução e adequação linguística à Libras. As bases de dados utilizadas foram: SciELO, Google Acadêmico, ERIC, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Capes Periódicos para as publicações acadêmicas e o Youtube para os vídeos. Os descritores utilizados para a busca foram: Língua Brasileira de Sinais, Libras, tradução audiovisual, visualidade, educação de surdos, análise documental, inclusão escolar, materiais pedagógicos em Libras, recursos bilíngues e suas combinações. A leitura analítica seguiu os princípios da análise de conteúdo, articulando a presença de elementos visuais, linguagem em Libras e aspectos institucionais que influenciam a acessibilidade e a compreensão por parte da comunidade surda. Os vídeos foram selecionados segundo a data de envio, o tipo de vídeo, o canal (e o foco à comunidade surda) e, por fim, a presença de legendas acessíveis. Todos os documentos foram organizados em categorias temáticas, segundo eixos previamente definidos. Os resultados revelaram uma escassez de materiais pedagógicos originais para crianças surdas, com a maioria sendo adaptações de contos tradicionais. Por outro lado, a pesquisa também identificou uma diversidade de abordagens na produção desses

conteúdos, o potencial de alcance das obras, bem como a importância do rigor metodológico e do bilinguismo como estratégia de inclusão. O estudo sugere que, apesar da limitada produção de literatura surda original, os minicontos em Libras emergem como uma ferramenta pedagógica eficaz para o desenvolvimento linguístico e cultural, embora a sua disseminação ainda seja incipiente e dependente da integração de tecnologias e de políticas públicas de incentivo.

**Palavras-chave:** libras; minicontos; tradução; educação bilíngue; inclusão.

## **ABSTRACT**

### **Documentary analysis of microfiction production in Libras**

This research, linked to the "Formation and Action of Teaching Professionals and Educational Practices" Research Theme of the Graduate Program in Education, Master's, at the University of Western São Paulo (Unoeste), was motivated by the established scarcity of original pedagogical and literary materials in Brazilian Sign Language (Libras). In the educational context, this lack of materials can be detrimental to the deaf community, which requires didactic resources translated into their language to ensure learning even in the absence of a pedagogical mediator. The deaf community, like any other, passes on its stories, culture, values, and beliefs from generation to generation, but there are few records of this deaf literature. Therefore, the central purpose of this research was to analyze academic productions, theoretical materials, and legal records addressing the adaptation, translation, and production of short-short stories (minicontos) in Libras. To achieve this end, a documentary analysis on the topic was conducted, which investigated academic publications and videos based on criteria such as accessibility, quality of translation, and linguistic suitability for Libras. The databases utilized for academic publications were: SciELO, Google Scholar, ERIC, the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), and Capes Periódicos, alongside YouTube for video resources. The descriptors used for the search were: Brazilian Sign Language, Libras, audiovisual translation, visibility, Deaf education, documentary analysis, school inclusion, pedagogical materials in Libras, bilingual resources, and their combinations. The analytical reading followed the principles of content analysis, articulating the presence of visual elements, Libras language, and institutional aspects influencing accessibility and comprehension by the Deaf community. Videos were selected based on upload date, video type, channel (and its focus on the Deaf community), and finally, the presence of accessible subtitles. All documents were organized into thematic categories according to predefined axes. The results revealed a scarcity of original pedagogical materials for deaf children, with the majority being adaptations of traditional tales. On the other hand, the research also identified a diversity of approaches in the production of these contents, the potential for the works' reach, as well as the importance of methodological rigor and bilingualism

as an inclusion strategy. The study suggests that, despite the limited production of original deaf literature, microfiction in Libras emerged as an effective pedagogical tool for linguistic and cultural development, although their dissemination is still incipient and dependent on the integration of technologies and the implementation of public policies that provide incentives

**Keywords:** libras; microfiction; translation; bilingual education; inclusion.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos e dissertações encontrados sobre o tema “Miniconto em Libras” por meio das buscas definidas para a análise documental .....	41
Quadro 2 - Vídeos encontrados sobre o tema “Miniconto em Libras” por meio das buscas definidas para a análise documental.....	45
Quadro 3 - Resultados influenciados por algoritmo após a busca por “Minicontos em Libras”, na plataforma YouTube .....	46

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>Fundamentação teórica</b> .....	<b>19</b>
1.1.1	<i>Framework</i> teórico para análise de minicontos .....	19
1.1.2	Produção de minicontos em libras .....	27
<b>1.2</b>	<b>Justificativa</b> .....	<b>34</b>
<b>1.3</b>	<b>Problema/Questão da pesquisa</b> .....	<b>35</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>38</b>
<b>2.1</b>	<b>Análise documental</b> .....	<b>38</b>
<b>2.2</b>	<b>Análise dos resultados</b> .....	<b>39</b>
2.2.1	Publicações acadêmicas .....	39
2.2.2	Vídeos na plataforma digital YouTube.....	40
<b>2.3</b>	<b>Tratamento dos dados</b> .....	<b>40</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	<b>41</b>
<b>3.1</b>	<b>Materiais encontrados</b> .....	<b>41</b>
<b>3.2</b>	<b>Análise individual dos vídeos encontrados</b> .....	<b>47</b>
3.2.1	A Árvore Surda - Literatura Surda (Libras) .....	47
3.2.2	Os Três Porquinhos.....	48
3.2.3	EP06 - Natal .....	49
3.2.4	Chapeuzinho Vermelho em Libras .....	50
<b>3.3</b>	<b>Análise comparativa</b> .....	<b>51</b>
3.3.1	Estratégias visuais e estéticas.....	51
3.3.2	Origem e adaptação cultural.....	51
3.3.3	Propósito e Abordagem Pedagógica .....	52
3.3.4	Engajamento e Alcance.....	52
<b>3.4</b>	<b>Conclusões e implicações</b> .....	<b>52</b>
3.4.1	Diversidade de Abordagens .....	52
3.4.2	Escassez de Literatura Originalmente Surda .....	53
3.4.3	Potencial de Alcance e Longevidade.....	53
3.4.4	Importância do rigor metodológico.....	53
3.4.5	Bilinguismo como estratégia de inclusão.....	53
<b>3.5</b>	<b>Recomendações</b> .....	<b>54</b>
<b>3.6</b>	<b>Importância dos minicontos em libras</b> .....	<b>54</b>
<b>3.7</b>	<b>Estratégias visuais em minicontos</b> .....	<b>61</b>
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>69</b>
<b>4.1</b>	<b>Desafios na tradução de minicontos para libras</b> .....	<b>75</b>
<b>4.2</b>	<b>Educação e minicontos em libras</b> .....	<b>85</b>
<b>4.3</b>	<b>Recepção e impacto cultural dos minicontos em libras</b> .....	<b>93</b>
<b>4.4</b>	<b>Tecnologia e inovação na produção de minicontos em libras</b> .....	<b>102</b>
<b>4.5</b>	<b>Discussão sob o olhar da pesquisadora</b> .....	<b>111</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>117</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação de pessoas com surdez é um tema sustentado por diversos conceitos principais. Termos como deficiência auditiva, inclusão escolar, língua de sinais e educação de pessoas com deficiência auditiva possuem significados específicos que ajudam a nortear as discussões sobre práticas inclusivas no ambiente educacional. No entanto, é necessário destacar que, embora os termos “deficiência auditiva” e “surdez” sejam muitas vezes utilizados como sinônimos, a comunidade surda geralmente prefere ser identificada apenas como "surdos", ou pessoa surda (PS)<sup>1</sup>, considerando este termo mais alinhado à sua identidade cultural e linguística.

A deficiência auditiva envolve a perda parcial ou total da audição, variando de níveis leves a profundos. Esse termo abrange tanto pessoas que possuem alguma audição residual quanto aquelas que são completamente surdas. Vale ressaltar que, além de ser uma condição física, a surdez carrega aspectos culturais e identitários, especialmente entre aqueles que se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida como meio legal de comunicação (Lei nº 10.436/2002). A Libras, portanto, é mais que uma ferramenta, trata-se de uma língua com estrutura gramatical própria, central para a identidade e para a produção cultural da comunidade surda.

As técnicas visuais utilizadas para a tradução em Libras focam nas práticas que tornam a língua de sinais acessível e eficaz como meio de comunicação. A tradução para Libras exige muito mais do que a simples transposição de palavras; ela requer a criação de imagens visuais que transmitem o significado de forma clara e compreensível, respeitando as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Além disso, é fundamental compreender que a tradução envolve uma mudança de modalidade sensorial do auditivo para o espaço-visual e não apenas de código linguístico.

Para começarmos a falar da educação dos surdos, precisamos entender que esta comunidade, apesar de sua longa trajetória de resistência, nas últimas três décadas tem se organizado com mais força para conseguir que sua língua de sinais e sua cultura sejam valorizadas nos âmbitos políticos, linguísticos e acadêmicos.

---

<sup>1</sup> A escolha por utilizar o termo “pessoa surda” ao longo deste texto se dá em respeito às preferências da comunidade surda brasileira, reconhecendo a surdez como diferença linguística e cultural, e não como deficiência auditiva a ser corrigida.

Diversas legislações foram criadas ao longo dos anos, das quais há que se destacar a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e, em seu artigo 1.º, reconhece “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (Brasil, 2002, não paginado). Três anos depois, surge a regulamentação desta Lei por meio do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005), que trouxe avanços inegáveis em relação à PS, à Libras e às políticas linguísticas do Brasil. Ele possibilitou a educação bilíngue, a inserção da disciplina de Libras nos cursos de formação superior, a acessibilidade comunicativa em várias instâncias sociais, a criação da graduação em Letras-Libras para surdos e ouvintes, e a garantia do direito à educação e à saúde pelas pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

No campo educacional, o Decreto 5.626/2005 garante o direito de o estudante surdo ter acesso a um ensino bilíngue de oferta obrigatória nas escolas, sendo este direito consolidado pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei 13.146, de 06 de julho de 2015 (Brasil, 2015), e pelo Plano Nacional de Educação. O ensino bilíngue é aquele que reconhece a Libras como primeira língua da pessoa surda e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda. Diante dessa limitação, diversas estratégias podem ser adotadas para contornar o problema e promover um ensino mais inclusivo e eficaz.

Neste sentido, o que se percebe é que, ao analisarmos as legislações pertinentes à educação inclusiva, especificamente relacionadas aos surdos, nos deparamos com o impasse da educação bilíngue que perpassa uma dimensão política, permeando os aspectos das relações das duas línguas (Libras e Língua Portuguesa). Ainda há uma grande luta pela comunidade surda que almeja que a Libras seja reconhecida não como um mero instrumento de comunicação e sim como algo próprio de sua cultura. O que se percebe é que as políticas educacionais vêm tratando a Libras como instrumento de comunicação da comunidade surda, não entendendo e/ou considerando sua extensão como manifestação cultural.

Há que entender que:

(...) cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo, através de sua língua própria que é a Libras (no caso do Brasil), que além de servir como possibilidade de tradução da língua portuguesa que permite o acesso a obras que antes os surdos não possuíam, permite a produção de cultura dos mais diversos meios explorando a principal ferramenta do surdo que é seu próprio corpo. (LIMA; SENNA, 2019, p. 6)

Ao se entender o que é a cultura surda, verificamos que para se estudar literatura em Libras, faz-se necessário, além de conhecermos os documentos oficiais do MEC e do Brasil em relação à educação inclusiva, entender como a comunidade surda se relaciona com a Língua de Sinais, uma vez que possui cultura, língua e manifestação cultural próprias com uso predominante de estímulos visuais.

Segundo Schlemper (2017, p. 7):

A literatura surda não interessa somente aos surdos, mas também aos ouvintes que participam da comunidade surda e aos ouvintes que têm contato com sujeitos surdos. Por meio do uso da literatura em Libras nas escolas, os alunos ouvintes podem vir a aprender a Libras, a entender e a respeitar a cultura e a língua dos colegas surdos.

Sendo assim, a literatura surda, em Libras, é fundamental para que a população surda tenha igualdade no processo de ensino e aprendizagem e também igualdade social. Nesse sentido, importa que todo material linguístico possa ser utilizado no processo de educação da PS, dando amplo acesso à cultura e à aprendizagem. Por exemplo, os contos podem proporcionar aos sujeitos lembranças de fatos passados, familiares, problemas vivenciados ao serem interpretados — uma vez que em muitos deles há tristezas, sofrimentos, mas também há superação. Isto faz com que o sujeito consiga se conectar com os outros e consigo mesmo. Contudo, é importante diferenciar os gêneros textuais. O conto é uma narrativa curta com estrutura definida, enquanto o miniconto é ainda mais breve e sintético, apresentando um recorte de tempo e espaço reduzidos. Ele pode apresentar elementos de fábulas e lendas, mas se distingue por sua estrutura narrativa e foco na concisão. Nem todos os vídeos considerados minicontos de fato pertencem a esse gênero; alguns podem ser classificados como fábulas ou histórias do cotidiano.

Por outro lado, as fábulas são um tipo de história curta que serve para ensinar uma lição. Nela, os personagens costumam ser animais que falam e se comportam como pessoas, mostrando atitudes boas ou ruins. Essas histórias mostram situações do dia a dia e terminam com uma moral, ou seja, um ensinamento importante sobre como agir com sabedoria, honestidade, respeito ou responsabilidade. Um exemplo famoso é “A Cigarra e a Formiga”, onde a formiga trabalha o verão todo e a cigarra só canta. Quando chega o inverno, a formiga tem comida e a cigarra não. A moral da história é: precisamos nos preparar para o futuro e não viver só de diversão. As fábulas são muito usadas com crianças, mas também servem para adultos refletirem sobre o comportamento humano. Já as lendas são histórias antigas contadas pelo povo, que

mistura fatos reais com elementos de fantasia. Ela é passada de geração em geração, geralmente de forma oral, ou seja, contada de pai para filho, e busca explicar a origem de algo (como um rio, uma montanha, um animal, uma cidade) ou até mesmo ensinar valores culturais. As lendas têm personagens misteriosos, como seres encantados, fantasmas, animais mágicos ou heróis populares. Mesmo não sendo totalmente verdadeiras, elas fazem parte da cultura de um povo e ajudam a manter viva a sua tradição

Nesse contexto, e independente do gênero literário, Quadros (2008) faz um alerta em relação às traduções: de nada adianta traduzir para Libras e permanecer presente o paradigma do texto escrito; há que se explorar a visualidade (que é uma característica fundamental da cultura e identidade surda) e a Libras, ou seja, o material traduzido requer que o tradutor faça uso da língua de sinais e de materiais visuais da cultura surda. As imagens utilizadas para este fim não podem ser escolhidas como complementar ou auxiliar; elas devem ser escolhidas pensando que serão parte preponderante do trabalho didático.

Bär (2017, p. 2-3) complementa, dizendo que:

O desenvolvimento de materiais pedagógicos pela via da visualidade requer um profundo trabalho de pesquisa no sentido de adaptar didaticamente – atendendo aos critérios pedagógicos da educação bilíngue – os materiais escolhidos. Isso significa que não se trata apenas de um trabalho de tradução bimodal (da modalidade escrita da língua portuguesa para a modalidade visual - língua de sinais), mas uma organização didática e interativa dos materiais, de modo a propiciar melhor compreensão dos conteúdos.

Sendo assim, traduzir um material em Libras não é tão simples quanto possa parecer. Além de diferentes ferramentas tecnológicas, há que se entender e conhecer como se dá a construção de conhecimento pelos sujeitos surdos, para que o tradutor possa proporcionar diferentes possibilidades de aprendizagem por meio da experiência visual (Bär, 2017).

No Brasil, percebe-se que as traduções de literatura para Libras são escassas; por isso, há a intenção de se aprofundar os estudos, uma vez que se entende que “tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda” (Mourão, 2012, p. 3). Enquanto educadores, podemos utilizar estratégias buscando oportunidades para as crianças surdas no ambiente escolar, aproximando-as da literatura infantil.

[...] encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – de um jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... é a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades, ou encontrar um caminho para a resolução delas... (Abramovich, 1997, p. 17)

Nos últimos anos, a educação tem enfrentado transformações, impulsionadas tanto por avanços tecnológicos quanto por mudanças nas políticas educacionais. Essas transformações exigem uma constante reavaliação dos métodos pedagógicos e dos conteúdos abordados em sala de aula. A integração de novas tecnologias no ensino, a revisão de currículos e a implementação de práticas pedagógicas inovadoras são essenciais para atender às demandas contemporâneas da sociedade e do mercado de trabalho. Nesse contexto, a produção de minicontos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) emerge como uma prática pedagógica inovadora que não apenas estimula a inclusão de alunos surdos, mas também promove uma maior compreensão e valorização da diversidade cultural e linguística no ambiente educacional.

Os minicontos, marcados por sua concisão, destacam-se pela capacidade de condensar situações, em poucas palavras. Essa característica torna o gênero amplamente aceito, especialmente em contextos educacionais e digitais, onde a objetividade e o impacto rápido são valorizados, oferecem uma oportunidade única de engajamento e reflexão crítica para os alunos, além de serem ferramentas versáteis na promoção da literacia. No entanto, quando transpostos, esses textos literários ganham uma dimensão adicional de complexidade e relevância. A representação desafia os limites tradicionais da narrativa escrita, introduzindo uma camada visual e gestual que enriquece a experiência literária.

Investigar a tradução de materiais para Libras é o foco central deste estudo. Este trabalho tem como meta investigar o tema, buscando enriquecer o campo acadêmico e estabelecer bases sólidas para futuras pesquisas. Para alcançar esses objetivos e abordar os aspectos essenciais, o problema de pesquisa foi definido da seguinte forma: Quais são as estratégias visuais necessárias para uma boa tradução e escrita em Libras, e quais são as principais dificuldades enfrentadas nessas traduções?

Este estudo é significativo porque aborda a necessidade urgente de expandir recursos educacionais acessíveis, uma área frequentemente negligenciada na pesquisa acadêmica. A falta de material didático adequado limita as oportunidades educacionais para a comunidade surda, um aspecto que este trabalho visa mudar. A pesquisa também explora possíveis aplicações práticas das estratégias visuais em educação bilíngue para surdos, promovendo uma maior inclusão e acessibilidade no ensino. Este estudo servirá como uma base para investigações futuras no campo da educação de surdos e no desenvolvimento de materiais didáticos.

A metodologia adotada foi uma análise documental, com foco na análise detalhada de textos pertinentes ao tema investigado. A coleta de informações ocorreu através de bases de dados como Scielo, Capes e Google Scholar, além do uso de livros e periódicos científicos relevantes. Os idiomas considerados para as publicações foram: português, inglês e espanhol.

Para assegurar a atualidade e relevância dos dados, os critérios de inclusão abrangeram publicações dos últimos cinco anos e trabalhos considerados clássicos ou fundamentais para o entendimento do tema, independentemente de sua data de publicação. Foram incluídos estudos com abordagens qualitativas, quantitativas ou mistas que estejam disponíveis em bases confiáveis e periódicos revisados por pares. Os critérios de exclusão descartaram estudos que não estejam nos idiomas selecionados, publicações com mais de cinco anos que não sejam reconhecidas como clássicas ou fundamentais, e pesquisas que não estejam acessíveis integralmente ou que possuam baixa credibilidade científica. Conforme destacado por Dourado e Ribeiro (2023), esta estratégia de revisão literária oferece uma base sólida para a análise dos dados, pois sintetiza contribuições de diversas fontes e ajuda a identificar lacunas em estudos anteriores. A seleção e análise das fontes envolveram uma leitura detalhada dos resumos e uma avaliação crítica do conteúdo, garantindo uma compreensão atualizada e abrangente do tema.

Com os objetivos definidos, a pesquisa avançou cobrindo os tópicos a seguir: Introdução aos Minicontos em Libras; Framework Teórico para Análise de Minicontos; Produção de Minicontos em Libras; Estratégias Visuais em Minicontos; Análise Documental de Minicontos Traduzidos; Desafios na Tradução de Minicontos para Libras; Educação e Minicontos em Libras; Recepção e Impacto Cultural dos Minicontos em Libras; Tecnologia e Inovação na Produção de Minicontos em Libras.

## 1.1 Fundamentação teórica

### 1.1.1 *Framework* teórico para análise de minicontos

O estudo da literatura em Libras, particularmente através de minicontos, requer abordagens teóricas que considerem tanto as especificidades da língua de sinais quanto os contextos culturais dos surdos. Guimarães (2023) defende uma abordagem semiótica pragmática (análise do processo de significação que considera o contexto da utilização dos signos, o intérprete e a intenção comunicativa) para a análise literária, que considera como os sinais são usados para criar significado dentro de contextos comunicativos específicos. Esta perspectiva é necessária, visto que, como uma língua visual-espacial, emprega uma gama de modos expressivos, incluindo gestos, expressões faciais e a organização do espaço, que são elementos fundamentais na narrativa literária.

Santos (2022) realça a importância da crítica literária feminista e pós-colonial na análise, exemplo: A crítica feminista e a pós-colonial são formas de "ler nas entrelinhas" das histórias. A feminista foca em como mulheres são representadas, questionando se têm poder e se a história é justa com elas. A pós-colonial olha para histórias de lugares que foram dominados, vendo se eles são mostrados com respeito e como superam essa história. Usar as duas juntas ajuda a entender quando alguém sofre duplamente, por ser mulher e por vir de um lugar colonizado. É um jeito de dar atenção a quem nem sempre teve voz nas narrativas, propondo que essas lentes teóricas ajudem a explorar as dinâmicas de poder, identidade e resistência dentro da literatura surda. Esta abordagem é essencial para entender como podem servir como formas de expressão cultural e política, desafiando as narrativas dominantes e destacando as experiências vividas pela comunidade surda. Embora o objetivo principal desta pesquisa não seja detalhar individualmente cada uma das abordagens teóricas, contudo a influência permeia a análise dos minicontos selecionados. Reconhecendo a importância de todas as perspectivas para desvelar as sutilezas das representações de gênero.

Fernandes (2022) sugere a aplicação da teoria da recepção, examinando como diferentes audiências interpretam e valorizam essas obras. A teoria da recepção é particularmente relevante em contextos surdos, uma vez que considera as variáveis

de como as pessoas surdas recebem e respondem à literatura, que pode diferir devido às variações na educação e nas experiências culturais.

Rodrigues *et al.* (2021) introduzem uma perspectiva intertextual, enfatizando como esses textos dialogam com outras obras literárias e culturais, tanto dentro quanto fora da literatura surda. A análise intertextual permite aos pesquisadores e leitores explorarem as conexões, alusões e referências cruzadas que fazem, enriquecendo a compreensão da obra e seu lugar dentro de um campo literário mais amplo.

Matias, Cristovão e Lousada (2020) introduzem o conceito de tradução intersemiótica ao discutir a tradução de textos para Libras, destacando como a transcrição de uma modalidade linguística para outra envolve a transformação de textos escritos em representações visuais que mantêm a fidelidade ao significado original enquanto adaptam sua forma para atender às estruturas linguísticas e culturais. Este processo requer um entendimento profundo das limitações e possibilidades como língua, garantindo que a tradução seja não apenas compreensível, mas também culturalmente relevante.

Neves e Bunzen Júnior (2021) exploram a adaptação cultural na tradução para Libras, argumentando que a eficácia da tradução depende da capacidade do tradutor de interpretar e reconstruir o texto original de uma forma que ressoe com a experiência cultural dos usuários. Eles propõem que a tradução deve ser vista como uma forma de localização, onde o conteúdo é adaptado não apenas em termos de língua, mas também de contextos culturais, sociais e históricos, que influenciam a maneira como a informação é recebida e compreendida.

Tosta (2021) aborda a tradução sob a ótica da acessibilidade, destacando a importância de tornar a literatura e outros textos culturais acessíveis para a comunidade surda. Ele sugere que as teorias de tradução aplicadas devem incorporar princípios de design universal, garantindo que as traduções não só transmitem informações, mas também promovam a inclusão e a participação plena da comunidade surda na vida cultural e educacional.

Silva Junior e Morais (2022) discutem a necessidade de um enfoque colaborativo, apontando que os melhores resultados são alcançados quando tradutores trabalham em conjunto com a comunidade surda, incluindo consultas frequentes e feedback durante o processo de tradução. Essa abordagem colaborativa assegura que as traduções sejam autenticamente representativas da língua e da

experiência surda, além de fomentar uma maior aceitação e valorização como meio literário e acadêmico.

Assim, as teorias de tradução aplicadas visam a promoção de uma comunicação eficaz e inclusiva. Ao adaptar teoricamente a tradução para considerar as particularidades de Libras, é possível superar barreiras linguísticas e culturais, ampliando o acesso da comunidade surda a uma vasta gama de textos e conhecimentos.

Cruz (2021) destacam a complexidade, notando que, como qualquer língua, possui ricas camadas de significado que são exploradas de maneira única na literatura. A análise linguística em contextos literários abrange não só o léxico e a gramática, mas também como esses elementos são empregados para criar estilo, ritmo, e metáfora, elementos importantes em qualquer obra literária.

Ferreira *et al.* (2022) aprofundam-se na discussão sobre a sintaxe e a semântica em textos literários, examinando como a estrutura da língua pode ser manipulada para produzir efeitos estilísticos que influenciam a interpretação do leitor. Eles exploram, por exemplo, como a ordem dos sinais pode ser alterada para enfatizar certos aspectos de uma história ou para criar suspense, similar à manipulação de sintaxe em línguas orais para alcançar efeitos narrativos específicos.

Seibel *et al.* (2023) introduzem uma perspectiva interdisciplinar, integrando conceitos de análise linguística com teorias literárias para examinar como Libras transmite temas, configurações e perspectivas de personagens. Eles argumentam que a capacidade para expressar simultaneamente e de maneira espacial informações que em línguas orais seriam sequenciais oferece um campo vasto para a inovação literária, permitindo aos escritores surdos explorarem novas formas narrativas que refletem mais precisamente sua visão de mundo e experiência sensorial.

Bedin (2021) focam na pragmática (análise da significação que considera a interação entre o emissor e o receptor) em textos literários, analisando como os aspectos contextuais influenciam o significado em obras de literatura surda. Eles discutem como podem utilizar o contexto situacional e cultural para enriquecer o texto, empregando gestos culturais específicos e expressões faciais que ressoam profundamente com a audiência surda, aumentando assim a imersão e a relevância cultural da narrativa.

A análise linguística, portanto, não apenas ilumina os aspectos técnicos da língua, mas também revela seu potencial como veículo de expressão literária rica e

complexa. Este campo de estudo não só enriquece a compreensão acadêmica como uma língua completa e expressiva, mas também é válida e eleva a literatura surda, promovendo um maior reconhecimento e apreciação de suas contribuições únicas para o cânone literário global.

A narratividade em linguagem de sinais, especialmente em contextos literários, envolve uma série de conceitos únicos que refletem a natureza visual e espacial. Ribeiro *et al.* (2022) exploram a capacidade da linguagem de sinais de transmitir histórias e narrativas, destacando como a utiliza o espaço físico e a expressão corporal para criar contextos e cenas narrativas. Esta característica permite que narradores em Libras empreguem uma "cena visível", onde o espaço ao redor do narrador é ativamente incorporado na história, algo que não tem paralelo direto nas línguas orais.

Santos (2020) aprofunda o entendimento de como a temporalidade é expressa, notando que, diferentemente das línguas faladas, onde o tempo pode ser indicado linearmente através de verbos e outros marcadores temporais, em Libras, o tempo muitas vezes é representado através de alterações no espaço de sinalização ou na velocidade e fluidez dos sinais. Este aspecto da narratividade desafia as concepções tradicionais de sequência narrativa e oferece uma nova perspectiva sobre como as histórias podem ser estruturadas e entendidas.

Chaves (2022) discute a interação entre narradores e audiência em apresentações de histórias em Libras, salientando a importância da reciprocidade visual entre o contador de histórias e seus espectadores. Esta interação direta, possível na comunicação face a face que é típica na sinalização, enriquece a narrativa, permitindo ajustes e modificações em tempo real baseados nas reações da audiência. Tal dinâmica contribui para uma experiência narrativa mais envolvente e participativa, que é fundamental na literatura surda.

Além disso, a narratividade frequentemente incorpora elementos de metáforas visuais, que são usadas não apenas para decorar a linguagem, mas como ferramentas essenciais para transmitir conceitos abstratos e emocionais. A habilidade de usar o corpo e o espaço para criar imagens visuais que representam ideias complexas é uma das mais poderosas características da Libras, permitindo aos surdos uma expressão rica e detalhada que é intimamente conectada à sua experiência sensorial e perceptiva do mundo.

Nesse sentido, Sessa, Souza e Nunes (2025) discutem o desenvolvimento de metáforas visuais, que diferentemente das metáforas verbais em línguas faladas, dependem de representações visuais e da manipulação do espaço para transmitir significados que vão além do literal. Metáforas em Libras podem envolver a transformação de um sinal conhecido em algo que simboliza conceitos mais abstratos, utilizando movimentos, orientações e expressões faciais específicas que se conectam culturalmente aos conceitos que representam.

Albuquerque (2024) destaca a importância do simbolismo cultural, apontando que muitos sinais são derivados de práticas culturais surdas e incorporam uma rica tapeçaria de referências que são exclusivamente acessíveis aos conhecedores dessa cultura. Por exemplo, um gesto pode simbolizar "paz" ou "conflito" dependendo de seu contexto de uso e da forma como é executado, incorporando uma camada de significado que enriquece a comunicação.

Carmo (2021) analisam como os educadores podem usar metáforas e simbolismo para melhorar a compreensão e o engajamento dos alunos surdos em salas de aula. Eles sugerem que o ensino de literatura em Libras que utiliza metáforas visuais ajuda os alunos a desenvolverem habilidades de pensamento crítico e interpretação, pois os estudantes aprendem a identificar e interpretar o uso de símbolos e metáforas, habilidades essenciais para a compreensão leitora avançada.

Santos e Fernandes (2021) exploram as implicações pedagógicas do simbolismo, destacando como os educadores podem introduzir conceitos complexos através de metáforas visuais que são intuitivamente compreendidas pelos alunos surdos. A capacidade de converter abstrações em representações visuais concretas é particularmente valiosa em contextos educacionais, onde conceitos complexos precisam ser explicados de maneira clara e tangível.

O uso eficaz de metáforas e simbolismo facilita a comunicação mais rica e expressiva e serve como um veículo crucial para a expressão cultural e literária dentro da comunidade surda. Ao incorporar esses elementos, a língua de sinais se revela como um sistema linguístico robusto e expressivo, capaz de transmitir uma ampla gama de sentimentos, ideias e narrativas complexas.

Borba (2023) destacam a importância dos minicontos como meio de explorar e expressar questões culturais específicas através de uma forma literária acessível e engajante. Eles argumentam que, especialmente em contextos multiculturais, podem

servir como janelas para diversas experiências e perspectivas, permitindo aos leitores explorarem identidades e contextos sociais de maneira condensada e impactante.

Ávila-Nóbrega (2023) aborda a interpretação cultural sob a ótica da teoria crítica, sugerindo que essas narrativas breves podem ser usadas para questionar e desafiar as normas sociais estabelecidas. Por meio de sua concisão e foco em momentos decisivos, oferecem oportunidades para dissecar e criticar aspectos culturais de maneira aguda e direta, tornando-se poderosos instrumentos para a educação e para a mudança social.

Lessa Neta (2020) investiga como refletem as dinâmicas culturais e históricas de uma comunidade, especialmente no que tange à representação de gênero, raça e classe social. A autora ressalta que, por sua natureza breve e impactante, podem capturar e comunicar complexidades sociais e conflitos em um espaço muito limitado, oferecendo determinantes densos e profundos sobre as tensões e as celebrações que caracterizam a vida cotidiana.

Souza e Camelo (2022) apontam que, ao incorporar minicontos de diferentes culturas no currículo, os educadores podem promover um entendimento mais profundo e empático entre os estudantes, facilitando o diálogo intercultural e o respeito mútuo. A brevidade e a clareza tornam-nos particularmente eficazes para esses fins, pois permitem uma exploração rápida, mas significativa de ideias complexas e estimulam discussões ricas e envolventes em ambientes educacionais.

A integração dos estudos de gênero na análise proporciona uma camada adicional de compreensão crítica que enriquece a interpretação literária e contribui para a educação. Essa abordagem analítica, conforme discutido por Castro (2023), permite que pesquisadores e leitores identifiquem como as normas de gênero são representadas, desafiadas ou perpetuadas em narrativas breves. Castro sugere que os minicontos, devido à sua concisão, oferecem um terreno fértil para explorar como os personagens são construídos e como as questões de gênero influenciam suas ações e destinos, oferecendo determinantes sobre as dinâmicas sociais.

Nogueira (2021) amplia essa discussão ao examinar como podem ser usados como ferramentas pedagógicas para questionar estereótipos de gênero e promover a igualdade. A autora destaca que, ao incluir minicontos que abordam temas de gênero de maneiras inovadoras e críticas, os educadores podem incentivar os alunos a refletirem sobre suas próprias percepções e as estruturas sociais em que estão inseridos. Esta abordagem não apenas enriquece a experiência educacional, mas

também capacita os alunos a pensarem criticamente sobre questões de igualdade de gênero.

Santos *et al.* (2023) argumentam que são particularmente eficazes em destacar a complexidade dessas intersecções de uma maneira que é diretamente acessível aos leitores, o que pode ajudar a fomentar uma compreensão mais nuançada das identidades e das opressões interseccionais, o que é crucial para os debates contemporâneos em estudos de gênero.

Silva (2024) investigam que quando apresentam personagens e situações que desafiam as normas de gênero convencionais, eles podem promover uma maior sensibilidade e conscientização sobre as questões de gênero entre os leitores. Este impacto é particularmente relevante no contexto educacional, onde tais narrativas podem servir como pontos de partida valiosos para discussões em sala de aula sobre diversidade, inclusão e respeito mútuo.

Abreu (2023) aborda a teoria de recepção destacando que, na literatura surda, os leitores não são meros receptores passivos, mas participantes ativos que interpretam textos com base em suas experiências culturais e linguísticas únicas. Abreu enfatiza que compreender como a comunidade surda recebe e interage com a literatura é crucial para o desenvolvimento de materiais que ressoem de maneira com este público.

Batista, Silva e Souza (2021) notam que, ao refletirem as realidades dos surdos, agem na formação de uma identidade surda coletiva. A representação de experiências surdas em narrativas literárias ajuda os leitores surdos a se verem refletidos na cultura de forma autêntica, promovendo uma maior autoestima e solidariedade comunitária.

Santos (2022) explora a aplicação prática dessas teorias em ambientes educacionais, argumentando que os educadores podem usar a literatura surda para facilitar discussões sobre a diversidade linguística e cultural. A compreensão dos efeitos de diferentes narrativas permite que professores e educadores criem experiências de aprendizado que não apenas informam, mas também moldam atitudes e percepções dos alunos sobre a comunidade surda e a própria surdez.

Schlemper (2016) investiga como elementos específicos, como o uso do espaço e a expressividade facial, afetam a recepção do texto e como esses elementos podem ser utilizados para criar um impacto emocional profundo e uma compreensão mais rica do conteúdo literário. Silva propõe que entender esses aspectos é essencial

para os escritores surdos e tradutores que buscam engajar seu público de maneira eficaz.

O estudo da literatura em Libras, particularmente através de minicontos, requer abordagens teóricas que considerem tanto as especificidades da língua de sinais quanto os contextos culturais dos surdos. Guimarães (2023), por exemplo, defende uma abordagem semiótica pragmática, que analisa o processo de significação considerando o contexto de uso dos signos, o intérprete e a intenção comunicativa. Essa perspectiva se mostra fundamental neste trabalho, pois os minicontos em Libras não se limitam à transposição de palavras, mas empregam expressões faciais, gestos e o espaço como elementos constitutivos da narrativa.

Da mesma forma, Santos (2022) destaca a crítica literária feminista e pós-colonial como instrumentos de leitura capazes de “ler nas entrelinhas” das histórias, chamando atenção para dinâmicas de poder, identidade e resistência. Essa lente teórica é particularmente relevante para esta pesquisa, pois permite compreender como os minicontos em Libras podem funcionar como formas de contestação cultural e política, ao dar voz a sujeitos surdos — frequentemente marginalizados tanto pelo ouvintismo quanto por outras formas de opressão social.

Fernandes (2022) sugere a aplicação da teoria da recepção, que é especialmente pertinente a este estudo porque amplia a análise para além do texto em si, observando como diferentes públicos, sobretudo os estudantes surdos, recebem e interagem com as obras. Isso dialoga diretamente com o interesse desta pesquisa em compreender os efeitos pedagógicos dos minicontos em Libras no ambiente escolar.

Rodrigues *et al.* (2021) contribuem com a perspectiva intertextual, mostrando como textos literários dialogam entre si. Esta ideia se conecta com a proposta de analisar minicontos em Libras enquanto parte de uma tradição literária mais ampla, permitindo identificar referências a fábulas, lendas e outras narrativas que circulam tanto na cultura surda quanto na ouvinte.

Outro eixo teórico essencial é o da tradução. Matias, Cristovão e Lousada (2020) introduzem a noção de tradução intersemiótica, que neste trabalho é central para compreender como os textos escritos podem ser transpostos para a Libras mantendo sua força estética e cultural. Neves e Bunzen Júnior (2021) complementam essa discussão ao destacar a adaptação cultural como fator indispensável, algo que

também orienta a análise dos minicontos escolhidos, pois envolve recriar sentidos de modo que ressoem com a experiência visual da comunidade surda.

Tosta (2021) reforça esse ponto sob a ótica da acessibilidade, propondo que a tradução deve seguir princípios de design universal, o que se alinha à proposta deste estudo de pensar os minicontos em Libras não apenas como produtos artísticos, mas também como recursos pedagógicos inclusivos. Já Silva Junior e Moraes (2022) enfatizam a colaboração com a própria comunidade surda, um aspecto metodológico que inspira esta pesquisa ao sugerir a importância de validação cultural e linguística dos materiais.

Pois, autores como Cruz (2021), Ferreira *et al.* (2022) e Seibel *et al.* (2023) aprofundam a análise linguística e literária, explorando como a Libras cria ritmo, metáforas e efeitos estilísticos próprios. Essa perspectiva está diretamente conectada ao corpus deste trabalho, que busca observar como minicontos em Libras exploram a visualidade para produzir impacto narrativo.

Dessa forma, ao articular diferentes referenciais como: semiótica pragmática, crítica literária, teoria da recepção, intertextualidade, tradução intersemiótica, acessibilidade e análise linguística o estudo se ancora em um arcabouço teórico plural, capaz de evidenciar a riqueza da literatura surda e, em particular, dos minicontos em Libras. Assim, não apenas reconhece-se a diversidade de abordagens, mas também se mostra como cada uma delas contribui para iluminar diferentes dimensões do objeto de pesquisa aqui investigado.

Por fim, essas teorias tendem a desenvolver uma compreensão mais completa da literatura surda como um campo dinâmico que contribui tanto para a coesão cultural quanto para a educação inclusiva. Ao aplicar as teorias de recepção e efeito, é possível adaptar a educação literária de maneira que respeite e celebre as diferenças linguísticas e culturais, enquanto promove um diálogo enriquecedor entre surdos e ouvintes.

### 1.1.2 Produção de minicontos em libras

Fernandes (2022) destaca que a criação de minicontos em Libras requer uma compreensão profunda de como os elementos visuais e gestuais podem ser utilizados para transmitir narrativas complexas. Os autores devem ser proficientes em Libras e em técnicas literárias que permitem a criação de tramas envolventes e personagens

multidimensionais sem o uso de sons. Este desafio implica uma reimaginação do uso do espaço, dos movimentos corporais e das expressões faciais como ferramentas narrativas primárias, em vez de meros complementos ao texto falado.

Silva Junior e Morais (2022) discutem o papel da colaboração entre escritores surdos e ouvintes na criação de minicontos em Libras. Essa colaboração visa assegurar que as narrativas sejam culturalmente autênticas e linguisticamente precisas, respeitando as nuances e as perspectivas da comunidade surda. Esses esforços conjuntos ajudam a superar as barreiras culturais e linguísticas, garantindo que sejam acessíveis e relevantes para seu público-alvo.

Ribeiro *et al.* (2022) exploram como a tradução pode ser uma parte integral do processo criativo, necessitando de adaptações para garantir que o conteúdo seja fielmente representado na língua de sinais. A tradução literária não é uma mera conversão de texto, mas uma recriação artística que mantém a essência da história original enquanto adapta sua forma para acomodar a estrutura e o ritmo.

Bedin (2021) incentivam os autores a experimentarem novas estruturas narrativas e técnicas de contar histórias, o que pode incluir a integração de tecnologias multimídia, como vídeo e animação, para enriquecer a experiência literária para os leitores surdos. Essas inovações não só expandem os horizontes da literatura surda, mas também oferecem novas formas de expressão e interação para a comunidade surda.

Portanto, o processo criativo é um esforço complexo que transcende a simples tradução de línguas faladas, envolvendo uma profunda consideração das capacidades expressivas e das necessidades culturais da comunidade surda. Ao navegar por esses desafios, os criadores contribuem para a diversidade e riqueza da literatura mundial. Carmo (2021) diz como existe necessidade de desenvolver estratégias específicas que traduzam a riqueza textual das línguas faladas para o dinamismo e a expressividade de Libras, destacando que isso vai além de uma simples transposição linguística, envolvendo a criação de uma experiência narrativa totalmente adaptada às características únicas da língua de sinais.

Matias, Cristovão e Lousada (2020) discutem que, ao contrário das línguas faladas, onde a narrativa progride principalmente através de construções verbais e sintáticas, em Libras, o espaço físico e a coreografia dos sinais atuam na construção da narrativa. Portanto, técnicas de escrita frequentemente envolvem o planejamento cuidadoso de como os sinais serão espacialmente organizados e como as transições

e sequências de movimentos podem efetivamente transmitir a progressão da história e o desenvolvimento dos personagens.

Guimarães (2023) aborda a questão da temporalidade, explicando como as técnicas de escrita devem ajustar a maneira como o tempo é representado na narrativa. Diferentemente das línguas faladas, que utilizam uma variedade de tempos verbais para indicar a sequência temporal, faz uso extensivo da expressão corporal e de marcadores visuais para situar a ação no tempo. Assim, a escrita pode empregar técnicas como a alternância de perspectivas ou mudanças na intensidade e velocidade dos sinais para indicar mudanças temporais ou para enfatizar aspectos particulares da trama.

Neves e Bunzen Júnior (2021) destacam que as técnicas de escrita devem refletir e respeitar as experiências culturais dos surdos, utilizando metáforas visuais e referências culturais que sejam para a comunidade surda, o que não só aumenta a relevância e a acessibilidade dos textos, mas também fortalece a identidade surda e promove uma maior inclusão cultural.

Portanto, a adaptação de técnicas de escrita não é apenas uma questão de linguagem, mas também de entender e incorporar as dimensões visuais, temporais e culturais que são intrínsecas à comunicação. Ao fazer isso, os escritores podem criar obras literárias que não apenas comunicam eficazmente, mas também enriquecem a experiência literária para os usuários de Libras, oferecendo-lhes narrativas que são tanto acessíveis quanto profundamente ressonantes com suas próprias experiências de vida.

Chaves (2022) discute a importância de roteiros visuais na criação de minicontos, destacando que estes roteiros devem ser meticulosamente planejados para capturar a essência da história através de imagens e sequências de ações. Os roteiros visuais ajudam a organizar o conteúdo de forma que cada gesto, expressão facial e movimento no espaço contribua de forma significativa para a narrativa. Chaves argumenta que, ao contrário do que ocorre em línguas faladas, onde a palavra escrita pode transmitir nuances através de adjetivos e advérbios, em Libras, tais nuances devem ser visualmente planejadas e executadas para assegurar que o leitor surdo receba a mesma riqueza de contexto e emoção.

Santos e Fernandes (2021) destacam que os elementos da narrativa devem ser estruturados de modo que a ordem visual dos eventos faça sentido tanto gramatical quanto narrativamente, como a utilização de técnicas cinematográficas,

como close-ups e cortes, frisando nos detalhes importantes ou mudanças de perspectiva, garantindo que os espectadores possam seguir a trama sem perder detalhes valiosos.

Borba (2023) exploram as inovações tecnológicas na produção de roteiros visuais para minicontos em Libras, como o uso de realidade aumentada e animação digital. Eles propõem que essas tecnologias possam ser utilizadas para criar experiências imersivas que tornem os minicontos mais acessíveis e atraentes para a comunidade surda. Por exemplo, elementos interativos podem ser incorporados para permitir que os leitores explorem diferentes aspectos da história em seu próprio ritmo, proporcionando uma forma de "leitura" que é visualmente rica e envolvente.

Portanto, requer um entendimento profundo das necessidades de sua audiência e das possibilidades oferecidas pela linguagem de sinais. Ao integrar planejamento meticuloso com técnicas visuais e tecnológicas, é possível criar obras literárias que não apenas narram histórias, mas também oferecem experiências culturais e educacionais profundas para a comunidade surda.

Ávila-Nóbrega (2023) explora a dinâmica dessa colaboração, destacando como a interação entre escritores surdos, que possuem profundo conhecimento cultural e experiencial da surdez, e tradutores surdos, especialistas na nuance linguística, pode enriquecer o processo criativo. Ele argumenta que essa sinergia facilita a expressão autêntica de ideias e emoções que ressoam com a comunidade surda, assegurando que a literatura produzida seja tanto linguisticamente precisa quanto culturalmente significativa.

Santos (2020) descreve a importância de os tradutores surdos terem um papel ativo não apenas na fase de tradução, mas desde o início do processo criativo. A inclusão de tradutores nas etapas iniciais de desenvolvimento dos textos pode ajudar a garantir que as estruturas narrativas e os elementos da trama sejam concebidos de maneira a aproveitar ao máximo as capacidades expressivas, como a adaptação de metáforas, humor e outros elementos literários de forma que sejam naturalmente compreensíveis e impactantes em Libras.

Cruz (2021) discutem como essa colaboração pode servir como uma ponte cultural, ajudando a superar os desafios de representar a diversidade de experiências dentro da comunidade surda. Eles apontam que escritores e tradutores surdos, trabalhando juntos, podem abordar estas diferenças regionais dentro da comunidade

surda, garantindo que a literatura seja inclusiva e representativa de uma ampla gama de perspectivas surdas.

Souza e Camelo (2022) abordam a colaboração sob uma perspectiva pedagógica, sugerindo que essas parcerias são cruciais para desenvolver recursos educacionais que efetivamente atendam às necessidades dos estudantes surdos. Eles destacam que livros didáticos e outros materiais educacionais desenvolvidos através de colaborações entre escritores e tradutores surdos podem oferecer modelos de linguagem mais autênticos e pedagogicamente valiosos, que são essenciais para o sucesso educacional dos estudantes surdos.

Assim, a colaboração entre escritores e tradutores surdos visa a criação de uma literatura que não apenas comunica, mas também celebra a rica tapeçaria cultural da comunidade surda. Esta parceria assegura que a literatura seja um reflexo verdadeiro das vidas, experiências e imaginação dos surdos, proporcionando uma literatura vibrante e profundamente enraizada na identidade surda.

A integração de ferramentas e tecnologias na criação de recursos educativos e literários para a comunidade surda tem revolucionado as metodologias de ensino e as práticas literárias em Libras. Estas tecnologias não apenas facilitam a criação de materiais mais acessíveis, mas também enriquecem a experiência de aprendizado e leitura para pessoas surdas, permitindo uma imersão mais profunda e interativa.

Santos *et al.* (2023) detalham o uso de *software* de edição de vídeo e plataformas de animação que são fundamentais na produção de conteúdo literário e educacional. Essas tecnologias permitem aos criadores desenvolverem narrativas visuais que são intuitivas e envolventes para o público surdo. A edição de vídeo, em particular, permite a inclusão de legendas, descrições visuais e a sincronização precisa entre o texto e a interpretação, o que é crucial para a compreensão e o engajamento dos estudantes e leitores surdos.

Lessa Neta (2020) explora o uso de aplicativos e plataformas interativas como ferramentas essenciais na educação de surdos. Tais tecnologias suportam a criação de conteúdos que são não apenas educativos, mas também interativos, permitindo aos alunos surdos participarem ativamente de seu processo de aprendizagem. Por exemplo, aplicativos que utilizam realidade aumentada podem proporcionar experiências de aprendizado que combinam elementos visuais e táteis, ajudando a solidificar o conhecimento e a prática da Libras de maneira mais eficaz.

Ferreira *et al.* (2022) discutem o impacto da internet e das redes sociais na disseminação e criação de literatura em Libras. A disponibilidade de plataformas de compartilhamento de vídeo como o YouTube e redes sociais tem permitido a autores surdos publicar suas obras de maneira independente, alcançando uma audiência global sem precedentes. Essas plataformas não apenas democratizam o acesso à literatura surda, mas também incentivam uma comunidade literária vibrante e diversificada onde autores e leitores podem interagir diretamente.

Seibel *et al.* (2023) salientam a importância de *softwares* de reconhecimento de gestos e tecnologias de captura de movimento na tradução e criação de conteúdo em Libras. Tais tecnologias permitem que movimentos e expressões faciais sejam capturados e analisados com precisão, garantindo que as nuances sejam fielmente representadas nos materiais educativos e literários. Esta precisão é fundamental para manter a integridade linguística e cultural dos conteúdos produzidos para a comunidade surda.

Silva *et al.* (2024) aponta que, através de seminários focados em Libras, os participantes aprendem não apenas sobre as técnicas de escrita, mas também sobre como utilizá-las de forma criativa e eficaz para contar histórias. Esses encontros frequentemente incluem sessões práticas onde os participantes podem criar e receber feedback imediato sobre seus trabalhos, o que é essencial para o desenvolvimento de habilidades em escrita e tradução.

Tosta (2021) examina o impacto dessas oficinas na formação de uma comunidade literária surda, observando que elas são fundamentais para a construção de redes de apoio entre os escritores surdos. Ele menciona que essas oficinas não só fortalecem as habilidades individuais, mas também promovem a colaboração e o mentorado entre autores mais e menos experientes, o que pode levar a projetos colaborativos e inovações na literatura surda.

Nogueira (2021) aborda a capacidade das oficinas de aumentar a conscientização sobre a literatura surda entre a comunidade educacional mais ampla. Segundo ela, os seminários que incluem participantes ouvintes são uma oportunidade para esses profissionais aprenderem sobre as especificidades e as experiências dos surdos, o que pode enriquecer as práticas pedagógicas e literárias em ambientes educacionais inclusivos.

Abreu (2023) realça como os seminários podem servir como laboratórios para o desenvolvimento e a avaliação de recursos educativos, permitindo que educadores

e tradutores testem novas abordagens e recebam feedback valioso dos usuários finais – os alunos surdos – sobre a eficácia e a acessibilidade dos materiais.

Essas oficinas e seminários, portanto, atuam no avanço da literatura e educação em Libras, proporcionando uma plataforma para a aprendizagem contínua, o desenvolvimento profissional e a inovação pedagógica. Elas são fundamentais não apenas para aprimorar as habilidades dos indivíduos envolvidos, mas também para fortalecer a comunidade surda e promover uma maior inclusão e reconhecimento de suas contribuições culturais e linguísticas.

Os criadores de conteúdo enfrentam uma série de desafios únicos que transcendem as dificuldades habituais da criação literária e educacional. Estes desafios envolvem questões linguísticas, tecnológicas, culturais e de acessibilidade, que podem impactar a produção e a disseminação de materiais de qualidade para a comunidade surda.

Castro (2023) discute os desafios linguísticos enfrentados, particularmente a necessidade de manter a integridade linguística enquanto se comunica de forma eficaz com um público diversificado dentro da comunidade surda. A variedade dialetal, assim como em qualquer língua, significa que certos sinais ou construções podem ser interpretados de maneira diferente dependendo da região ou do background educacional do público, o que requer que os criadores sejam extremamente conscientes das variações linguísticas e culturais para assegurar que seu conteúdo seja acessível e compreensível para todos os membros da comunidade surda.

Batista, Silva e Souza (2021) ressalta os desafios tecnológicos, especialmente no que se refere à falta de ferramentas de edição e criação projetadas especificamente para Libras. Muitas das plataformas de edição de vídeo e *software* de animação não são otimizadas para trabalhar com a língua de sinais, o que pode limitar a habilidade dos criadores de implementar recursos visuais inovadores ou de editar seu trabalho com a precisão necessária para a clareza e fluidez. Os autores ainda abordam os desafios de acessibilidade, notando que, apesar do aumento da tecnologia de suporte, ainda há uma carência de recursos acessíveis que possam ajudar a promover a literatura e a educação, o que inclui a falta de financiamento para projetos que visam criar ou traduzir materiais em Libras, assim como uma escassez de plataformas de distribuição que sejam plenamente acessíveis para usuários surdos, especialmente em regiões menos desenvolvidas.

Santos (2022) destaca os desafios culturais, observando que os criadores de conteúdo frequentemente lutam para garantir que suas obras sejam culturalmente pertinentes e respeitadoras das normas e valores da comunidade surda. A criação de conteúdo que verdadeiramente repercute com a comunidade surda exige um profundo entendimento de suas experiências e perspectivas, o que pode ser desafiador para criadores que não têm uma conexão direta ou experiência pessoal com a surdez.

O estudo destaca a complexidade da criação de conteúdo e a necessidade de abordagens multidisciplinares que possam atender às necessidades específicas da comunidade surda. Solucionar essas questões não só melhorará a qualidade e a acessibilidade dos materiais disponíveis, mas também fomentará uma inclusão mais ampla e uma representação mais autêntica da comunidade surda na literatura e na educação.

## **1.2 Justificativa**

O interesse por esta temática surgiu a partir da minha atuação como docente no Novo Currículo Paulista – Inova Educação, especificamente nas disciplinas de Eletiva (Projeto Libras) e Projeto de Vida. Durante essa experiência, identifiquei uma significativa carência de materiais pedagógicos e obras literárias em Libras. Essa constatação se intensificou ao iniciar o trabalho direto com estudantes surdos logo após me especializar em Libras, ocasião em que ficou evidente uma lacuna que precisa ser urgentemente preenchida.

É imprescindível garantir que esses alunos, tanto da rede pública quanto da rede privada, tenham acesso aos mesmos direitos educacionais que seus colegas ouvintes. No entanto, surgem questionamentos inquietantes: como incentivar a leitura entre estudantes surdos se quase não existem produções literárias em sua língua natural? Como promover, de fato, uma educação bilíngue se os recursos em Libras são escassos? De que maneira orientar o estudo autônomo desses alunos em casa, se os materiais disponíveis estão, majoritariamente, em língua portuguesa?

São muitas as questões a serem consideradas, e a distância entre as garantias legais e a prática educacional revela o quanto ainda falta para que os alunos surdos tenham as mesmas oportunidades de ensino e aprendizagem que os demais.

Além disso, minha trajetória pessoal e profissional reforça o compromisso com esta temática. Mestre em Educação em Educação e estudante de

Fonoaudiologia, com formação em Sociologia, Pedagogia, História e Letras Libras. Possuo especialização em Libras, Educação Especial com ênfase no Transtorno do Espectro Autista (TEA), Ensino Remoto, Ensino a Distância, Metodologias Ativas e Gestão Escolar. Atuo como Interlocutora de Libras na Rede Estadual de Ensino de São Paulo.

Minha atuação está diretamente relacionada à promoção de uma educação inclusiva, com ênfase na acessibilidade e na garantia de direitos dos estudantes público-alvo da Educação Especial, em especial os surdos. Trabalho em parceria com professores regentes e equipes escolares, colaborando na elaboração de estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e a participação de todos os alunos. Minha fluência em Libras e minha experiência em contextos de Ensino Remoto e Educação a Distância me permitem transitar por diferentes realidades, buscando sempre metodologias inovadoras e acessíveis.

Nesse sentido, considero o tema desta pesquisa extremamente relevante. A acessibilidade deve ser compreendida como elemento essencial para a qualidade de vida e o pleno desenvolvimento dos indivíduos. A produção de conteúdos em Libras representa não apenas uma ferramenta pedagógica, mas também uma possibilidade concreta de ampliação da autonomia dos estudantes surdos. Além disso, o contato com a literatura em sua língua natural favorece a construção do conhecimento, estimula o desenvolvimento cognitivo e contribui para a valorização da identidade surda no ambiente educacional.

Portanto, a proposta aqui apresentada não parte apenas de uma inquietação teórica ou acadêmica, mas sobretudo de uma vivência prática e de um compromisso ético com a inclusão, com a defesa dos direitos educacionais e com a busca por equidade no acesso ao conhecimento.

### **1.3 Problema/Questão da pesquisa**

A comunidade surda, assim como qualquer outra, transmite de geração para geração suas histórias, sua cultura, seus valores e suas crenças por meio da chamada tradição gestual-visual, que ocorre através da Língua de Sinais. Histórias são criadas e recriadas através dos tempos e adaptadas à cultura da comunidade na qual está inserida, como uma forma de registrar suas lutas e uma maneira de comunicação própria (Schlemper, 2017). Ocorre que há poucos registros desta

literatura surda.

Sabemos que o papel do intérprete de Libras no contexto educacional é de suma importância para garantir que estudantes surdos tenham acesso ao conteúdo escolar em sua língua. A mediação linguística realizada por esses profissionais representa um elo essencial entre os alunos e a escola, viabilizando a comunicação e favorecendo o processo de aprendizagem. No entanto, apesar de sua relevância, o trabalho do intérprete não deve ser o único recurso disponível ao aluno surdo.

A dependência exclusiva da figura do intérprete, especialmente na ausência de materiais acessíveis em Libras, limita a autonomia do estudante, dificultando a revisão de conteúdos, o aprofundamento dos estudos e a construção de uma relação mais ativa com o conhecimento. Nesse sentido, a escassez de literatura e materiais didáticos traduzidos para Libras representa uma barreira significativa no processo de inclusão educacional.

Diante desse cenário, a incorporação da tecnologia se mostra uma aliada potente. A competência da Cultura Digital, como estabelecida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aponta para a necessidade de desenvolver nos estudantes a capacidade de utilizar ferramentas digitais para comunicar-se, acessar informações, produzir conhecimento e exercer seu protagonismo. Quando direcionada à PS, a tecnologia pode ser utilizada como meio de acessibilidade, possibilitando o registro, a disseminação e o uso de materiais em Libras.

Diante disso, este estudo propõe investigar: quais estratégias visuais e recursos tecnológicos podem contribuir para a produção e a tradução de materiais literários em Libras? Como tais estratégias podem complementar o trabalho do intérprete e favorecer a aprendizagem autônoma dos alunos surdos? Ao buscar respostas para essas questões, pretende-se contribuir para a valorização da língua de sinais no ambiente educacional e para a ampliação de práticas pedagógicas bilíngues que promovam equidade, acessibilidade e autonomia.

Nesse contexto, o principal objetivo da pesquisa foi de analisar produções acadêmicas, materiais teóricos e registros legais que tratam da adaptação, tradução e produção de minicontos em Libras. Especificamente: 1. Identificar os documentos existentes na literatura que abordam a temática dos minicontos em Libras; 2. Classificar os materiais encontrados de acordo com sua tipologia, ano e abordagem temática; 3. Apontar elementos recorrentes nos materiais sobre a visualidade e os aspectos linguísticos presentes nas adaptações para Libras; e, por fim, 4. Contribuir

com um panorama inicial sobre o estado da arte da produção de minicontos em Libras como subsídio para pesquisas futuras.

## **2 METODOLOGIA**

No campo metodológico, conforme Tuzzo e Braga (2016), a abordagem qualitativa caracteriza-se por oferecer possibilidades de flexibilização que favorecem a construção de investigações criativas e sensíveis à complexidade dos fenômenos humanos. Longe de seguir um modelo rigidamente estruturado, essa abordagem permite ao pesquisador mobilizar diferentes estratégias interpretativas interligadas, orientadas pela busca de compreensão profunda dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. A produção de dados ocorre em contextos naturais, valorizando situações rotineiras e problemáticas vividas pelos participantes, e prioriza a construção de sentidos em vez da generalização de resultados.

O presente trabalho utilizou a análise documental como estratégia investigativa, com o intuito de compreender qual é a disponibilidade de textos em Libras para surdos.

### **2.1 Análise documental**

A análise documental adotada nesta pesquisa visou à interpretação crítica de documentos que tratam da visualidade na tradução de materiais para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como das práticas inclusivas relacionadas à comunidade surda no campo educacional. Essa técnica contribui tanto para o embasamento teórico quanto para a formulação de conclusões que subsidiaram a elaboração do produto educacional.

No campo metodológico, conforme Tuzzo e Braga (2016), a abordagem qualitativa caracteriza-se por oferecer possibilidades de flexibilização que favorecem a construção de investigações criativas e sensíveis à complexidade dos fenômenos humanos. Longe de seguir um modelo rigidamente estruturado, essa abordagem permite ao pesquisador mobilizar diferentes estratégias interpretativas interligadas, orientadas pela busca de compreensão profunda dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. A produção de dados ocorre em contextos naturais, valorizando situações rotineiras e problemáticas vividas pelos participantes, e prioriza a construção de sentidos em vez da generalização de resultados.

O presente trabalho utilizou a análise documental como estratégia investigativa, com o intuito de compreender qual é a disponibilidade de textos em Libras para surdos.

## **2.2 Análise dos resultados**

O processo de produção e sistematização dos dados documentais ocorreu em duas frentes de buscas: (1) publicações acadêmicas; (2) vídeos na plataforma digital YouTube, com base em critérios como acessibilidade, qualidade da tradução e adequação linguística à Língua Brasileira de Sinais (Libras); (3) Tratamento de dados.

### **2.2.1 Publicações acadêmicas**

A busca bibliográfica foi realizada entre os meses de janeiro e março de 2025, utilizando as seguintes bases de dados: SciELO, Google Acadêmico, ERIC, BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) e Capes Periódicos.

Os descritores utilizados para a busca foram combinados em pares e trios, utilizando operadores booleanos (AND/OR). Os principais termos incluíram:

- Língua Brasileira de Sinais
- Libras
- tradução audiovisual
- visualidade
- educação de surdos
- análise documental
- inclusão escolar
- materiais pedagógicos em Libras
- recursos bilíngues

Alguns exemplos de combinações são (Libras AND visualidade AND educação), (tradução audiovisual AND análise documental), (materiais pedagógicos AND educação de surdos).

Os critérios de inclusão envolveram: publicações entre 2019 e 2025, com foco em trabalhos acadêmicos revisados por pares, teses e dissertações com interface entre Libras, educação inclusiva e análise documental. O recorte temporal de 2019 a 2025 justifica-se pelo avanço significativo da produção acadêmica sobre o tema após

a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), o que torna esse período especialmente representativo para os objetivos da pesquisa.

A plataforma digital YouTube ([www.youtube.com](http://www.youtube.com)), de acesso gratuito, foi utilizada como fonte de levantamento de vídeos em Língua Brasileira de Sinais (Libras), com ênfase em conteúdos literários acessíveis. Para a realização das buscas, foram seguidos os passos descritos a seguir.

### 2.2.2 Vídeos na plataforma digital YouTube

O acesso foi realizado por meio de navegadores de internet (Google Chrome, Mozilla Firefox, entre outros) ou utilizando o aplicativo oficial da plataforma em dispositivos móveis. Foram consideradas as buscas contendo as palavras chaves desta dissertação. a) data de envio do vídeo, b) tipo de vídeo (priorizando vídeos curtos), c) canal, para identificar criadores voltados à comunidade surda e, por fim, d) presença de legendas, para verificar a presença de legendas acessíveis.

## 2.3 Tratamento dos dados

Todos os documentos foram organizados em categorias temáticas, segundo eixos previamente definidos: (1) concepção de surdez e identidade surda; (2) representação visual na tradução em Libras; (3) políticas de inclusão escolar; (4) práticas pedagógicas bilíngues. A leitura analítica seguiu os princípios da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), articulando a presença de elementos visuais, linguagem em Libras e aspectos institucionais que influenciam a acessibilidade e a compreensão por parte da comunidade surda.

### **3 RESULTADOS E ANÁLISES**

#### **3.1 Materiais encontrados**

As buscas documentais realizadas resultaram na seleção de trinta e dois documentos entre dissertações, livros, artigos e legislações relacionados ao tema “miniconto em Libras”, organizados no Quadro 1. A sistematização considerou o recorte temático proposto na pesquisa, com ênfase na literatura surda, tradução, acessibilidade linguística e produção textual em Libras. Quadro 2. Esta análise examina quatro vídeos de minicontos em Libras disponíveis no YouTube, avaliando suas estratégias visuais, qualidade da tradução, recursos narrativos e potencial pedagógico. O objetivo é fornecer um levantamento de informações sobre minicontos em Libras e seu impacto no letramento de estudantes surdos.

A exclusão dos vídeos foi realizada com o objetivo específico de ilustrar, através de exemplos concretos da plataforma, as diversas formas de apresentação de minicontos em Libras. A intenção primordial não era uma análise exaustiva de cada vídeo, mas sim utilizar trechos selecionados para fundamentar e exemplificar as diferentes abordagens visuais e narrativas encontradas no YouTube. Dessa forma, os cortes serviram como base empírica para demonstrar a variedade de estilos e a presença desse tipo de conteúdo na plataforma, acrescentando imagens de pesquisa visual da plataforma.

Quadro 1 - Artigos e dissertações encontrados sobre o tema “Miniconto em Libras” por meio das buscas definidas para a análise documental.

<b>Autor/ Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição/ Editora/Evento</b>	<b>Fonte</b>
Ronice (2008)	Livro	Estudos Surdos III	Editora Arara Azul	Google Acadêmico
Gerhardt, Silveira (2009)	Livro	Métodos de pesquisa	Editora da UFRGS	Google Acadêmico
Mourão (2009)	Artigo	Adaptação e Tradução em Literatura Surda: A Produção Cultural Surda em Língua de Sinais	UNIRITTER/ CESF	SciELO, Google Acadêmico
Schlemper (2016)	Dissertação	Traduções Infantis Para Libras: O Conto como mediador de aquisição Sinalar	UFSC – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução	BDTD, Google Acadêmico
Bär (2017)	Artigo	Visualidade: Potencialidade e Desafio para a Educação Bilíngue para Surdos	III Colbeduca – Colóquio Luso- Brasileiro de Educação	SciELO, Google Acadêmico
Brasil (2017)	Documento Oficial	Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	MEC	Google Acadêmico
Schlemper (2017)	Livro	A Importância da Literatura Infantil em Libras no Desenvolvimento Infantil	Editora Arara Azul – Centro Virtual de Cultura Surda – Revista Virtual de Cultura Surda	Google Acadêmico
Boldo, Schlemper (2018)	Artigo	Literatura Surda: uma Questão de Cultura e Identidade	Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92	SciELO, Google Acadêmico
Cordeiro (2019)	Dissertação	Contos de Fadas na Educação Infantil: Narrativas de Experiências	UFSC – Centro de Ciências da Educação	BDTD, Google Acadêmico
Oliveira (2019)	Dissertação	Literatura Surda Infantil: Uma Via Para Além Do Silêncio	UNIOESTE – Curso de Pós-Graduação em Letras	BDTD, Google Acadêmico

<b>Autor/ Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição/ Editora/Evento</b>	<b>Fonte</b>
Ribas (2019)	Dissertação	Literatura Infantil em Libras: Aproximações Iniciais	UFSC	BDTD, Google Acadêmico
Bedin (2021)	Livro	Multiletramentos no ensino fundamental I: processos de criação e práticas pedagógicas	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Google Acadêmico
Lessa Neta (2020)	Tese	Estudo das propostas de produção textual escrita dos livros didáticos (1960–2020)	Repositório UFC	Google Acadêmico
Matias, Cristovão, Lousada (2020)	Livro	Gêneros textuais/discursivos y tecnologías digitales	FL Cópias	Google Acadêmico
Santos (2020)	Livro	Tecnologias digitais e o currículo dos anos iniciais do ensino fundamental: análises e proposições	UNESP	Google Acadêmico
Batista; Silva; Sousa (2021)	Artigo	O uso das TICs como recurso didático no ensino-aprendizado de língua portuguesa	Revista Principia – IFPB	SciELO, Google Acadêmico
Carmo (2021)	Livro	Literatura regional na aula de língua portuguesa: reconhecimento identitário	Universidade Federal do Amazonas	Google Acadêmico
Nogueira (2021)	Livro	Culturas da infância e recursos tecnológicos digitais	UNESP	Google Acadêmico
Chaves (2022)	Livro	Letramento da escola do campo: desafios da BNCC	Universidade Federal do Pampa	Google Acadêmico

<b>Autor/ Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição/ Editora/Evento</b>	<b>Fonte</b>
da Silva Junior; Morais (2022)	Artigo	Concepções e repercussões das tecnologias digitais no currículo do Tocantins	Humanidades & Inovação	Google Acadêmico
Ferreira <i>et al.</i> (2022)	Livro	Texto literário na sala de aula: microcontos no 7º ano	Universidade Federal de Alagoas	Google Acadêmico
MEC; INES (2022)	Projeto de pós - graduação	Língua Portuguesa: Leitura e Escrita no Ensino Para Surdos	DESU-COPÓS	Google Acadêmico
Ribeiro <i>et al.</i> (2022)	Livro	Fofoca literária: formação leitora no ensino médio via TikTok	Universidade Federal de Campina Grande	Google Acadêmico
Abreu (2023)	Livro	Educação Literária: escolha das obras e dos manuais do professor do PNLD-Literário 2020	Universidade Federal de Pernambuco	Google Acadêmico
Ávila-Nóbrega (2023)	Livro	Estudos sobre linguagens: teoria e prática	Pimenta Cultural	Google Acadêmico
Castro (2023)	Livro	Plágio e pesquisa na internet	Universidade de Brasília	Google Acadêmico
Dourado; Ribeiro (2023)	Livro	Metodologia qualitativa e quantitativa	Atena Editora	Google Acadêmico
Guimarães (2023)	Livro	As moiras na complexidade dos processos formativos	Universidade Federal de Sergipe – Pós-Graduação em Educação	Google Acadêmico
Santos <i>et al.</i> (2023)	Livro	Tears mágicos no 9º ano: minirrelatos e minicontos	Universidade Federal de Alagoas	Google Acadêmico
Albuquerque (2024)	Dissertação	As heroínas negras de Jarid Arraes: possibilidades pedagógicas	UNILAB – Redenção, Ceará	BDTD, Google Acadêmico
Borba (2023)	Livro	Curso online de língua inglesa: proposta didática	Instituto Federal de Brasília	Google Acadêmico

<b>Autor/ Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição/ Editora/Evento</b>	<b>Fonte</b>
Silva; Barros (2024)	Artigo	Regime de colaboração apresentado na BNCC	Espaço Plural	Google Acadêmico

Fonte: A autora.

O quadro 2 apresenta uma seleção de vídeos com traduções de minicontos para Libras, organizada para fornecer informações relevantes como canal, ano de publicação, número de visualizações no momento da pesquisa, título do vídeo e link de acesso. Essa sistematização visa oferecer uma síntese que contribua para o aprofundamento teórico e metodológico desta dissertação, superando, em parte, os obstáculos inerentes à pesquisa na vasta e dinâmica plataforma do YouTube.

Quadro 2 - Vídeos encontrados sobre o tema “Miniconto em Libras” por meio das buscas definidas para a análise documental.

<b>Canal/Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Endereço (URL)/Visualizações</b>
Rodrigo Barbosa Nogueira (2010)	Chapeuzinho Vermelho em Libras	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8">https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8</a> 1.051.554 visualizações
Audiovisual TILSP (2020)	Os Três Porquinhos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=NMWm61ZCFw">https://www.youtube.com/watch?v=NMWm61ZCFw</a> 14.900 visualizações
Cada encontro eu conto um conto (2021)	A árvore surda - Literatura surda (Libras)	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FQdRkZ3fdCY">https://www.youtube.com/watch?v=FQdRkZ3fdCY</a> 18.833 visualizações
Min e as mãozinhas (2021)	EP06 - Natal	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qRbJGCsD8BA">https://www.youtube.com/watch?v=qRbJGCsD8BA</a> 46.856 visualizações

Fonte: A autora.

A obtenção de um número exato de vídeos de minicontos em Libras no YouTube se mostra desafiadora devido à dinâmica da plataforma. Embora existam diversas listas de reprodução e canais focados nesse tipo de conteúdo, a busca pode ser dificultada pela inserção de propagandas e pela influência de algoritmos de inteligência artificial, que personalizam os resultados com base no histórico de navegação do usuário, potencialmente misturando acessos e pesquisas. Parte dessa dificuldade está mostrada no Quadro 3.

Quadro 3 - Resultados influenciados por algoritmo após a busca por “Minicontos em Libras”, na plataforma YouTube.

Ano	Resultado da busca	Print
2025	propaganda + diversos vídeos em diferentes contextos	<p>The screenshot shows the YouTube search results for 'minicontos em libras'. The top result is an advertisement for Monday.com titled 'Descompilque seus processos de gestão do trabalho com a monday.com'. Below the ad, there are several video thumbnails, including one with the text '3 sinais Contar'.</p>
2025	diferentes contextos + minicuento (fábula)	<p>The screenshot shows YouTube search results for 'minicontos em libras'. The top results are video thumbnails with titles like 'MEU NOME EM ...', 'Vamos testar seu conhecimento em ...', 'Dica de Libras para iniciantes: CASA não é ...', and 'OUTRAS Leituras: microcontos com ...'. There is also a video titled 'O FEIJÃOZINHO SURDO - HISTÓRIA EM LIBRAS'.</p>
2025	propaganda + miniconto (fábula)	<p>The screenshot shows YouTube search results for 'minicontos em libras'. The top result is an advertisement for Sensodyne toothpaste titled 'A MARCA COM A MELHOR TECNOLOGIA PARA DENTES SENSÍVEIS'. Below the ad, there is a video titled 'CONTO - LIBRAS' with 1.3 mil visualizações.</p>
2025	Miniconto (fábula)	<p>The screenshot shows YouTube search results for 'minicontos em libras'. The top result is a video titled 'CHAPEUZINHO VERMELHO EM LIBRAS' with 1 mi de visualizações. Below it, there is another video titled 'Conto em Libras "O sapo e a Flor" - legendado' with 43 mil visualizações.</p>

Ano	Resultado da busca	Print
2025	miniconto (fábula) + animação	
2025	propaganda e vendas de cursos de Libras	
2025	Tradução em Libras	

Fonte: A autora.

## 3.2 Análise individual dos vídeos encontrados

A análise dos vídeos a seguir seguirá com base no referencial teórico já apresentado na Seção 1.1.

### 3.2.1 A Árvore Surda - Literatura Surda (Libras)

Disponível no canal: Cada Encontro Eu Conto um Conto (2021). Contagem de visualizações: 18.833.

Estratégias visuais e recursos estéticos: O vídeo apresenta uma abordagem híbrida, combinando uma intérprete em Libras com um fundo ilustrado que representa o cenário da história. A composição visual é cuidadosa, com contraste adequado entre a intérprete e o fundo, facilitando a visualização dos sinais. A escolha de cores vivas

no cenário contribui para o engajamento visual, enquanto mantém o foco na sinalização.

Qualidade da tradução e adaptação cultural: Este vídeo se destaca por apresentar uma narrativa originalmente criada na comunidade surda, não sendo apenas uma tradução de um conto ouvinte. Conforme mencionado na descrição, "A árvore surda nasceu na comunidade surda como uma piada", demonstrando um exemplo autêntico de literatura surda. A adaptação para formato infantil preserva elementos culturais importantes da comunidade surda, oferecendo uma perspectiva endógena raramente encontrada em materiais traduzidos.

Recursos narrativos e engajamento: A narrativa utiliza expressões faciais intensas e classificadores elaborados, elementos fundamentais da gramática de Libras. A história explora metáforas visuais próprias da cultura surda, criando uma experiência narrativa autêntica. O ritmo da sinalização é adequado para o público infantil, com pausas estratégicas que permitem a assimilação do conteúdo.

Potencial pedagógico e acessibilidade: O vídeo inclui áudio em português, permitindo que "colegas, irmãos e pais ouvintes possam conhecer e assistir ao conto juntos", promovendo uma experiência bilíngue inclusiva. O canal disponibiliza materiais complementares para download, ampliando as possibilidades pedagógicas. A história apresenta valor cultural significativo por representar uma narrativa originada na própria comunidade surda, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes surdos.

### 3.2.2 Os Três Porquinhos

Disponível no Canal: Audiovisual TILSP (2020). Contagem de visualizações: 14.900.

Estratégias visuais e recursos estéticos: O vídeo apresenta uma abordagem minimalista, com um jovem intérprete posicionado ao lado de ilustrações coloridas dos personagens e cenários. O fundo azul claro cria contraste adequado com a sinalização, e as ilustrações são simples, mas expressivas. A composição visual equilibra a presença do intérprete e dos elementos ilustrativos, sem sobrecarregar o campo visual.

Qualidade da tradução e adaptação cultural: A tradução é realizada por João Pedro de Oliveira Nascimento, identificado como "Narrador em Libras", demonstrando

uma preocupação com a atribuição adequada de autoria. O vídeo é produto de um projeto acadêmico da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), o que sugere rigor técnico na tradução. A adaptação mantém os elementos narrativos essenciais do conto clássico, enquanto utiliza recursos expressivos próprios da Libras.

Recursos narrativos e engajamento: O intérprete utiliza expressões faciais marcantes e incorporação de personagens (role-shifting) de forma clara, diferenciando visualmente cada um dos três porquinhos e o lobo. O ritmo narrativo é dinâmico, com variações de intensidade que acompanham os momentos de tensão da história. A sinalização é fluida e natural, sugerindo uma preparação cuidadosa da narrativa.

Potencial pedagógico e acessibilidade: O vídeo faz parte do projeto "Atenção Bilíngue Virtual para crianças surdas em meio à pandemia do 'coronavírus'", evidenciando seu propósito educacional específico. A descrição inclui informações detalhadas sobre como citar o material, indicando uma preocupação com o uso acadêmico e pedagógico. A produção conta com equipe técnica especializada, incluindo edição visual e de som, além de tradução para voz, garantindo acessibilidade para públicos diversos.

### 3.2.3 EP06 - Natal

Disponível no Canal: Min e as mãozinhas (2021). Contagem de visualizações: 51.447.

Estratégias visuais e recursos estéticos: Este vídeo apresenta uma abordagem diferenciada, focada no ensino de sinais específicos relacionados ao tema natalino. O protagonista é uma criança que demonstra os sinais em um ambiente doméstico decorado para o Natal, criando uma atmosfera acolhedora e relacional. A estética é menos formal e mais próxima do cotidiano infantil, com iluminação natural e elementos decorativos reais.

Qualidade da tradução e adaptação cultural: Diferentemente dos outros vídeos analisados, este não apresenta uma narrativa contínua, mas sim um conjunto de sinais temáticos: "Natal", "Papai Noel", "Trenó", "O quê?", "Quebrou", "Árvore", "Bonita/bonito", "Ajuda" e "Esqueci". A abordagem é didática e direta, com foco na clareza dos sinais individuais mais que na construção narrativa.

Recursos narrativos e engajamento: O formato episódico (EP06 de uma série) cria continuidade e familiaridade para o espectador regular. O protagonista infantil

facilita a identificação do público-alvo com o conteúdo. Embora não seja uma narrativa tradicional, o vídeo mantém engajamento através da simplicidade e da conexão emocional com o tema natalino, universalmente atrativo para crianças.

**Potencial pedagógico e acessibilidade:** O vídeo tem claro propósito pedagógico, focado no ensino de vocabulário específico. A descrição lista explicitamente os sinais que serão apresentados, facilitando o uso por educadores. O formato é particularmente adequado para iniciantes em Libras, incluindo crianças surdas em fase de aquisição de linguagem e ouvintes interessados em aprender sinais básicos. Com mais de cinquenta mil visualizações, demonstra alcance significativo, sugerindo eficácia na disseminação de conteúdo educativo em Libras.

#### 3.2.4 Chapeuzinho Vermelho em Libras

Disponível no canal: Rodrigo Barbosa Nogueira (2010) Contagem de visualizações: 1.051.554.

**Estratégias visuais e recursos estéticos:** Este vídeo, o mais antigo da seleção (2010), apresenta uma abordagem minimalista com o intérprete em primeiro plano contra um fundo escuro neutro. Não há elementos ilustrativos ou cenográficos, concentrando toda a atenção na sinalização. A iluminação destaca as mãos e o rosto do intérprete, elementos essenciais para a compreensão em Libras.

**Qualidade da tradução e adaptação cultural:** A tradução é acompanhada de legendas em português, facilitando o acesso bilíngue. O intérprete demonstra fluência e expressividade na narrativa, adaptando o conto clássico com recursos próprios da Libras. A descrição identifica o conteúdo como "Contador de história de chapeuzinho vermelho em libras com legendas", enfatizando tanto a natureza narrativa quanto o recurso de acessibilidade.

**Recursos narrativos e engajamento:** O vídeo utiliza música clássica (Vivaldi - As Quatro Estações) como fundo sonoro, criando uma atmosfera que complementa a narrativa sem interferir na compreensão visual. O intérprete emprega técnicas de incorporação de personagens de forma expressiva, diferenciando claramente Chapeuzinho Vermelho, o lobo, a avó e o caçador através de postura corporal e expressões faciais distintas.

**Potencial pedagógico e acessibilidade:** Com impressionantes 1.051.554 visualizações, este é, de longe, o vídeo mais assistido entre os analisados,

demonstrando alcance excepcional para conteúdo em Libras. Sua longevidade (15 anos online) e alto número de comentários (112) sugerem impacto duradouro e engajamento significativo da comunidade. A simplicidade visual, combinada com legendas e qualidade narrativa, contribui para sua acessibilidade e utilidade pedagógica, apesar da ausência de recursos visuais complementares.

### **3.3 Análise comparativa**

#### **3.3.1 Estratégias visuais e estéticas**

Os quatro vídeos apresentam abordagens visuais distintas: A *Árvore Surda* utiliza cenário ilustrado integrado à intérprete, *Os Três Porquinhos* combina intérprete com ilustrações laterais, *EP06 - Natal* adota ambiente doméstico real com protagonista infantil, *Chapeuzinho Vermelho* emprega minimalismo visual com foco total no intérprete.

Esta diversidade de abordagens demonstra a flexibilidade do formato de minicontos em Libras, adaptando-se a diferentes recursos técnicos, públicos-alvo e objetivos pedagógicos. Notavelmente, o vídeo mais visualizado (*Chapeuzinho Vermelho*) é também o mais minimalista visualmente, sugerindo que a qualidade da sinalização e a força da narrativa podem ser mais importantes que elaborações visuais complexas.

#### **3.3.2 Origem e adaptação cultural**

Um aspecto significativo é a origem das narrativas: *A Árvore Surda* representa literatura originalmente surda, enquanto os demais apresentam adaptações de contos tradicionais para Libras

Esta observação corrobora a constatação de escassez de literatura originalmente produzida pela comunidade surda, conforme apontado na literatura acadêmica. A predominância de adaptações de contos clássicos, embora valiosa, evidencia a necessidade de maior estímulo à produção literária endógena da comunidade surda.

### 3.3.3 Propósito e Abordagem Pedagógica

Os vídeos apresentam propósitos pedagógicos distintos: A Árvore Surda e Chapeuzinho Vermelho focam na experiência narrativa completa, Os Três Porquinhos tem clara vinculação acadêmica e rigor metodológico, EP06 - Natal prioriza o ensino de vocabulário específico.

Esta diversidade de abordagens demonstra o potencial dos minicontos em Libras para atender diferentes objetivos educacionais, desde a aquisição de vocabulário básico até a apreciação literária e o fortalecimento da identidade cultural surda.

### 3.3.4 Engajamento e Alcance

O número de visualizações varia significativamente: Chapeuzinho Vermelho: 1.051.554 visualizações (2010), EP06 - Natal: 46.856 visualizações (2021), A Árvore Surda: 18.833 visualizações (2021), Os Três Porquinhos: 14.900 visualizações (2020).

O extraordinário alcance do vídeo mais antigo - com mais de 70 mil visualizações/ano - sugere que conteúdos de qualidade em Libras têm potencial de longevidade e ampla disseminação. A simplicidade técnica deste vídeo, comparada aos mais recentes, indica que a acessibilidade linguística pode ser mais valorizada pelo público em relação a elaborações técnicas sofisticadas. É também possível que o maior tempo de disponibilidade na rede, com possíveis surtos de divulgação em páginas externas ao YouTube possa colaborar para a resposta dos algoritmos de redes sociais, provocando um maior aparecimento deste vídeo nos resultados de busca por conteúdos em Libras.

## 3.4 Conclusões e Implicações

### 3.4.1 Diversidade de Abordagens

A análise revela uma diversidade significativa de abordagens na produção de minicontos em Libras, tanto em termos estéticos quanto pedagógicos. Esta variedade demonstra a flexibilidade do formato e seu potencial para atender diferentes contextos educacionais e preferências de aprendizagem.

### 3.4.2 Escassez de Literatura Originalmente Surda

Apenas um dos quatro vídeos analisados apresenta uma narrativa originada na própria comunidade surda, corroborando a constatação de escassez de literatura surda original. Este achado reforça a importância de políticas e iniciativas que estimulem a produção literária endógena da comunidade surda, além das adaptações de literatura tradicional.

### 3.4.3 Potencial de Alcance e Longevidade

O impressionante número de visualizações do vídeo mais antigo (mais de 1 milhão, cerca de 70 mil visualizações/ano) demonstra o potencial de alcance e longevidade de conteúdos de qualidade em Libras, mesmo quando produzidos com recursos técnicos limitados. Este dado sugere que o investimento na produção de minicontos em Libras pode ter impacto duradouro e amplo alcance.

### 3.4.4 Importância do rigor metodológico

A vinculação acadêmica de um dos vídeos (Os Três Porquinhos - UFSCar) evidencia a importância do rigor metodológico na produção de conteúdos em Libras, especialmente quando destinados a fins educacionais. A descrição detalhada da equipe envolvida e a orientação sobre citação acadêmica demonstram uma preocupação com a credibilidade e o uso apropriado do material.

### 3.4.5 Bilinguismo como estratégia de inclusão

Todos os vídeos analisados apresentam algum elemento de acessibilidade bilíngue (legendas, áudio em português ou tradução para voz), indicando uma preocupação com a inclusão não apenas de estudantes surdos, mas também de familiares, educadores e colegas ouvintes. Esta abordagem bilíngue favorece a construção de pontes comunicativas e o compartilhamento de experiências literárias entre surdos e ouvintes.

### 3.5 Recomendações

O importante trabalho recomenda explorar a tensão entre adaptação e criação original: A análise sugere uma predominância de adaptações de contos tradicionais, com escassez de narrativas originalmente surdas.

Investigar correlações entre recursos técnicos e engajamento: O contraste entre a simplicidade técnica do vídeo mais visualizado e a elaboração visual dos mais recentes levanta questões sobre quais fatores mais contribuem para o engajamento e a eficácia pedagógica dos minicontos em Libras.

1. Considerar o papel das instituições acadêmicas: A presença de um vídeo vinculado a projeto universitário sugere o potencial das instituições acadêmicas na produção de conteúdo de qualidade em Libras. A dissertação poderia explorar como fortalecer essas parcerias institucionais.
2. Analisar o impacto da representatividade: A presença de intérpretes de diferentes idades (incluindo uma criança) nos vídeos analisados levanta questões sobre representatividade e identificação do público-alvo com os narradores. Este aspecto poderia ser aprofundado na dissertação.
3. Considerando a evolução temporal das produções: Com vídeos produzidos em diferentes anos (2010 a 2021), a análise oferece uma perspectiva longitudinal sobre a evolução das produções de minicontos em Libras, aspecto que poderia ser explorado na dissertação para identificar tendências e projetar desenvolvimentos futuros.

### 3.6 Importância dos minicontos em libras

No contexto educacional, os minicontos surgem como um gênero literário distinto que se caracteriza pela brevidade e capacidade de transmitir mensagens complexas de maneira sucinta. De acordo com Ribeiro *et al.* (2022), são narrativas curtas que raramente ultrapassam 500 palavras, enfatizando a economia linguística enquanto desafiam o leitor a completar as lacunas implícitas. Essa característica os torna particularmente valiosos para o ensino de Libras, pois permite a concentração em elementos linguísticos e culturais específicos sem sobrecarregar o leitor com textos longos. Nesse sentido, Ferreira *et al.* (2022) apontam que se distinguem não apenas por sua brevidade, mas também pela capacidade de provocar reflexão e

interpretar situações humanas universais em poucas palavras. A estrutura de um miniconto é geralmente simples, mas sua narrativa é densa de significado, frequentemente culminando em uma reviravolta ou revelação surpreendente. Esta estrutura narrativa compacta é ideal para adaptar-se, onde a expressão facial e corporal pode ser usada eficazmente para amplificar o impacto do conteúdo narrativo. O desenvolvimento a seguir irá pontuar a defesa que muitos autores fazem da utilidade dos minicontos em Libras para a aprendizagem de PS e a própria difusão da cultura surda.

Em primeiro lugar, importa compreender que a tradução dos minicontos exige uma consideração cuidadosa sobre como as características linguísticas e culturais da língua de sinais influenciam a entrega da narrativa. A tradução não é apenas um processo linguístico, mas também cultural, onde elementos visuais e cinéticos são empregados para capturar e transmitir as nuances do texto original (Santos *et al.*, 2023). Adicionalmente, Bedin (2021) argumentam que são eficazes para o desenvolvimento de competências de leitura e interpretação em alunos surdos, proporcionando-lhes acesso a uma forma de literatura que é ao mesmo tempo acessível e rica em conteúdo educativo. A brevidade os torna menos intimidadores para leitores em desenvolvimento e permite que educadores concentrem as lições em temas ou estruturas linguísticas específicas, tornando-os ideais para a inclusão em currículos de educação bilíngue.

As suas origens na literatura podem ser traçadas até as narrativas breves que se manifestaram nas primeiras literaturas do mundo, evoluindo ao longo do tempo. Por exemplo, Fernandes (2022) sugere que, enquanto forma literária, os minicontos derivam de tradições orais e escritas que valorizam a concisão e a precisão. Essas narrativas, geralmente definidas pela economia de palavras, focam em um único evento, apresentando uma estrutura que destaca o impacto emocional ou a reviravolta final. Mais do que isso, Ávila-Nóbrega (2023) aprofunda essa discussão ao examinar como o se consolidaram como um gênero literário distinto no século XX, quando escritores começaram a explorar mais intensamente a capacidade de contar histórias completas em um espaço extremamente reduzido. Essa forma literária ganhou popularidade como uma maneira de capturar a essência de momentos complexos com uma clareza e intensidade que romances ou contos mais longos talvez não conseguissem.

Por outro lado, Tosta (2021) aborda a evolução em contextos culturais específicos, apontando como diferentes movimentos literários, como o modernismo, influenciaram sua forma e função. Os minicontos modernos frequentemente empregam técnicas narrativas que desafiam as convenções tradicionais da narração, incluindo a quebra de expectativas e a subversão de normas narrativas. Este desenvolvimento reflete não apenas uma mudança na técnica literária, mas também uma resposta aos rápidos ritmos de vida e à fragmentação da experiência moderna.

Nesse sentido, Seibel *et al.* (2023) investigaram como se os textos se adaptam e respondem às necessidades de um público contemporâneo, que cada vez mais valoriza a brevidade devido às limitações de tempo e à saturação de informações. Os minicontos modernos não só continuam a evoluir em termos de conteúdo e forma, mas também têm sido utilizados em ambientes educacionais como ferramentas eficazes para ensinar literatura de uma maneira que é simultaneamente acessível e profundamente reflexiva. Essa trajetória demonstra sua capacidade de se adaptar e ressoar com leitores de diversas épocas e contextos, oferecendo um veículo para a expressão condensada, mas poderosa, de ideias literárias complexas. Este gênero continua a ser uma área rica para exploração acadêmica e pedagógica, especialmente na maneira como ele engaja os leitores com narrativas que são ao mesmo tempo breves e profundamente significativas.

A adaptação é um processo que requer consideração cuidadosa das peculiaridades linguísticas e culturais associadas à comunicação visual-gestual. Segundo Neves e Bunzen Júnior (2021), a adaptação literária não é meramente uma tradução direta do texto escrito para sinais, mas envolve uma reconstrução criativa que respeita e utiliza as estruturas sintáticas e expressivas de Libras, o que implica em transformar a narrativa de modo que ela se torne visualmente coerente e emocionalmente ressonante para o público surdo. Guimarães (2023) expande essa visão ao discutir a importância de envolver a comunidade surda no processo de adaptação, assegurando que as traduções sejam autênticas e culturalmente relevantes. O autor destaca que a participação de tradutores surdos é crucial, pois eles trazem informes sobre como os elementos culturais e idiomáticos podem ser mais bem incorporados na história, enriquecendo a experiência literária e garantindo fidelidade ao espírito original do miniconto.

Adicionalmente, Albuquerque (2024) argumenta que o uso de expressões faciais, movimentos corporais e a manipulação do espaço são aspectos fundamentais

que permitem transmitir as nuances e subtextos presentes nos minicontos, o que não só captura a atenção dos espectadores como também proporciona uma camada adicional de interpretação e profundidade, que são essenciais em narrativas breves onde cada gesto pode conter significados múltiplos. Esses autores concordam que a adaptação oferece uma oportunidade única para inovação na narrativa surda, permitindo que a literatura seja mais inclusiva e acessível. Este processo não apenas abre novos horizontes para a expressão criativa, mas também promove uma maior conscientização sobre a riqueza e a complexidade desta língua entre os ouvintes. Através dessas adaptações, se tornam uma ponte valiosa entre as comunidades surdas e ouvintes, enriquecendo o cenário literário com novas perspectivas e experiências compartilhadas.

A importância da literatura breve e acessível, especialmente no contexto educacional, é cada vez mais reconhecida como uma ferramenta vital para facilitar o aprendizado e promover a inclusão. Cruz (2021) destacam que a literatura breve, como os minicontos, pode ser uma maneira eficaz de introduzir conceitos complexos de maneira concisa, permitindo aos alunos absorverem e refletir sobre o material sem o peso de textos extensos. Esta abordagem não só otimiza o tempo de aprendizado, mas também mantém o engajamento dos alunos, especialmente em ambientes educacionais onde o tempo e a atenção podem ser limitados.

Santos (2022) explora como a acessibilidade dessas obras contribui para a inclusão de estudantes com diferentes necessidades de aprendizado, incluindo aqueles com dificuldades de leitura e concentração. Ao fornecer narrativas que requerem menos tempo para leitura, mas que são ricas em conteúdo e emoção, tornam-se recursos valiosos para professores que buscam adaptar suas metodologias a diversos estilos de aprendizado. A brevidade dos textos não compromete a qualidade literária ou a profundidade dos temas abordados, o que é crucial para o desenvolvimento intelectual e crítico dos alunos.

De fato, Silva e Barros (2024) apontam para a importância desses textos no desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas. A natureza condensada desafia os alunos a identificar temas, símbolos e motivações com maior rapidez e precisão, habilidades que são transferíveis para outras áreas do conhecimento e essenciais para o sucesso acadêmico. Além disso, a capacidade de sintetizar e interpretar rapidamente informações é cada vez mais valorizada em muitos campos profissionais,

tornando a literatura breve uma preparação eficaz para o futuro profissional dos estudantes.

Nesse contexto, Matias, Cristovão e Lousada (2020) argumentam que a literatura breve promove uma maior democratização do acesso à cultura e à educação. Em contextos em que os recursos educacionais são limitados ou onde os alunos podem não ter acesso regular a bibliotecas ou materiais de leitura extensos, minicontos podem ser facilmente distribuídos e compartilhados, inclusive digitalmente, superando barreiras físicas e socioeconômicas. Esta característica torna a literatura breve um aliado importante no esforço para alcançar a equidade educacional.

Portanto, a literatura breve e acessível não é apenas uma ferramenta de engajamento ou uma conveniência educacional; ela é um componente na estratégia de ensino que visa aprimorar a compreensão, a análise crítica e a inclusão. Esses textos oferecem oportunidades para explorar a diversidade de expressões literárias e promover uma cultura de leitura inclusiva e adaptativa.

Silva Junior e Morais (2022) destacam que os minicontos, adaptados para Libras, oferecem uma oportunidade única para explorar a narrativa visual, aproveitando a riqueza expressiva desta língua de sinais. Este formato literário, ao ser traduzido, transforma a experiência de leitura para o público surdo, proporcionando uma conexão mais direta e emotiva com as histórias contadas. Ainda, Rodrigues *et al.* (2021) argumentam que os minicontos enriquecem o repertório literário disponível para surdos e servem como uma ferramenta essencial para a educação linguística e literária dessa comunidade. A brevidade e a densidade são ideais para o ensino de Libras, pois permitem aos educadores focarem em elementos específicos da língua, como a utilização do espaço, expressões faciais e o ritmo dos sinais, sem sobrecarregar os estudantes com textos longos e complexos.

Outro viés destacado por Chaves (2022), é de que os minicontos atuam na promoção da identidade cultural surda. Ao incorporar temas e perspectivas que refletem as experiências vividas pela comunidade surda, esses textos ajudam a fortalecer o senso de pertencimento e a autoestima dos surdos. Eles também oferecem aos ouvintes informações sobre a vida e os desafios enfrentados pelos surdos, promovendo maior empatia e compreensão intercultural.

Santos (2020) complementa essa visão ao discutir como os minicontos em Libras podem ser usados para desafiar e expandir as convenções narrativas dentro da literatura surda. A flexibilidade deste gênero permite experimentações com a forma

e o conteúdo, o que pode levar a inovações literárias que refletem melhor as nuances da comunicação não verbal e da percepção visual que são intrínsecas à experiência surda.

No contexto da literatura surda, se destacam por sua capacidade de capturar a essência da experiência humana através de um formato conciso e visualmente expressivo. A literatura surda, em particular, beneficia-se desta forma literária, como ilustrado por diversos exemplos notáveis discutidos na literatura acadêmica.

Por exemplo, Lessa Neta (2020) destaca habilidades que propõe criar minicontos, podendo se encaixar neste cenário e sim narrar a jornada emocional de jovens surdos ao navegar por um mundo predominantemente ouvinte. Utilizando a Libras de maneira eficaz para expressar a solidão e o isolamento, mas também a resiliência e a aceitação, demonstrando como a literatura surda pode abordar questões profundas de identidade e inclusão.

No que tange a representação cultural, Abreu (2023) investiga a produção "O Encontro",<sup>2</sup> que relata a interação entre dois personagens surdos de diferentes culturas. Este miniconto explora as nuances da comunicação não-verbal e as diferenças culturais dentro da própria comunidade surda, proporcionando uma visão sobre a diversidade e a complexidade das identidades surdas.

Uma metáfora bastante interessante é utilizada por Nogueira (2021) no miniconto "Espelhos". Por meio dele, o autor discute temas de autorreconhecimento e expressão pessoal, o que não apenas conta uma história, mas também convida os leitores a refletirem sobre suas próprias percepções e a maneira como veem o mundo e a si mesmos.

Esses exemplos notáveis demonstram como os minicontos em Libras não são apenas uma forma de entretenimento, mas também poderosos veículos para educação, expressão cultural e debate social. Eles oferecem à comunidade surda meios de ver e interpretar o mundo através de suas próprias lentes, reforçando a importância da inclusão e do reconhecimento de suas experiências no cânone literário mais amplo. De acordo com Borba (2023), a eficácia na distribuição depende da integração de tecnologias digitais e plataformas multimídia que são acessíveis a esse

---

<sup>2</sup> <https://www.topleituras.com/livros/cores-vento-4487>  
Tibi e Joca: Uma história de dois mundos - Literatura Surda  
<https://www.youtube.com/watch?v=-05cBUVw9-w>

público. Estes autores enfatizam que a utilização de vídeos online, especialmente através de plataformas de compartilhamento como YouTube e redes sociais, permite uma ampla distribuição dessas narrativas, atingindo audiências surdas globais que podem não ter acesso fácil a materiais impressos ou recursos educacionais tradicionais. Por outro lado, a identificação de apenas quatro vídeos (Quadro 2) mostra o quanto esse processo de distribuição ainda é escasso.

Nesse sentido, Carmo (2021) discutem a importância das parcerias entre escolas, bibliotecas e organizações culturais para a difusão de minicontos em Libras. Essas colaborações muitas vezes resultam na organização de eventos como oficinas literárias e festivais de literatura surda, que não apenas promovem os minicontos, mas também incentivam a participação e o engajamento da comunidade surda. Através desses eventos, são apresentados de maneira interativa, facilitando um ambiente de aprendizado rico e envolvente que é vital para a educação literária. Assim também, Santos e Fernandes (2021) acrescentam que as escolas atuam na disseminação por meio de programas de leitura e literatura incluídos nos currículos escolares. A inclusão em materiais didáticos e como parte de atividades de sala de aula não apenas enriquece o processo educativo para estudantes surdos, mas também aumenta a conscientização entre estudantes ouvintes sobre a língua de sinais e a cultura surda.

Nesse ponto, Castro (2023) analisa que políticas que fornecem recursos financeiros e técnicos para a produção e distribuição de literatura visam assegurar que esses materiais sejam de alta qualidade e amplamente disponíveis. Políticas eficazes também incentivam a criação de novos trabalhos por escritores surdos, apoiando assim o desenvolvimento contínuo de uma literatura rica e diversificada em Libras. Esses métodos de disseminação são vitais para garantir que alcancem seu potencial como ferramentas educacionais e como meio de expressão cultural. Eles demonstram a necessidade de uma abordagem que envolve a colaboração entre tecnologia, educação, cultura e política para promover efetivamente a literatura surda e apoiar a inclusão educacional e cultural da comunidade surda.

Em suma, Souza e Camelo (2022) destacam que os minicontos proporcionam uma ferramenta vital para o fortalecimento da identidade linguística e cultural dentro da comunidade surda. Eles argumentam que, ao oferecer narrativas que são intrinsecamente adaptadas às nuances da Libras e que refletem as experiências vividas por pessoas surdas, os minicontos ajudam a afirmar a língua de sinais como um meio legítimo e rico de expressão literária. Adicionalmente, Silva *et al.* (2024)

defendem que esse gênero pode ser usado para desenvolver habilidades linguísticas essenciais, como vocabulário, gramática e compreensão narrativa, em um formato que é tanto acessível quanto envolvente para estudantes surdos. Além disso, o uso em salas de aula multilíngues promove uma maior consciência e apreciação da cultura surda entre estudantes ouvintes, contribuindo para ambientes de aprendizado mais inclusivos.

Por fim, Batista, Silva e Souza (2021) destacam a necessidade de considerar também o impacto psicológico e social em comunidades surdas, observando que essas narrativas curtas e poderosas oferecem representações positivas e empoderadoras de personagens surdos. Tais representações são essenciais para a construção da autoestima e do bem-estar dos surdos, pois permitem que indivíduos vejam a si mesmos e a suas experiências refletidas de maneira autêntica e valorizada na literatura. Nesse sentido, Santos (2022) pontua que não só enriquecem o repertório linguístico dos usuários, como também servem como uma ponte cultural entre as comunidades surdas e ouvintes. Ao facilitar o acesso a formas de literatura criadas especificamente para a modalidade visual-gestual, os minicontos ajudam a assegurar que continue a se desenvolver e prosperar como uma língua viva e dinâmica.

### **3.7 Estratégias visuais em minicontos**

As estratégias visuais não apenas facilitam a compreensão, mas também enriquecem a expressividade e a profundidade das narrativas destinadas ao público surdo. A incorporação adequada de elementos visuais em Libras pode transformar a experiência narrativa, tornando-a mais envolvente e acessível.

Nesse sentido, Matias, Cristovão e Lousada (2020) enfatizam que a utilização de estratégias visuais não vai além da mera tradução de palavras para sinais. Envolve a criação de uma narrativa que utiliza o espaço, os movimentos corporais e as expressões faciais como componentes chave da história, o que permite uma forma de contar histórias que é única para as línguas de sinais, onde a configuração espacial e o contexto visual podem indicar mudanças de cena, introduzir novos personagens ou destacar detalhes importantes sem a necessidade de palavras adicionais.

Santos (2020) discute como as estratégias visuais podem ser empregadas para capturar a atenção dos espectadores e manter o engajamento ao longo da narrativa. Ele nota que a eficácia de uma história depende da habilidade do narrador

em usar o espaço de sinalização de maneira criativa e deliberada. Por exemplo, a disposição dos personagens no espaço físico pode ser usada para simbolizar relações ou para construir tensão narrativa, técnicas que são particularmente poderosas em uma modalidade visual.

Carmo (2021) apontam que a coerência visual — a maneira pela qual as sequências de sinais são organizadas e apresentadas — é crucial para garantir que os espectadores possam seguir facilmente a trama e entender as subtramas sem confusão, o que inclui o uso consistente de sinais para determinados temas ou ideias, bem como a manutenção de um estilo visual uniforme que não distraia ou confunda o público.

Santos (2022) explora como as nuances de expressões faciais e a intensidade dos movimentos podem sugerir emoções ou conflitos internos, permitindo que os narradores de Libras comuniquem camadas de significado que seriam difíceis de transmitir através de palavras sozinhas.

Essas estratégias oferecem aos criadores e intérpretes a capacidade de contar histórias ricas e envolventes que são plenamente acessíveis a espectadores surdos. Ao dominar essas técnicas, os narradores podem oferecer experiências literárias que não só entretêm, mas também fomentam um maior entendimento e apreciação das capacidades únicas da comunicação visual.

Borba (2023) discutem como a utilização eficaz do espaço físico é um dos elementos visuais mais importantes em minicontos em Libras. O espaço não é apenas um fundo neutro para a ação, mas um componente ativo da narrativa. A organização dos personagens e objetos no espaço, e a maneira como eles se movem dentro deste ambiente, podem indicar relações, mudanças temporais e dinâmicas de poder. Por exemplo, a proximidade ou distância entre personagens pode refletir sua intimidade emocional ou tensão, tornando o espaço uma poderosa ferramenta narrativa.

Lessa Neta (2020) realça a importância das expressões faciais e do corpo na transmissão de emoções e intenções dos personagens. Em Libras, onde a voz e a entonação não estão disponíveis, expressões faciais e linguagem corporal assumem esse papel. Um personagem inclinando a cabeça, franzindo a testa ou sorrindo pode fornecer ao público pistas cruciais sobre seus sentimentos e pensamentos, enriquecendo a narrativa sem a necessidade de diálogo verbal.

Seibel *et al.* (2023) exploram a importância das transições visuais para a fluidez da narrativa. Transições suaves entre cenas são essenciais para manter os

espectadores engajados e para garantir que a narrativa seja fácil de seguir. Essas transições podem ser realçadas por mudanças na iluminação, na perspectiva da câmera ou no movimento dos intérpretes, cada uma contribuindo para uma narrativa coesa que guia visualmente o público através da história.

Borba (2023) mencionam como objetos de cena e o uso deliberado de cores podem simbolizar temas, indicar mudanças de tempo ou ambiente, e até mesmo representar elementos simbólicos da trama. Por exemplo, a repetição de um certo item colorido ou a presença de um objeto particular em diferentes pontos da história pode reforçar um tema ou sugerir uma conexão narrativa.

Esses elementos visuais transformam o texto de uma mera sequência de eventos em uma experiência rica e imersiva que ressoa profundamente com o público surdo, utilizando plenamente as possibilidades expressivas da língua de sinais. Ao dominar esses elementos visuais, os criadores podem proporcionar narrativas que não apenas contam uma história, mas também tocam o espectador de maneira memorável.

Guimarães (2023) aborda que os gestos não são apenas uma tradução de palavras ou frases da língua falada para sinais, mas uma forma própria de linguagem que possui sua gramática visual e sintaxe. A habilidade de usar gestos de maneira eficaz pode enriquecer a narrativa, conferindo-lhe profundidade e clareza. A adequação e a precisão dos gestos são fundamentais para evitar ambiguidades e para assegurar que a mensagem seja compreendida sem mal-entendidos.

Silva Junior e Morais (2022) discutem que as expressões faciais carregam significados essenciais que complementam os gestos, servindo para modificar, qualificar e intensificar os sinais. Por exemplo, uma expressão facial pode indicar uma pergunta, uma afirmação ou uma emoção, como surpresa ou tristeza, que está sendo comunicada pelo gesto. A coordenação entre gestos e expressões faciais é, portanto, vital para a fluidez e a expressividade da linguagem de sinais.

Neves e Bunzen Júnior (2021) exploram como a integração desses elementos pode ser utilizada para fins educacionais, particularmente no ensino de Libras e de conteúdos curriculares através desta língua. Eles apontam que o uso eficaz de gestos e expressões faciais pode ajudar os alunos surdos a compreenderem melhor conceitos abstratos e complexos, pois os sinais visuais e emocionais podem ser empregados para explicar ideias difíceis de transmitir apenas com palavras.

Fernandes (2022) salienta que um profundo conhecimento de como integrar gestos e expressões faciais pode melhorar a qualidade da educação e da tradução para a comunidade surda, pois permite aos educadores e tradutores comunicarem-se de maneira mais natural e efetiva.

Ferreira *et al.* (2022) exploram como o uso do espaço pode ser estrategicamente empregado para representar diferentes locais, momentos e perspectivas dentro de uma única narrativa. O espaço físico em torno do narrador não é apenas um contexto inerte, mas é ativamente usado para situar a ação, definir cenas, e mesmo para indicar mudanças temporais ou de ponto de vista. A habilidade de manipular eficazmente o espaço é crucial para a fluidez da narrativa, permitindo que o público visualize claramente o desenvolvimento da história sem necessidade de interrupções verbais.

Rodrigues *et al.* (2021) destacam a importância do movimento na comunicação de ações e emoções em Libras. Movimentos podem ser sutis ou grandiosos, dependendo da intensidade da ação ou emoção que está sendo expressa. Esses autores salientam que o movimento não só ajuda a descrever ações físicas mas também é essencial para transmitir nuances psicológicas e emocionais, tornando as narrativas extraordinariamente expressivas e dinâmicas.

Ávila-Nóbrega (2023) aborda a dimensão simbólica do espaço e movimento, considerando como esses elementos podem ser utilizados para simbolizar conceitos abstratos ou para reforçar temas e motivações dentro de uma história. Por exemplo, a proximidade ou a distância entre personagens pode simbolizar relações interpessoais, enquanto direções e velocidades específicas dos movimentos podem indicar a natureza de eventos ou transições dentro da trama.

Bedin (2021) apontam que compreender e ensinar o uso efetivo desses elementos pode melhorar o engajamento e a retenção de informações pelos estudantes surdos. Ao incorporar estratégias que utilizam espaço e movimento de maneira criativa e deliberada, educadores podem facilitar uma aprendizagem mais profunda e estimular a imaginação e a compreensão dos alunos.

Assim, a habilidade de empregar esses elementos de forma eficaz é essencial para qualquer criador de conteúdo em Libras, pois eles não apenas contam uma história, mas também envolvem visual e emocionalmente o público, criando uma experiência narrativa completa e imersiva.

O uso de cores e contraste é uma técnica poderosa em muitos aspectos da comunicação visual, inclusive na educação e na literatura desenvolvidas para a comunidade surda. Esta técnica não só atrai a atenção visual, mas também pode ser estrategicamente utilizada para enfatizar temas, diferenciar elementos narrativos e destacar informações cruciais, especialmente importante em contextos em que a linguagem de sinais é utilizada.

Ribeiro *et al.* (2022) exploram a eficácia do uso de cores na educação visual, destacando como as variações de cor podem ajudar a destacar pontos-chave em materiais didáticos e recursos visuais. Eles argumentam que em contextos educativos, especialmente para aprendizes surdos, as cores não apenas ajudam a manter o interesse e a atenção, mas também servem como códigos que facilitam a distinção entre diferentes tipos de informações ou categorias de conteúdo. Por exemplo, o uso consistente de uma cor específica para destacar todos os termos importantes ou conceitos-chave pode ajudar os estudantes a identificarem rapidamente o material essencial e melhorar a retenção de informações.

Castro (2023) aborda o uso de cores e contraste no design de materiais de aprendizado para surdos, notando que o alto contraste visual não só melhora a legibilidade e a compreensão, mas também é crucial para garantir a acessibilidade. Em materiais educativos ou literários, contrastes fortes entre o texto (ou sinais) e o fundo podem reduzir o esforço visual e garantir que os detalhes sejam facilmente perceptíveis, uma consideração vital para leitores que dependem inteiramente de pistas visuais.

Abud (2024) explora como diferentes tonalidades podem ser usadas para invocar sentimentos ou respostas psicológicas, uma prática comum em artes visuais e cinema que pode ser igualmente eficaz em conteúdo educacional e literário em Libras. Cores quentes podem ser usadas para expressar paixão ou urgência, enquanto cores frias podem ser empregadas para criar um ambiente calmo ou triste.

Souza e Camelo (2022) destacam o papel crítico que a escolha de cores e a criação de um forte contraste visual desempenham na produção de vídeos educacionais para surdos. Eles salientam que a clareza visual é essencial para garantir que o conteúdo em vídeo seja efetivo para o público surdo, onde o uso cuidadoso de cores pode ajudar a diferenciar os narradores, os sinais e as partes importantes da narrativa ou da apresentação.

Tosta (2021) explora o uso de animações para explicar processos e conceitos que podem ser difíceis de transmitir apenas através de texto ou palestras tradicionais, especialmente em contextos educacionais para surdos. As animações permitem a visualização de processos científicos, históricos e matemáticos de uma maneira que é imediatamente acessível, convertendo abstrações em representações visuais claras que podem ser mais facilmente compreendidas por estudantes que dependem de estímulos visuais.

Nogueira (2021) discute como os vídeos são essenciais para proporcionar acessibilidade no aprendizado, permitindo que os conteúdos curriculares sejam entregues na língua natural dos alunos surdos. Ela enfatiza que esses recursos não apenas garantem que o conteúdo seja acessível, mas também culturalmente apropriado, refletindo as nuances e a riqueza da comunicação na língua de sinais, o que é crucial para o engajamento e sucesso dos estudantes surdos.

Chaves (2022) aborda a importância de vídeos interativos que permitem aos alunos surdos controlarem o ritmo de seu aprendizado. Vídeos com opções de pausa, repetição e legendas em Libras oferecem aos estudantes a oportunidade de revisar e reforçar o material conforme necessário, o que é particularmente valioso em ambientes de aprendizado autodirigido ou em cursos online, onde o aluno tem maior autonomia sobre seu processo educacional.

Santos *et al.* (2023) mencionam que vídeos que demonstram diálogos ou interações podem ser usados para ensinar habilidades sociais, fornece modelos de linguagem apropriados e promover a inclusão, permitindo que alunos ouvintes e surdos vejam e aprendam sobre a cultura surda de uma maneira respeitosa e engajadora.

Essas ferramentas multimídia, portanto, não são apenas auxiliares didáticos, mas componentes integrais de uma estratégia educacional inclusiva e eficaz. Animações e vídeos não só enriquecem o currículo como também promovem uma maior equidade educacional, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas habilidades auditivas, possam acessar e aproveitar as oportunidades de aprendizado de maneira plena e igualitária.

Abreu (2023) ressalta que os sinais visuais de compreensão ou confusão, como expressões faciais e gestos dos alunos, são indicativos cruciais que os educadores devem monitorar para adaptar suas estratégias de ensino em tempo real. Este tipo de feedback ajuda os professores a identificarem quais conceitos precisam

ser reforçados ou apresentados de maneira diferente, garantindo que todos os alunos estejam acompanhando a matéria adequadamente.

Cruz (2021) exploram como o feedback visual pode ser utilizado para melhorar a comunicação bidirecional em ambientes educativos, destacando que o feedback não serve apenas para ajustar a didática, mas também para incentivar a interação e o engajamento dos alunos. A capacidade de ler e responder ao feedback visual em tempo real é particularmente importante em cursos que utilizam Libras, pois facilita uma comunicação mais dinâmica e responsiva, essencial para manter o envolvimento dos estudantes surdos.

Batista, Silva e Souza (2021) notam que o feedback visual não apenas melhora a qualidade do aprendizado, mas também é crucial para o desenvolvimento de habilidades comunicativas eficazes entre os intérpretes e outros profissionais. Por meio da observação atenta das reações da audiência, os facilitadores dessas sessões podem aprimorar suas técnicas de comunicação e garantir que sua mensagem seja clara e efetivamente recebida. Adicionalmente, os autores sugerem que, através da observação de como os alunos interagem com e respondem a diferentes tipos de conteúdo, os educadores podem fazer ajustes nos recursos utilizados, escolhendo aqueles que produzem as melhores reações e compreensão.

Portanto, informa aos educadores e comunicadores sobre a eficácia de suas abordagens e atua na criação de um ambiente de aprendizado interativo e responsivo, onde todos os alunos, independentemente de suas habilidades auditivas, podem prosperar e se engajar plenamente.

As inovações recentes em representação visual no campo educativo têm revolucionado a maneira como os conceitos são apresentados e compreendidos, especialmente no ensino para a comunidade surda. Estas inovações aproveitam as tecnologias avançadas e as abordagens pedagógicas contemporâneas para melhorar a acessibilidade e a eficácia do aprendizado visual.

Albuquerque (2024) discute o impacto da realidade aumentada (RA) e da realidade virtual (RV) na educação de surdos, destacando como essas tecnologias oferecem novas maneiras de engajar os alunos através de experiências imersivas e interativas. A RA e a RV permitem que os alunos explorem ambientes virtuais ou visualizem objetos 3D que podem ser manipulados e examinados de vários ângulos, proporcionando uma compreensão mais profunda de conceitos complexos que seriam difíceis de representar apenas através de textos ou vídeos tradicionais.

Santos e Fernandes (2021) salientam que essas ferramentas permitem personalizar a experiência de aprendizado de acordo com as necessidades individuais de cada aluno, ajustando o nível de dificuldade dos conteúdos e a velocidade de apresentação. Tais inovações não só aumentam a independência dos alunos, mas também promovem uma maior eficácia no ensino ao permitir que os educadores monitorem e respondam ao progresso de cada estudante em tempo real.

Santos (2020) explora o desenvolvimento de animações detalhadas que são especialmente projetadas para comunicar informações visuais complexas de maneira clara e atraente. Essas animações são particularmente valiosas em disciplinas como ciências, matemática e história, onde a visualização de processos ou eventos pode melhorar o entendimento e a retenção de informações. A habilidade de integrar elementos visuais dinâmicos e explicativos em um formato acessível é crucial para o sucesso educacional dos alunos surdos.

Lessa Neta (2020) analisa como as melhorias nas tecnologias de vídeo têm permitido a produção de conteúdo educacional mais sofisticado e adaptado às necessidades dos estudantes surdos. Avanços na qualidade de vídeo e nas técnicas de edição facilitam a inclusão de legendas, descrições em língua de sinais e gráficos explicativos que acompanham as explicações verbais, tornando o conteúdo mais acessível e compreensível para alunos surdos e com deficiência auditiva.

Essas inovações recentes em representação visual são fundamentais para superar as barreiras educacionais enfrentadas por alunos surdos, permitindo-lhes acessar o conhecimento de forma mais igualitária e eficaz. Ao incorporar tecnologias avançadas e abordagens visuais inovadoras, os educadores podem oferecer uma educação mais inclusiva e adaptada às diversas necessidades de todos os alunos.

## 4 DISCUSSÃO

Começo a discussão trazendo todos os autores novamente, cada um com sua rica contribuição. Destaco para não perder o foco da pesquisa e sim salientar cada um. E sim, compreender a amplitude do tema e suas diversas facetas, culminando no potencial contribuição para a educação e a comunidade surda.

Fernandes (2022) discute a importância de selecionar minicontos que não apenas representam uma variedade de estilos e temas, mas também refletem diversas perspectivas culturais e sociais. Esta diversidade é essencial para uma análise abrangente que possa fornecer informes sobre as complexidades da narrativa e as várias maneiras pelas quais diferentes autores abordam questões universais através de suas obras. O autor enfatiza que a escolha cuidadosa dos textos é fundamental para a construção de um corpus que seja tanto representativo quanto desafiador, proporcionando uma base sólida para a crítica literária e a discussão acadêmica.

Adicionalmente, Rodrigues *et al.* (2021) destacam a necessidade de incorporar documentos e minicontos que utilizem técnicas narrativas inovadoras ou que desafiem as convenções tradicionais. A seleção desses textos é particularmente valiosa para estudos que buscam entender como a literatura pode transcender ou subverter expectativas normativas e contribuir para o desenvolvimento de novas formas de expressão literária. Rodrigues e seus colegas apontam que a análise desses documentos pode revelar como os autores experimentam com a linguagem e a estrutura para criar novos significados e engajar o leitor de maneiras únicas.

Por outro lado, Matias, Cristovão e Lousada (2020) focam na seleção de obras que se destacam pelo uso eficaz de elementos visuais (imagens) e multimodais, considerando que tais características são essenciais para compreender a evolução das técnicas narrativas em contextos modernos. Eles argumentam que a análise de documentos e minicontos que integram textos, imagens e outros meios pode proporcionar determinantes sobre as tendências contemporâneas em literatura e comunicação, o que inclui entender como os autores e artistas combinam diferentes modos de expressão para enriquecer suas histórias e impactar seus públicos.

Nesse sentido, Ferreira *et al.* (2022) propõem que a combinação de análise de conteúdo com análise visual e gestual oferece uma compreensão mais completa dos documentos, sendo particularmente importante em materiais educativos, onde a

eficácia da comunicação não depende apenas do conteúdo verbal, mas também de como esse conteúdo é apresentado visualmente para atender às necessidades dos aprendizes surdos. Nesse contexto, o uso de vídeos para apresentação dos minicontos tem sido um recurso mais frequentemente utilizado.

Neves e Bunzen Júnior (2021) discutem a aplicação de teorias de letramento visual na análise documental em Libras, sugerindo que entender como as pessoas surdas "leem" visualmente os documentos é fundamental para avaliar a acessibilidade e a inclusividade deles. Eles enfatizam a importância de examinar os documentos não apenas pelo que eles dizem, mas como eles dizem, analisando detalhadamente a disposição visual, a escolha de cores, e o layout, que podem todos influenciar a interpretação e a compreensão do texto.

Ribeiro *et al.* (2022) acrescentam que deve considerar as interações entre texto e imagem, especialmente em ambientes digitais, onde a interação entre os usuários e o documento pode variar. Eles destacam que a análise deve abordar como os usuários surdos interagem com esses documentos em plataformas online, incluindo a navegação, a usabilidade e a acessibilidade das interfaces.

Essas metodologias permitem uma avaliação rigorosa e contextualizada de como os documentos são projetados e utilizados pela comunidade surda. Ao aplicar essas abordagens, pesquisadores e educadores podem desenvolver materiais mais eficazes e inclusivos que respeitam e valorizam a língua e a cultura surdas.

Guimarães (2023) aborda a complexidade da tradução, destacando a necessidade de entender as traduções como recriações culturais, não apenas como transposições linguísticas diretas. Ele argumenta que a fidelidade em uma tradução não deve ser avaliada apenas pela precisão linguística, mas também pela capacidade de capturar e transmitir os valores culturais e contextuais subjacentes ao texto original. Guimarães sugere que avaliações de qualidade devem incorporar feedback da comunidade surda para assegurar que as traduções ressoem de forma autêntica e relevante.

Interessantemente, Carmo (2021) propõem que as traduções sejam submetidas a revisões por pares e avaliações por especialistas em educação surda, para garantir que os materiais sejam não apenas linguísticos, mas pedagogicamente adequados. Carmo e sua equipe destacam que as avaliações devem considerar a legibilidade, a compreensibilidade e a relevância educacional dos conteúdos traduzidos.

Santos (2020) menciona *softwares* e plataformas que permitem a análise detalhada das escolhas de sinais e estruturas gramaticais em traduções, fornecendo uma base quantitativa para a avaliação da fidelidade linguística. Santos sugere que essas ferramentas podem ser usadas em conjunto com avaliações humanas para obter uma compreensão mais completa da eficácia da tradução.

Bedin (2021) salientam que as avaliações de traduções devem ser dinâmicas e incorporar as percepções de estudantes e educadores surdos que usam os materiais traduzidos. A participação ativa da comunidade surda nas avaliações ajuda a assegurar que as traduções sejam não apenas tecnicamente competentes, mas também efetivamente comunicativas e culturalmente sensíveis.

Assim, a avaliação da fidelidade e qualidade das traduções em contextos educacionais e literários para surdos é um processo que requer atenção tanto aos aspectos técnicos da tradução quanto às suas implicações culturais e educacionais. Uma abordagem colaborativa, que envolve tanto tradutores quanto usuários finais, é essencial para desenvolver traduções que sejam verdadeiramente eficazes e respeitadas.

Cruz (2021) destacam que a qualidade da tradução e sua habilidade em capturar subtópicos e conotações culturais têm um impacto direto na maneira como os minicontos são recebidos pelos leitores surdos. Uma tradução que falha em transmitir o contexto cultural ou os jogos de palavras pode deixar os leitores desorientados ou menos envolvidos, enquanto uma tradução cuidadosamente elaborada pode enriquecer a experiência ao oferecer informações sobre a cultura de origem.

Castro (2023) aborda a importância de utilizar tradutores que são nativos da língua de sinais e têm profundo conhecimento cultural tanto da comunidade surda quanto da comunidade de origem do texto. Ele argumenta que esses tradutores estão em uma posição única para entender e transmitir o humor, a ironia e o simbolismo cultural, elementos que são cruciais para a apreciação literária completa e que impactam a recepção do público. Silva *et al.* (2024) sugere que o uso de recursos visuais complementares, como ilustrações ou vídeos que acompanham a tradução, pode ajudar a superar algumas das barreiras linguísticas e culturais, proporcionando contextos adicionais que enriquecem a compreensão e a apreciação dos leitores.

Souza e Camelo (2022) recomendam a realização de sessões de leitura com grupos focais da comunidade surda para coletar reações e comentários que possam guiar futuras traduções. Essa prática não só melhora a qualidade das traduções

futuras, mas também envolve diretamente a comunidade surda no processo de criação literária, assegurando que suas vozes e perspectivas sejam respeitadas e incorporadas.

Tosta (2021) destaca a importância de reconhecer as diferenças dialetais dentro da própria Libras, observando que a língua de sinais, assim como as línguas faladas, possui variações regionais que podem afetar a tradução. Ao comparar traduções de diferentes regiões, é possível identificar como essas variações dialetais impactam a escolha dos sinais e as estruturas gramaticais utilizadas, o que, por sua vez, pode influenciar a clareza e a eficácia da comunicação para os públicos locais. Este entendimento é vital para a produção de traduções que sejam não só linguisticamente precisas, mas também culturalmente adaptadas às audiências específicas.

Nogueira (2021) explora como as adaptações culturais realizadas em traduções para diferentes regiões podem alterar a percepção e a recepção do conteúdo traduzido. Nogueira argumenta que as traduções devem não apenas respeitar as normas linguísticas locais, mas também incorporar elementos culturais que ressoem com as experiências e expectativas dos leitores ou espectadores regionais. Este enfoque ajuda a garantir que os materiais traduzidos sejam mais acessíveis e relevantes para cada contexto específico.

Chaves (2022) discute que a adaptação de conteúdos educativos para atender às necessidades específicas de estudantes de regiões distintas pode requerer mudanças substanciais na abordagem didática. Ao comparar essas adaptações, pode-se aprender como práticas pedagógicas eficazes em uma região podem ser ajustadas ou transformadas para melhor atender a outra, contribuindo para uma prática educativa mais inclusiva e adaptativa.

Santos *et al.* (2023) analisam como as traduções adaptadas às capacidades tecnológicas locais podem afetar a entrega e a eficácia dos programas educativos. Ao comparar essas variáveis, os pesquisadores podem identificar melhores práticas e desenvolver soluções que maximizem o impacto educacional, independentemente das limitações tecnológicas regionais.

O processo de tradução documentada de materiais educacionais e literários requer um olhar cuidadoso sobre as diferenças estruturais entre as línguas faladas e a língua de sinais, além da necessidade de garantir a acessibilidade e a fidelidade ao conteúdo original. Abreu (2023) discute um dos principais desafios enfrentados nas

traduções documentadas: a adaptação de estruturas sintáticas e gramaticais do português para Libras. Diferentemente do português, que possui uma estrutura linear e baseada em regras formais da escrita, é uma língua visual-espacial que se baseia no uso do espaço e das expressões faciais para comunicar significados. A transposição de um texto escrito para Libras exige, portanto, um rearranjo estrutural significativo, garantindo que o conteúdo permaneça compreensível sem comprometer sua coerência e fluidez.

Albuquerque (2024) enfatiza os desafios culturais nas traduções documentadas, destacando que a adaptação de metáforas, expressões idiomáticas e referências culturais pode ser um processo complexo. Algumas expressões do português não possuem equivalência direta, exigindo que o tradutor recorra a estratégias como a paráfrase ou a explicitação do significado. Além disso, o respeito às experiências da comunidade surda deve ser uma prioridade, evitando interpretações que descaracterizem ou minimizem elementos culturais fundamentais para esse público.

Santos e Fernandes (2021) abordam a escassez de ferramentas automatizadas eficientes para a tradução, tornando o processo altamente dependente de tradutores humanos especializados. Além disso, a falta de padronização nos registros e arquivos de traduções dificulta a criação de um banco de dados acessível e organizado, o que impacta diretamente a continuidade e a qualidade dos materiais traduzidos.

Lessa Neta (2020) destaca que a maioria dos materiais didáticos ainda é desenvolvida com foco em ouvintes, o que dificulta a adaptação fiel desses conteúdos para estudantes surdos. Muitos conceitos acadêmicos são explicados através de textos escritos longos, enquanto em Libras, a construção do conhecimento é baseada na visualidade e no uso do espaço. A necessidade de adaptar não apenas o texto, mas também a metodologia de ensino, representa um grande obstáculo para tradutores e educadores.

Dessa forma, a superação dessas barreiras exige uma abordagem interdisciplinar que envolva tradutores, educadores e especialistas em acessibilidade, garantindo que as traduções sejam eficazes, fiéis ao conteúdo original e plenamente compreensíveis para o público surdo.

As dificuldades enfrentadas no processo de tradução documentada indicam a necessidade de diretrizes mais claras e de ferramentas mais avançadas para garantir

que as traduções sejam não apenas fiéis ao conteúdo original, mas também acessíveis e significativas para a comunidade surda. Diversos pesquisadores apontam estratégias que podem contribuir para a melhoria contínua desse processo.

Borba (2023) destacam a importância da padronização de diretrizes para a tradução em Libras, sugerindo que a criação de um manual técnico específico para tradutores de materiais acadêmicos e literários ajudaria a estabelecer critérios mais objetivos na adaptação dos conteúdos. Essa padronização permitiria maior uniformidade nas traduções, reduzindo inconsistências e variações regionais que podem dificultar a compreensão de textos traduzidos para públicos de diferentes localidades.

Ávila-Nóbrega (2023) sugere que tradutores surdos apresentam um papel mais ativo na elaboração e revisão dos materiais, garantindo que as escolhas linguísticas respeitem a fluidez e a naturalidade. A participação da comunidade surda também ajudaria a identificar possíveis lacunas na tradução e a garantir que os conteúdos sejam adequados à realidade dos usuários finais.

Batista, Silva e Souza (2021) argumentam que o desenvolvimento de *softwares* de inteligência artificial treinados especificamente para tradução de português para Libras pode facilitar o processo, tornando-o mais ágil e eficiente. No entanto, esses pesquisadores alertam que a tecnologia deve ser utilizada como um suporte, e não como um substituto para a revisão e adaptação feitas por profissionais especializados.

Schlemper (2019) sugere que o aprimoramento das traduções depende da qualificação dos profissionais envolvidos, o que pode ser alcançado por meio de formação regulares, estudos comparativos entre traduções bem-sucedidas e análises de feedback da comunidade surda. Além disso, Silva destaca a necessidade de um maior intercâmbio entre pesquisadores da área de educação e os tradutores, permitindo que o conhecimento acadêmico seja incorporado diretamente às práticas de tradução.

Fernandes (2022) enfatiza que, muitas vezes, materiais didáticos e literários são produzidos sem a consulta da comunidade surda, o que pode resultar em conteúdos que, apesar de bem-intencionados, não correspondem às práticas e à fluidez natural da língua de sinais. Ao incorporar o feedback dos surdos no processo de produção e adaptação, é possível corrigir inadequações e garantir uma comunicação mais eficaz.

Seibel *et al.* (2023) argumentam que a participação ativa dos surdos na revisão de conteúdos não apenas melhora a qualidade dos materiais, mas também fortalece a autonomia da comunidade surda no processo educacional. Eles apontam que estratégias como grupos focais e testes piloto com usuários surdos podem fornecer determinantes sobre a clareza e a eficiência das traduções, permitindo ajustes antes da publicação final.

Ribeiro *et al.* (2022) sugerem que plataformas digitais interativas, como fóruns e redes sociais, podem ser utilizadas para promover um diálogo contínuo entre tradutores, educadores e usuários surdos. Dessa forma, o feedback se torna um processo dinâmico e colaborativo, garantindo que os materiais estejam em constante aperfeiçoamento.

Assim, possibilita não apenas a melhoria da qualidade dos materiais disponíveis, mas também fortalece a inclusão e o reconhecimento da comunidade surda como protagonista no desenvolvimento de sua própria educação e cultura. Dessa maneira, a valorização e a aplicação sistemática do feedback dos surdos devem ser práticas fundamentais para qualquer iniciativa voltada à acessibilidade linguística.

#### **4.1 Desafios na tradução de minicontos para libras**

Guimarães (2023) destaca que um dos principais desafios na tradução literária é a ausência de uma forma padronizada de escrita. Diferente do português, que tem regras gramaticais rígidas para a construção de frases e parágrafos, Libras é uma língua que se manifesta no espaço tridimensional e cuja estrutura é altamente dependente do contexto visual. Essa característica dificulta a transposição de metáforas, trocadilhos e figuras de linguagem, pois muitos conceitos abstratos precisam ser reformulados para manter seu sentido original sem comprometer a fluidez da narrativa.

Matias, Cristóvão e Lousada (2020) exploram a complexidade da simultaneidade, ressaltando que, enquanto a comunicação em português é linear e sequencial, a língua de sinais permite que diversas informações sejam transmitidas simultaneamente. Em uma tradução literária, por exemplo, o narrador pode situar personagens e cenários em diferentes pontos do espaço ao mesmo tempo em que expressa emoções e desenvolve a trama. Essa simultaneidade, embora seja uma

vantagem para a expressividade, representa um desafio para tradutores, que devem encontrar maneiras de estruturar a narrativa visualmente sem perder a clareza.

Fernandes (2022) enfatiza que a expressividade facial e corporal é essencial para a tradução literária, pois esses elementos não são apenas complementares, mas parte integrante da gramática da língua. Na literatura, onde a subjetividade e as emoções atuam, a adaptação de textos exige que os tradutores façam escolhas interpretativas que transmitam adequadamente o tom e a intenção original do autor. Para isso, é necessário um profundo conhecimento da cultura surda e de suas formas narrativas específicas, evitando traduções literais que possam comprometer a experiência estética do leitor surdo.

Dessa forma, os tradutores precisam dominar tanto a Libras quanto às técnicas narrativas da literatura escrita para criar versões que preservem a riqueza e a profundidade do texto original, ao mesmo tempo em que respeitem a gramática e a expressividade visual da língua. Investir em pesquisas e práticas que aprimorem esses processos é fundamental para ampliar a acessibilidade da literatura à comunidade surda e valorizar a Libras como uma língua plena e rica em possibilidades estéticas.

A tradução de textos breves, como minicontos e poesias curtas, apresenta desafios específicos que exigem abordagens técnicas sofisticadas e uma compreensão aprofundada das diferenças estruturais entre as línguas faladas e a Libras. A natureza concisa desses textos implica que cada palavra ou sinal atua na construção do significado, o que torna o processo de tradução ainda mais complexo. Além disso, a necessidade de preservar a intencionalidade do autor sem comprometer a acessibilidade e a fluidez exige soluções criativas por parte dos tradutores.

Rodrigues *et al.* (2021) analisam a relação entre a brevidade textual e a complexidade da tradução, destacando que, em textos curtos, a perda de um único termo pode comprometer o sentido global da narrativa. Enquanto no português é possível recorrer a construções sintáticas mais extensas para esclarecer um conceito, o desafio reside na necessidade de condensar informações sem comprometer a expressividade. Muitas vezes, essa adaptação requer o uso de expressões faciais e recursos espaciais para transmitir nuances que, na língua escrita, seriam expressas por meio de pontuação ou modificadores linguísticos.

Silva Junior e Morais (2022) ressaltam que as diferenças estruturais impõem barreiras técnicas na tradução de textos breves, principalmente no que diz respeito à

ordem das palavras e à construção de metáforas. Enquanto no português a ordem sintática segue um padrão sujeito-verbo-objeto (SVO), em Libras a estrutura pode variar conforme a necessidade comunicativa e a ênfase na narrativa, o que significa que a tradução de um miniconto não se limita a encontrar sinais equivalentes para as palavras do texto original, mas também exige uma reorganização da estrutura narrativa para manter a coerência e o impacto pretendido pelo autor.

Bedin (2021) abordam a questão da polissemia e da ambiguidade, que são desafios recorrentes na tradução de textos curtos. Em muitas situações, um mesmo sinal pode ter múltiplos significados dependendo do contexto, exigindo do tradutor um conhecimento aprofundado tanto da língua de origem quanto da língua de destino para evitar interpretações equivocadas. Esse problema é particularmente relevante quando se traduz minicontos, que frequentemente empregam jogos de palavras e significados implícitos para criar impacto narrativo. A falta de um termo exato pode levar a perdas de sentido, tornando a experiência do leitor surdo menos rica do que a do leitor ouvinte.

Carmo (2021) enfatizam que a falta de recursos tecnológicos especializados também representa um obstáculo na tradução de textos breves. Ferramentas automatizadas de tradução ainda não são completamente eficientes para lidar com as especificidades da língua de sinais, o que faz com que o processo dependa fortemente do trabalho de tradutores humanos qualificados. Além disso, a ausência de um sistema padronizado de escrita para Libras dificulta a documentação e a revisão das traduções, tornando o processo mais demorado e propenso a variações interpretativas.

Dessa forma, a necessidade de preservar a concisão e a expressividade dos minicontos enquanto se adapta a estrutura sintática e semântica para a língua de sinais torna esse um campo de pesquisa em constante evolução. O investimento em estratégias de tradução mais eficazes, o uso de tecnologias emergentes e a participação ativa da comunidade surda são elementos essenciais para aprimorar a qualidade e a acessibilidade das traduções, garantindo que textos literários curtos possam ser plenamente apreciados pelo público surdo.

A tradução envolve desafios que vão além da transposição linguística, pois exige a interpretação de significados subjetivos e a adaptação de elementos culturais e estilísticos. Diferente das línguas orais-escritas, possui uma estrutura visual-espacial que demanda estratégias específicas para preservar a intencionalidade do autor sem

comprometer a clareza e a expressividade da mensagem. Nesse contexto, a subjetividade na tradução torna-se um aspecto crítico, pois cada tradutor pode fazer escolhas interpretativas diferentes, influenciando a forma como o texto é recebido pelo público-alvo.

Neves e Bunzen Júnior (2021) analisam como a subjetividade afeta a fidelidade de uma tradução, destacando que as línguas de sinais não possuem uma correspondência exata para todas as palavras e expressões do português. Assim, a interpretação do tradutor age na reformulação do conteúdo, utilizando os recursos visuais e espaciais para garantir que a mensagem original seja preservada. No entanto, essa adaptação pode levar a variações entre diferentes traduções do mesmo texto, especialmente quando se trata de obras literárias que apresentam metáforas, jogos de palavras ou nuances emocionais complexas.

Ferreira *et al.* (2022) abordam a influência do contexto na interpretação da tradução, enfatizando que a Libras, por ser uma língua predominantemente visual, depende fortemente do espaço e das expressões faciais para transmitir informações que, no português, seriam expressas por meio de sintaxe e pontuação. Dessa forma, a subjetividade do tradutor ao escolher determinados sinais, posicionar elementos no espaço ou modificar a intensidade dos gestos pode alterar a percepção da narrativa. Esse fator é especialmente relevante em textos curtos, como minicontos, onde cada elemento da história carrega um peso narrativo significativo.

Ribeiro *et al.* (2022) discutem que diferentes traduções podem resultar em interpretações variadas, afetando a maneira como os leitores surdos experienciam o conteúdo, o que levanta a necessidade de um trabalho colaborativo entre tradutores e a comunidade surda para validar as escolhas feitas durante o processo de tradução. Além disso, a participação de leitores surdos na revisão dos textos traduzidos pode minimizar ambiguidades e garantir que a mensagem seja transmitida de maneira fiel e compreensível.

Chaves (2022) analisa a influência das experiências individuais dos tradutores na escolha dos sinais e na organização da narrativa em Libras. Segundo a autora, cada tradutor traz consigo um repertório linguístico e cultural próprio, o que pode levar a diferentes interpretações do mesmo texto. Esse fenômeno é ainda mais evidente quando se trata de literatura, pois elementos subjetivos, como o tom e a atmosfera da história, são difíceis de replicar em uma língua de modalidade distinta. Chaves sugere que a implementação de diretrizes mais padronizadas para a tradução literária pode

ajudar a reduzir a variação interpretativa excessiva e garantir uma experiência mais consistente para os leitores surdos.

Portanto, o envolvimento da comunidade surda, a utilização de técnicas visuais eficazes e a colaboração entre tradutores são estratégias essenciais para minimizar discrepâncias e garantir que a literatura traduzida seja acessível, expressiva e culturalmente adequada. Assim, o processo de tradução deve ser continuamente aprimorado para atender às necessidades dos usuários de Libras sem comprometer a riqueza e a profundidade das obras originais.

Diferentemente de uma simples tradução linguística, a adaptação exige uma reestruturação do conteúdo para respeitar as especificidades culturais, cognitivas e comunicacionais da língua de sinais. Esse desafio envolve tanto a preservação da essência literária dos minicontos quanto a adequação de seus elementos narrativos à realidade sociocultural da comunidade surda.

Ávila-Nóbrega (2023) destaca que a adaptação cultural é essencial para tornar os minicontos mais acessíveis e envolventes para os leitores surdos. Muitos textos escritos carregam referências culturais que podem não ser imediatamente reconhecíveis ou relevantes para esse público. Assim, a adaptação deve considerar a substituição de elementos culturais desconhecidos por referências mais próximas da vivência da comunidade surda, garantindo que a narrativa mantenha seu impacto e significado original.

Tosta (2021) enfatiza que a adaptação contextual também envolve ajustes na estrutura narrativa para adequá-la às características visuais e espaciais da Libras. Enquanto os minicontos em português utilizam descrições textuais detalhadas para ambientar a história, a língua de sinais se vale do espaço, da modulação gestual e das expressões faciais para transmitir informações de maneira simultânea. Essa diferença estrutural exige que os tradutores e adaptadores reorganizem os eventos narrativos, de modo a preservar a fluidez da história e garantir que sua recepção seja natural dentro da gramática visual.

Santos (2020) explora as implicações da adaptação de recursos literários, como metáforas e figuras de linguagem, nos traduzidos. Elementos estilísticos frequentemente usados na escrita, como trocadilhos, aliterações e construções metafóricas, nem sempre possuem correspondência direta na língua de sinais. Por essa razão, é necessário recorrer a estratégias visuais, como a dramatização e o uso do espaço tridimensional, para manter o efeito literário pretendido pelo autor original.

Essa adaptação não apenas facilita a compreensão, mas também permite que os leitores surdos tenham uma experiência estética semelhante à dos ouvintes.

Cruz (2021) analisam a necessidade de envolvimento da comunidade surda no processo de adaptação cultural e contextual. Segundo os autores, a participação ativa de leitores surdos e especialistas em Libras pode oferecer informações sobre como tornar a narrativa mais acessível e representativa. Além disso, esse diálogo entre tradutores, educadores e a própria comunidade surda contribui para a valorização da literatura surda e para o desenvolvimento de novos padrões e metodologias de adaptação.

Portanto, esse processo requer um olhar atento às diferenças linguísticas e culturais, além do compromisso com a representatividade e a inclusão da comunidade surda. Com abordagens colaborativas e estratégias visuais eficazes, a adaptação dos minicontos pode não apenas preservar a riqueza das histórias originais, mas também fortalecer a identidade cultural e linguística dos leitores surdos.

O domínio da língua de sinais, aliado ao conhecimento sobre literatura e técnicas de tradução, é essencial para que os conteúdos sejam acessíveis e fiéis às suas intenções originais. No entanto, a capacitação desses profissionais ainda enfrenta desafios que precisam ser superados por meio de programas educacionais específicos e metodologias aprimoradas.

Nogueira (2021) destaca a importância de um currículo robusto na formação de tradutores de Libras, que contemple tanto a prática da língua quanto aspectos teóricos da tradução. Segundo a autora, muitos cursos focam apenas na interpretação simultânea, deixando de lado a necessidade de um aprofundamento em processos tradutórios que envolvem textos escritos e narrativas literárias. Para suprir essa lacuna, a formação deve incluir disciplinas que abordem a adaptação de gêneros textuais diversos, bem como estudos sobre as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Albuquerque (2024) enfatiza que a formação de tradutores especializados deve ir além do domínio técnico da língua de sinais e envolver também um conhecimento aprofundado das práticas e referências culturais da comunidade surda. Ele argumenta que um tradutor bem preparado deve compreender os valores, experiências e expressões artísticas dos surdos para evitar traduções mecanizadas e pouco naturais. A imersão em contextos culturais surdos, como eventos literários e festivais visuais, pode ser uma estratégia eficaz para aprimorar essa sensibilidade.

Santos *et al.* (2023) apontam que novas abordagens literárias, inovações tecnológicas e mudanças exigem que os profissionais estejam sempre atualizados para oferecer traduções precisas e eficazes. A implementação de cursos de aperfeiçoamento, oficinas práticas e intercâmbio entre tradutores e escritores surdos são medidas essenciais para o desenvolvimento profissional contínuo.

Santos (2022) discute que o uso de ferramentas digitais, como *softwares* de captura de movimento e inteligência artificial aplicada à tradução, pode auxiliar no treinamento de tradutores ao proporcionar feedback imediato sobre a qualidade das sinalizações. Além disso, plataformas interativas podem permitir que tradutores em formação pratiquem e comparem diferentes abordagens tradutórias, promovendo uma maior diversidade de estratégias na adaptação de textos literários para Libras.

Assim, a formação e o desenvolvimento de tradutores especializados exigem uma abordagem multidisciplinar, que combina conhecimento técnico, cultural e literário. Investir na capacitação contínua desses profissionais é importante para garantir que traduções de minicontos e outros textos sejam cada vez mais acessíveis, precisas e expressivas, contribuindo para a valorização da literatura em Libras e para a ampliação do acesso à cultura e ao conhecimento pela comunidade surda.

A ausência de diretrizes formais amplamente reconhecidas para a tradução de textos literários tem levado a uma diversidade de abordagens, tornando necessária a padronização de práticas que assegurem maior consistência e qualidade no processo tradutório. Castro (2023) argumenta que a criação de diretrizes formais contribuiria para minimizar discrepâncias, garantindo que elementos narrativos, estilísticos e culturais sejam traduzidos com maior uniformidade. Além disso, a implementação de normas pode facilitar a formação de tradutores especializados e permitir que diferentes profissionais sigam critérios comuns na adaptação de obras literárias.

Schlemper (2019) enfatiza que a normatização da tradução literária para Libras deve levar em consideração as especificidades da língua e da cultura surda. Como não tem uma forma escrita amplamente padronizada, as adaptações literárias precisam recorrer a recursos visuais que mantenham a expressividade e a riqueza da obra original. Para isso, é fundamental estabelecer diretrizes sobre o uso do espaço, da simultaneidade gestual e das expressões faciais, elementos essenciais para a transmissão de emoções e significados.

Souza e Camelo (2022) sugerem que a criação de um manual de boas práticas para tradutores literários de Libras poderia servir como referência para padronizar o processo tradutório. Esse manual incluiria orientações sobre técnicas de adaptação, escolha de sinais equivalentes e estratégias para preservar figuras de linguagem, metáforas e nuances estilísticas. Os autores também apontam que a normatização da tradução literária pode contribuir para a valorização da literatura surda e para a ampliação do acesso da comunidade surda a textos literários diversos.

Lessa Neta (2020) discute a importância de estabelecer padrões para a avaliação da qualidade das traduções literárias. Segundo a autora, critérios como fidelidade ao conteúdo original, clareza na comunicação visual e coerência narrativa devem ser considerados ao avaliar a qualidade de uma tradução. Além disso, a participação da comunidade surda na revisão e validação das traduções é essencial para garantir que o resultado esteja alinhado com as expectativas e as necessidades do público-alvo.

Portanto, a definição de normas e padrões para a tradução literária em Libras é um passo fundamental para consolidar essa prática e garantir a produção de obras acessíveis e de alta qualidade. O desenvolvimento de diretrizes claras e a implementação de estratégias de avaliação são essenciais para uniformizar as traduções e promover a inclusão da comunidade surda no universo literário. Dessa forma, a criação e adoção de padrões específicos contribuirão para fortalecer a literatura e ampliar a representatividade da cultura surda no campo literário.

Embora a tecnologia tenha avançado em diversas áreas da educação e da tradução, ainda há barreiras que dificultam a automatização e a padronização das traduções para a língua de sinais, especialmente em materiais literários, como os minicontos. A ausência de ferramentas especializadas, a falta de integração entre plataformas e a dependência de tradutores humanos são fatores que restringem o alcance e a eficiência do processo tradutório.

Schlemper (2019) aponta que uma das principais limitações tecnológicas nas traduções é a carência de *softwares* avançados capazes de realizar a tradução automática com precisão. Diferentemente das línguas orais-escritas, que possuem ampla base de dados linguísticos para processamento automatizado, depende de componentes visuais e espaciais que tornam sua digitalização mais complexa. Como resultado, os tradutores ainda precisam recorrer majoritariamente a processos

manuais, o que pode tornar a adaptação de textos mais lenta, trabalhosa e sujeita a variações interpretativas.

Borba (2023) destacam que a falta de recursos tecnológicos especializados afeta a acessibilidade de materiais traduzidos para Libras. A indisponibilidade de plataformas interativas e ferramentas digitais eficientes para visualização de textos literários limita a disseminação das traduções, dificultando o acesso da comunidade surda a conteúdos educativos e culturais. Além disso, as restrições na produção e edição de vídeos com tradução, como *softwares* que não oferecem suporte adequado para a incorporação de sinais e expressões faciais, comprometem a qualidade da adaptação de textos literários.

Abreu (2023) discute como a ausência de um sistema de escrita padronizado influencia negativamente as traduções tecnológicas. Sem uma representação escrita amplamente reconhecida, as ferramentas digitais enfrentam dificuldades para processar e armazenar informações em Libras, o que impossibilita o desenvolvimento de bancos de dados robustos para suportar traduções automatizadas. Esse cenário reforça a necessidade de investir em pesquisas sobre formas alternativas de representação, incluindo tecnologias de reconhecimento de gestos e inteligência artificial aplicada à tradução.

Seibel *et al.* (2023) analisam os impactos das limitações tecnológicas no ensino de Libras e na formação de tradutores. A ausência de ferramentas que facilitem a prática e a avaliação das traduções torna o aprendizado mais dependente de metodologias presenciais, o que pode restringir o número de profissionais capacitados na área. Além disso, a falta de um ambiente digital colaborativo dificulta o compartilhamento de boas práticas entre tradutores, tornando o processo de adaptação de textos mais fragmentado e menos eficiente.

O desenvolvimento de *softwares* mais avançados, a implementação de bancos de dados linguísticos e a criação de plataformas digitais inclusivas são medidas fundamentais para mitigar esses desafios. Dessa forma, o avanço tecnológico poderá contribuir para traduções mais ágeis, precisas e acessíveis, promovendo a valorização da Libras e garantindo que textos literários, como minicontos, sejam mais amplamente disseminados e apreciados pelo público surdo.

Batista, Silva e Souza (2021) destacam a necessidade de capacitação contínua dos tradutores como uma das principais estratégias para superar as barreiras de tradução. A formação especializada permite que esses profissionais adquiram um

conhecimento mais aprofundado sobre as nuances linguísticas e culturais, possibilitando uma adaptação mais precisa e natural dos textos. Além disso, a promoção de oficinas práticas, intercâmbio entre tradutores e pesquisas acadêmicas voltadas à tradução para a língua de sinais contribuem para o aperfeiçoamento das técnicas utilizadas no processo tradutório.

Santos e Fernandes (2021) enfatizam o uso de tecnologias como uma ferramenta essencial para melhorar a eficiência e a qualidade das traduções. *Softwares* de reconhecimento de gestos, inteligência artificial aplicada à tradução e plataformas digitais interativas têm o potencial de auxiliar os tradutores na adaptação de textos escritos para Libras. No entanto, a autora ressalta que essas ferramentas devem ser utilizadas como um suporte e não como um substituto para o trabalho humano, uma vez que a interpretação envolve elementos visuais e espaciais que não podem ser completamente automatizados.

Santos (2020) propõe a adoção de abordagens multimodais como estratégia para tornar as traduções mais acessíveis e compreensíveis. A combinação de elementos visuais, como ilustrações, vídeos e animações, com a tradução em Libras pode facilitar a compreensão do conteúdo, especialmente em textos literários que fazem uso de metáforas e figuras de linguagem complexas. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência do leitor surdo, mas também torna a tradução mais dinâmica e envolvente.

Fernandes (2022) ressalta a importância da colaboração entre tradutores, escritores e a comunidade surda no processo de adaptação textual. O envolvimento direto do público-alvo nas etapas de revisão e validação das traduções permite que ajustes sejam feitos com base nas percepções e necessidades reais dos leitores surdos. Essa interação possibilita a construção de traduções mais autênticas e eficazes, promovendo uma maior representatividade da cultura surda nos materiais traduzidos.

Portanto, é necessário investir em estratégias que combinem capacitação profissional, avanços tecnológicos, abordagens multimodais e participação ativa da comunidade surda. A implementação dessas ações contribui para o aprimoramento das traduções, garantindo que a língua de sinais seja valorizada e utilizada de maneira eficaz na transmissão de conhecimento e na promoção da inclusão linguística e cultural.

## 4.2 Educação e minicontos em libras

A brevidade dessas narrativas facilita o engajamento dos estudantes, permitindo uma exploração dinâmica de elementos textuais e visuais que promovem tanto o desenvolvimento da competência linguística quanto o estímulo à criatividade e à interpretação crítica. A utilização de minicontos em contextos educacionais exige metodologias adequadas para garantir sua acessibilidade e eficácia no aprendizado.

Bedin (2021) destacam que são particularmente vantajosos no ensino de língua portuguesa como segunda língua para estudantes surdos. Devido à sua extensão reduzida, esses textos favorecem o trabalho com estratégias de leitura e compreensão textual de maneira progressiva e acessível. Além disso, a possibilidade de adaptação contribui para o desenvolvimento da proficiência bilíngue, permitindo que os alunos compreendam o conteúdo em sua língua materna e, em seguida, façam conexões com o texto escrito.

Silva Junior e Morais (2022) enfatizam o papel na introdução de conceitos literários em sala de aula, promovendo o contato dos alunos com diferentes estilos narrativos e técnicas de construção textual. No caso da educação de surdos, a transposição pode potencializar a interpretação dos textos, tornando-os mais visuais e acessíveis. Essa estratégia permite que os alunos se familiarizem com recursos literários, como a ironia, a ambiguidade e as metáforas, elementos que podem ser desafiadores na aprendizagem da língua portuguesa escrita.

Matias, Cristóvão e Lousada (2020) analisam como a disponibilização em plataformas interativas, com tradução por meio de vídeos e animações, amplia a acessibilidade dos textos e favorece o aprendizado autônomo. Essa abordagem também incentiva a prática da leitura em ambientes virtuais, oferecendo aos alunos recursos multimodais que auxiliam na compreensão e no envolvimento com os conteúdos literários.

Fernandes (2022) ressalta a importância da utilização como ferramenta para o estímulo à produção textual por parte dos alunos. A partir da leitura e análise dessas narrativas curtas, os estudantes são incentivados a criar seus próprios textos, seja na forma escrita ou na produção de narrativas em Libras. Esse processo promove o desenvolvimento da expressão linguística e artística, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade cultural dos alunos surdos.

A aplicação desses textos no ensino bilíngue contribui para o desenvolvimento da leitura e da escrita, além de favorecer a interpretação crítica e a produção criativa dos estudantes. A combinação entre literatura, tecnologia e práticas pedagógicas adaptadas pode potencializar a aprendizagem e garantir que os minicontos se consolidem como um recurso valioso na educação de surdos.

Por serem narrativas curtas, oferecem uma estrutura textual acessível que pode ser facilmente adaptada para a Libras, permitindo a exploração de aspectos linguísticos, gramaticais e narrativos de forma dinâmica e interativa. Além disso, seu uso em ambientes educacionais pode potencializar o desenvolvimento da fluência e da expressividade dos alunos, tornando o processo de aprendizado mais envolvente e eficaz.

Rodrigues *et al.* (2021) destacam que são um recurso valioso para o ensino de Libras porque permitem o trabalho com diferentes níveis de complexidade linguística. Desde textos mais simples, voltados para aprendizes iniciantes, até narrativas mais sofisticadas, que desafiam a interpretação e análise crítica, oferecem oportunidades para a prática da estrutura gramatical, o enriquecimento do vocabulário e o desenvolvimento da coesão textual em narrativas sinalizadas. Essa abordagem facilita a aprendizagem progressiva da língua, respeitando o ritmo e a proficiência de cada aluno.

Guimarães (2023) enfatiza que podem ser utilizados para ensinar aspectos discursivos e culturais, permitindo que os alunos compreendam não apenas a gramática da língua, mas também suas formas de uso em contextos diversos. Por meio da análise de narrativas curtas, é possível explorar a estrutura das sentenças, as variações regionais dos sinais e a importância das expressões faciais e corporais na comunicação. Esse trabalho contribui para a formação de usuários proficientes da língua de sinais, capazes de utilizar com maior naturalidade e eficiência.

Tosta (2021) argumenta que a adaptação deve considerar o uso de recursos visuais, como vídeos e ilustrações, para garantir que as narrativas sejam compreendidas de maneira clara e envolvente. Ele ressalta que a oralidade, sendo uma língua gestual-visual, exige que os textos sejam apresentados em formatos que valorizem a simultaneidade e a tridimensionalidade da comunicação. A utilização de vídeos com contações de minicontos em Libras, por exemplo, pode ser uma estratégia eficaz para ampliar a acessibilidade e promover o interesse dos alunos pela literatura sinalizada.

Neves e Bunzen Júnior (2021) destacam a importância do uso na prática pedagógica para desenvolver a competência narrativa dos alunos surdos. Ao ler, interpretar e recontar, os estudantes aprimoram suas habilidades linguísticas e expressivas, exercitando a organização da narrativa, a coesão textual e o uso de marcadores discursivos. Além disso, essa prática incentiva a criatividade e a produção autoral, promovendo o protagonismo dos alunos no uso como instrumento de comunicação e expressão artística.

A estrutura curta e concisa dessas narrativas favorece a aprendizagem da Libras e da língua portuguesa escrita, além de estimular o desenvolvimento da leitura crítica e da produção textual. A integração curricular pode proporcionar um ensino mais dinâmico, interdisciplinar e acessível, promovendo a valorização da cultura surda e ampliando as possibilidades de expressão dos alunos.

Carmo (2021) enfatizam que o ensino bilíngue requer abordagens metodológicas que considerem a Libras como primeira língua (L1) dos alunos surdos e o português escrito como segunda língua (L2). Os minicontos se destacam nesse contexto porque permitem o ensino integrado das duas línguas, possibilitando que os alunos compreendam as narrativas primeiro na Libras e, posteriormente, realizem a leitura e interpretação dos textos em português. Essa prática fortalece o bilinguismo e ajuda a reduzir as dificuldades de aprendizagem encontradas por estudantes surdos no processo de aquisição da língua portuguesa.

Cruz (2021) discutem como a integração no currículo escolar pode contribuir para o desenvolvimento da literacia visual e textual dos alunos surdos. Como a Libras é uma língua visual-gestual, podem ser explorados em diferentes formatos, como vídeos narrados, histórias ilustradas e adaptações multimodais. Essa diversidade de abordagens permite que os alunos interajam com os textos de maneira mais engajadora, utilizando sua língua materna como base para compreender conceitos narrativos e estruturais.

Ribeiro *et al.* (2022) ressaltam que a introdução no ensino bilíngue deve ocorrer de forma planejada, respeitando as necessidades linguísticas dos alunos e considerando os diferentes níveis de proficiência e em português. Para isso, os professores podem utilizar estratégias como a leitura compartilhada, seguida de atividades de reescrita e adaptação para o português, promovendo um ensino bilíngue equilibrado. Além disso, podem ser utilizados para incentivar a produção criativa dos

alunos, permitindo que eles escrevam suas próprias narrativas e as traduzam entre as duas línguas.

Santos (2020) discute o impacto positivo da utilização no currículo escolar para estimular o pensamento crítico e a interpretação textual. Segundo o autor, ao trabalhar com minicontos, os alunos são desafiados a identificar elementos-chave da narrativa, como personagens, cenários e desfechos, promovendo o desenvolvimento da compreensão leitora. Essa abordagem também contribui para o ensino de gêneros textuais, permitindo que os estudantes comparem com outras formas literárias e analisem suas características estruturais.

Portanto, a integração curricular em escolas bilíngues pode fortalecer o ensino da Libras e do português escrito, além de promover o acesso equitativo à literatura e ao conhecimento. O uso desses textos curtos em práticas pedagógicas inovadoras permite que os alunos surdos desenvolvam habilidades linguísticas e literárias de forma mais acessível e motivadora.

O treinamento docente deve abranger tanto o uso pedagógico quanto estratégias para a adaptação dessas narrativas, garantindo que o ensino ocorra de forma inclusiva e alinhada às necessidades linguísticas da comunidade surda. Para que essa implementação seja bem-sucedida, é fundamental que os professores sejam capacitados não apenas em Libras, mas também em metodologias que favoreçam a exploração crítica e criativa no ensino.

Chaves (2022) ressalta a necessidade de formação continuada dos professores para o uso de minicontos como estratégia de ensino da língua portuguesa e da Libras. Segundo a autora, muitos docentes ainda enfrentam dificuldades na adaptação de materiais didáticos para alunos surdos devido à falta de treinamento específico. O desenvolvimento de oficinas pedagógicas e cursos de capacitação pode ajudar os professores a compreenderem a estrutura e sua aplicabilidade em sala de aula, tornando o ensino mais dinâmico e acessível.

Abreu (2023) aponta que o treinamento docente deve incluir abordagens que integrem a contação de histórias, a análise textual em português e atividades de produção narrativa, incentivando os alunos a criarem seus próprios minicontos em ambas as línguas. Essa prática não apenas fortalece o aprendizado bilíngue, mas também contribui para o desenvolvimento da criatividade e da expressão linguística dos estudantes.

Borba (2023) defendem que o treinamento de professores deve incluir o uso de tecnologias educacionais para facilitar a adaptação e a disseminação dos minicontos em Libras. Ferramentas como *softwares* de tradução automática, plataformas de leitura interativa e recursos audiovisuais podem ser incorporados ao planejamento pedagógico para tornar o ensino mais envolvente e acessível. Além disso, os autores destacam que a capacitação dos docentes deve abranger a produção de materiais didáticos inclusivos, garantindo que sejam adaptados de forma eficaz para o público surdo.

Albuquerque (2024) destaca que o treinamento docente deve considerar a perspectiva cultural da comunidade surda na aplicação como ferramenta de ensino. O autor ressalta que os professores devem estar preparados para adaptar os textos de maneira sensível e respeitosa, levando em conta as experiências e vivências dos alunos surdos. Além disso, a participação ativa da comunidade surda no processo de capacitação dos docentes pode contribuir para o aprimoramento das estratégias de ensino e para a valorização como língua de instrução.

A capacitação docente deve incluir formação linguística em Libras, metodologias inovadoras para o ensino da literatura e o uso de tecnologias educacionais, além de considerar a valorização da cultura surda no processo de ensino-aprendizagem. Com essas estratégias, os professores estarão mais preparados para utilizar os minicontos de maneira eficaz, promovendo um ensino mais inclusivo e significativo para seus alunos.

Essas narrativas curtas são eficazes para promover o desenvolvimento da leitura, escrita, interpretação e criatividade dos alunos, permitindo um ensino mais dinâmico e acessível. No entanto, para que sua utilização seja plenamente eficaz, é necessário avaliar sistematicamente o impacto desse recurso no aprendizado dos estudantes, identificando benefícios, desafios e possíveis melhorias na aplicação didática.

Castro (2023) pontua que a avaliação do impacto deve considerar tanto o desenvolvimento linguístico quanto o envolvimento dos alunos com o processo de aprendizagem. Estudos indicam que o uso de narrativas curtas contribui para a ampliação do vocabulário, a compreensão de estruturas textuais e o fortalecimento da habilidade de inferência, aspectos essenciais para o aprendizado do português como segunda língua para alunos surdos. Além disso, oferecem oportunidades para a

análise crítica e a interpretação textual, competências fundamentais para o letramento acadêmico e literário.

Souza e Camelo (2022) destacam a importância da participação ativa dos alunos no processo avaliativo, enfatizando que o feedback dos estudantes pode fornecer informações valiosas sobre a eficácia na aprendizagem. Métodos qualitativos, como entrevistas e grupos focais, podem ser utilizados para compreender as percepções dos alunos em relação ao uso dessas narrativas, identificando se elas despertam interesse, facilitam a compreensão dos conteúdos e promovem maior engajamento com o aprendizado. Além disso, a autoavaliação dos estudantes pode ser um recurso relevante para medir a evolução da leitura e da produção escrita.

A avaliação do impacto dos minicontos na aprendizagem também deve considerar a acessibilidade dos materiais e a adequação das estratégias pedagógicas para diferentes perfis de alunos. A adaptação dos textos para Libras, o uso de recursos audiovisuais e a integração a metodologias interativas são aspectos que influenciam diretamente o sucesso dessa abordagem. A análise dos resultados obtidos com essas adaptações pode contribuir para o aprimoramento contínuo das práticas educativas, garantindo que sejam utilizados de forma mais inclusiva e eficiente.

Ferreira *et al.* (2022) destacam que são uma ferramenta essencial para materiais didáticos voltados ao ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos. Como os estudantes enfrentam desafios na aprendizagem da estrutura gramatical e na construção de sentido dos textos escritos, permitem um trabalho mais focado e gradual, tornando o aprendizado mais acessível. Além disso, a possibilidade de adaptação para vídeos em Libras amplia a compreensão e facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Lessa Neta (2020) ressalta que a inclusão em livros didáticos é uma alternativa viável para tornar os conteúdos mais atrativos e próximos à realidade dos alunos. A autora enfatiza que a escolha dos textos deve considerar critérios como relevância temática, diversidade de estilos e abordagem interdisciplinar. A presença nos materiais didáticos permite não apenas a prática da leitura, mas também o desenvolvimento da criatividade e da análise crítica dos estudantes, incentivando a participação ativa na interpretação e reescrita das narrativas.

Santos *et al.* (2023) analisam a importância da integração dos minicontos a recursos tecnológicos, ressaltando que os materiais didáticos contemporâneos

precisam incorporar diferentes modalidades de aprendizagem. A digitalização, associada ao uso de ilustrações, vídeos e animações em Libras, amplia a acessibilidade dos textos e favorece a interação dos alunos com os conteúdos. Além disso, a utilização de plataformas interativas permite que os estudantes tenham autonomia na exploração dos minicontos, promovendo um aprendizado mais significativo e adaptado às suas necessidades individuais.

Nogueira (2021) argumenta que a inclusão nos materiais didáticos deve considerar as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda. A seleção dos textos deve valorizar narrativas que representem a vivência dos surdos e que possam ser traduzidas sem comprometer sua estrutura e seu impacto literário. O uso de histórias que dialoguem com a identidade cultural dos alunos fortalece a valorização da Libras como língua de instrução e contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa.

A adaptação dessas narrativas para diferentes formatos, como vídeos e plataformas digitais, potencializa sua aplicabilidade no contexto escolar, permitindo que os alunos interajam de maneira mais eficaz com os conteúdos. Dessa forma, a incorporação nos materiais contribui para a construção de uma educação bilíngue mais acessível e culturalmente representativa.

Devido à sua estrutura breve e direta, essas narrativas são adequadas para promover o desenvolvimento da leitura, da escrita e da interpretação textual, facilitando a aprendizagem para estudantes surdos e ouvintes. Diferentes projetos educacionais têm explorado o potencial dos minicontos para tornar o ensino mais dinâmico, inclusivo e acessível.

Santos (2022) destaca que iniciativas pedagógicas envolvendo minicontos vêm sendo implementadas em diversas escolas bilíngues para surdos, com o objetivo de fortalecer a competência linguística e literária dos alunos. Esses projetos buscam não apenas incentivar a leitura e a escrita, mas também estimular a criatividade dos estudantes por meio da produção de minicontos próprios. A possibilidade de os alunos recontarem essas narrativas em Libras, seja por meio de vídeos ou apresentações teatrais, permite um aprendizado mais interativo e alinhado à estrutura visual-espacial da língua de sinais.

Santos e Fernandes (2021) salientam que a adaptação dessas narrativas contribui para a valorização da cultura surda e para o fortalecimento da identidade linguística dos alunos. Além disso, iniciativas que promovem oficinas de escrita

criativa e produção audiovisual baseada em minicontos demonstram impactos positivos no engajamento dos estudantes, ampliando suas habilidades comunicativas e narrativas.

Schlemper (2019) aponta que algumas iniciativas voltadas para a formação de professores também têm explorado o uso como ferramenta pedagógica. Programas de capacitação docente vêm sendo desenvolvidos para orientar educadores sobre como utilizar essas narrativas de forma eficiente no ensino bilíngue, garantindo que a adaptação respeite as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Além disso, projetos que integram minicontos a metodologias interdisciplinares têm demonstrado resultados positivos na aprendizagem de alunos surdos, promovendo um ensino mais contextualizado e significativo.

Seibel *et al.* (2023) discutem a implementação de projetos que utilizam os minicontos em plataformas digitais, ampliando o acesso a materiais educativos acessíveis. Iniciativas que disponibilizam minicontos traduzidos em formato de vídeo ou animação têm sido fundamentais para garantir que estudantes surdos tenham acesso a conteúdos literários adaptados às suas necessidades linguísticas. Além disso, projetos que combinam o uso de tecnologia com práticas pedagógicas inovadoras permitem que os alunos interajam de forma mais ativa com os textos, favorecendo a construção do conhecimento.

Essas ações não apenas ampliam o repertório literário dos estudantes, mas também incentivam a criatividade, a expressão linguística e a valorização da Libras como língua de instrução. O investimento contínuo em iniciativas que utilizem minicontos na educação, aliado à formação de professores e ao desenvolvimento de materiais acessíveis, é fundamental para garantir uma aprendizagem mais equitativa e significativa para a comunidade surda.

O feedback de estudantes e educadores atua nesse processo, fornecendo informações sobre a aplicabilidade em contextos bilíngues e sobre os desafios enfrentados na adaptação dessas narrativas. Ao coletar e analisar essas percepções, é possível aprimorar as abordagens pedagógicas, garantindo que sejam utilizadas de maneira mais significativa e inclusiva no ensino de surdos.

Batista, Silva e Souza (2021) expõe que o feedback dos estudantes é essencial para compreender como contribuem para o aprendizado da língua portuguesa e da Libras. Os alunos surdos frequentemente relatam que a tradução e adaptação das histórias para a língua de sinais facilitam a compreensão textual,

tornando a leitura mais acessível e envolvente. Além disso, o uso em diferentes formatos, como vídeos e materiais interativos, é apontado como um fator positivo que amplia o interesse dos estudantes pela literatura e pela produção textual.

Ávila-Nóbrega (2023) destaca que o retorno dos educadores sobre o uso em sala de aula é crucial para ajustar as metodologias empregadas. Os professores relatam que essas narrativas curtas são eficazes para introduzir conceitos gramaticais, promover o letramento bilíngue e estimular a interpretação crítica dos alunos. No entanto, muitos educadores também mencionam desafios relacionados à adaptação, como a necessidade de criar traduções visuais que mantenham a expressividade e o significado original do texto.

Bedin (2021) mostra que o feedback dos estudantes pode ser coletado por meio de diferentes estratégias, como questionários, entrevistas e grupos focais. Essas abordagens permitem identificar quais aspectos dos minicontos são mais eficazes no ensino e quais necessitam de ajustes. Além disso, os autores destacam que o envolvimento dos alunos no processo de avaliação fortalece sua autonomia e senso de pertencimento, incentivando a participação ativa na construção do conhecimento.

Santos (2020) argumenta que a troca de experiências entre educadores é essencial para aperfeiçoar as metodologias pedagógicas e garantir que sejam utilizados de maneira eficaz na educação bilíngue. Além disso, a criação de espaços de diálogo entre professores e a comunidade surda pode contribuir para a elaboração de materiais didáticos mais alinhados às necessidades dos estudantes.

A coleta sistemática dessas percepções permite que os materiais didáticos sejam ajustados para atender melhor às necessidades da comunidade surda, garantindo que a utilização continue sendo uma estratégia eficaz para o ensino bilíngue. Dessa forma, o investimento em metodologias participativas e na troca de experiências entre professores e alunos contribui para um ensino mais acessível, inclusivo e de qualidade.

### **4.3 Recepção e impacto cultural dos minicontos em libras**

Como narrativas curtas e objetivas, os minicontos apresentam um grande potencial para serem incorporados ao ensino de Libras e ao desenvolvimento da leitura em português como segunda língua para surdos. No entanto, a recepção desse

gênero textual pela comunidade surda está diretamente relacionada à forma como ele é adaptado e apresentado, considerando as especificidades linguísticas e culturais.

Guimarães (2023) destaca que a aceitação pela comunidade surda depende, principalmente, da adequação dos textos às características visuais e espaciais da Libras. Como a língua de sinais utiliza simultaneidade gestual e expressões faciais para a construção de sentido, traduzidos devem preservar a expressividade e a fluidez narrativas, garantindo que o leitor surdo tenha uma experiência equivalente à do leitor ouvinte. Para isso, estratégias como o uso de vídeos, animações e narradores surdos são essenciais para tornar os minicontos mais envolventes e acessíveis.

Rodrigues *et al.* (2021) ressaltam que a participação da comunidade surda no processo de adaptação e validação é fundamental para garantir sua aceitação. A adaptação não deve se restringir à tradução literal do texto, mas sim considerar as nuances culturais e linguísticas dos surdos, permitindo que a narrativa faça sentido dentro do contexto da língua de sinais. Quando os surdos reconhecem suas experiências e identidade representadas, há uma maior valorização e aceitação desse gênero literário.

Ribeiro *et al.* (2022) analisam como muitos alunos da comunidade surda demonstram maior interesse por textos que podem ser apresentados em formatos multimodais, combinando Libras, imagens e legendas em português. A aceitação dos minicontos está, portanto, relacionada à sua apresentação acessível e ao engajamento que promovem entre os leitores. Além disso, quando os surdos têm a oportunidade de produzir seus próprios minicontos, há um aumento na identificação com esse gênero literário, favorecendo sua disseminação na comunidade.

Silva Junior e Moraes (2022) enfatizam que a aceitação pela comunidade surda também depende do papel da escola e dos espaços culturais na valorização dessa forma de narrativa. Projetos educacionais que incluem minicontos em suas práticas pedagógicas, incentivando a leitura e a interpretação dos textos, têm contribuído para a ampliação do interesse da comunidade surda por esse gênero. Além disso, a realização de eventos culturais e literários específicos para surdos, nos quais são apresentados e discutidos, reforça sua importância e aceitação.

Dessa forma, para garantir que esse gênero seja amplamente valorizado e utilizado, é essencial que haja um esforço conjunto entre educadores, tradutores, escritores e a própria comunidade surda na produção de materiais acessíveis e relevantes. O fortalecimento dessas iniciativas contribui para o enriquecimento da

literatura surda e para a ampliação do acesso a textos literários que respeitam e valorizam a língua e a cultura dos surdos.

A literatura surda tem um impacto fundamental na promoção do reconhecimento da Libras como língua legítima, na preservação da cultura surda e na valorização das narrativas que representam as perspectivas e realidades desse grupo. No contexto, essa identidade é fortalecida pela possibilidade de adaptar as histórias e ampliar a inclusão dos surdos no universo literário.

Matias, Cristóvão e Lousada (2020) ressaltam que são uma ferramenta para o fortalecimento da identidade cultural surda, pois promovem o acesso à literatura por meio de uma linguagem visual-espacial. A tradução desses textos para Libras permite que os surdos interajam com as narrativas de forma mais natural, sem barreiras linguísticas. Além disso, a adaptação para vídeos narrados por pessoas surdas reforça a representatividade e proporciona uma experiência literária mais envolvente e acessível. Esse contato direto com histórias contadas fortalece o sentimento de pertencimento e identidade cultural.

Cruz (2021) destacam que a inclusão na educação de surdos não apenas aprimora a competência leitora, mas também contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autoafirmação cultural. Quando os surdos se veem representados nas histórias, reconhecendo suas experiências e desafios cotidianos nos personagens e nos enredos, há um fortalecimento da identidade surda. A criação por estudantes surdos também se mostra uma estratégia eficaz para incentivar a produção literária, permitindo que os próprios surdos se tornem autores e protagonistas de suas narrativas. Nesse sentido, a autora pontua que o impacto na identidade cultural surda também se reflete na valorização como meio de comunicação e expressão artística. A literatura surda, quando adaptada para essa língua, proporciona uma experiência diferenciada, na qual o espaço, os gestos e as expressões faciais substituem as convenções da escrita. Dessa forma, se tornam uma manifestação autêntica da cultura surda, permitindo a transmissão de conhecimento e de valores culturais de uma geração para outra.

Carmo (2021) analisam como a identidade cultural dos surdos pode ser fortalecida por meio do uso de minicontos em contextos educacionais e comunitários. Ao serem apresentados em Libras, se tornam mais do que um simples gênero literário: configuram-se como um meio de fortalecimento da autoestima e da inclusão dos surdos na literatura. A criação e a adaptação de histórias curtas permitem que a

comunidade surda compartilhe suas próprias narrativas, consolidando sua cultura e promovendo a valorização da língua de sinais como um elemento essencial da identidade surda.

Assim, a valorização dessa forma narrativa na educação e na cultura surda contribui para a afirmação da Libras como uma língua legítima e para a construção de um repertório literário mais inclusivo e acessível. Dessa maneira, não apenas enriquecem o ensino bilíngue, mas também agem no fortalecimento da cultura e da identidade surda.

Como gênero textual breve, os minicontos possuem um grande potencial para facilitar a leitura e interpretação, tornando-se ferramentas eficazes em ambientes educacionais, culturais e digitais. No entanto, a forma como são recebidos por diferentes leitores, incluindo a comunidade surda, depende diretamente da adequação das estratégias de adaptação e das metodologias aplicadas.

Fernandes (2022) destaca que, no contexto da publicidade e do storytelling digital, são bem recebidos por seu caráter sintético e impactante. A recepção positiva desse gênero se deve ao seu poder de síntese e ao apelo emocional, características que o tornam adequado para plataformas digitais e campanhas que buscam transmitir mensagens rápidas e eficazes. No ambiente escolar, no entanto, a recepção pode variar de acordo com o nível de proficiência dos alunos em leitura e a adaptação dos minicontos ao formato bilíngue, especialmente em escolas que atendem estudantes surdos.

Santos (2020) ressalta que a recepção na educação depende da forma como são apresentados aos alunos e da mediação pedagógica realizada pelos professores. Quando trabalhados de forma interativa, explorando diferentes suportes como vídeos, animações e leitura compartilhada, tendem a gerar maior envolvimento dos estudantes. No entanto, o autor também aponta que a falta de materiais acessíveis pode impactar negativamente a recepção por estudantes surdos, uma vez que a ausência de uma adaptação adequada compromete a compreensão e o interesse pelo gênero.

Bedin (2021) enfatizam que a recepção dos minicontos em contextos de ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos é amplamente influenciada pela acessibilidade da narrativa. Quando acompanhados de tradução e explorados de maneira multimodal, são mais bem aceitos pelos alunos, pois permitem que a interpretação ocorra tanto na língua de sinais quanto na escrita. Além disso, a

possibilidade de produzir e compartilhar minicontos em Libras fortalece o envolvimento dos estudantes, permitindo que eles desenvolvam suas habilidades de leitura e produção textual de forma mais significativa.

Ávila-Nóbrega (2023) discute a recepção em espaços culturais, como feiras literárias e eventos comunitários, destacando que a valorização desse gênero está diretamente ligada ao reconhecimento de sua importância na formação do repertório literário e identitário dos leitores. No contexto da literatura surda, a recepção dos minicontos tem sido ampliada por iniciativas que promovem a contação de histórias e a adaptação de narrativas para formatos audiovisuais acessíveis. Essa abordagem tem contribuído para a construção de uma literatura mais inclusiva e para o fortalecimento da identidade cultural dos surdos.

Desse modo, no ambiente digital, eles se destacam por sua concisão e impacto imediato, enquanto no contexto educacional sua aceitação está diretamente ligada à acessibilidade e à mediação pedagógica. Já em espaços culturais, são reconhecidos como um importante instrumento para a difusão da literatura e para a valorização da identidade surda. Com a adoção de estratégias adequadas de adaptação e apresentação, esse gênero pode atuar na promoção do letramento e no fortalecimento da cultura literária, tanto na comunidade ouvinte quanto na comunidade surda.

Neves e Bunzen Júnior (2021) enfatizam que podem ser utilizados como um recurso educacional para sensibilizar os estudantes sobre a importância da diversidade cultural e linguística. A introdução de narrativas que retratam diferentes contextos sociais, históricos e culturais permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais ampla sobre a pluralidade da sociedade e sobre a necessidade de inclusão. Além disso, ao serem adaptados para a Libras, não apenas garantem o acesso à literatura para a comunidade surda, mas também contribuem para a difusão e valorização da cultura surda no ambiente escolar.

Chaves (2022) destaca que são uma ferramenta pedagógica eficaz para o ensino de temáticas relacionadas à identidade e à inclusão. No contexto da educação de surdos, esses textos curtos podem abordar a experiência da comunidade surda, sua história e seus desafios, promovendo a reflexão sobre a importância do reconhecimento como língua legítima e do respeito às diferenças culturais. A inserção que dialoga com a vivência dos surdos nos materiais didáticos fortalece a identidade

cultural dos alunos e contribui para a construção de um ambiente educacional mais equitativo.

Ferreira *et al.* (2022) analisam como a diversidade cultural pode ser representada nos minicontos e de que maneira essa representação impacta a recepção do texto pelos leitores. Segundo os autores, quando abordam diferentes realidades sociais e culturais, os leitores se identificam mais facilmente com as histórias, tornando a experiência literária mais envolvente e significativa. No caso da adaptação, é essencial que os tradutores considerem não apenas a fidelidade ao conteúdo original, mas também a adequação cultural da narrativa, garantindo que a história mantenha sua autenticidade e relevância para os leitores surdos.

Tosta (2021) argumenta que a literatura tem um papel crucial na valorização das identidades culturais e que a inclusão de minicontos que retratem diferentes perspectivas e vivências amplia o repertório literário disponível para estudantes e leitores em geral. A adaptação dessas narrativas é um passo para tornar a literatura mais acessível e para garantir que a diversidade cultural seja refletida não apenas nos temas abordados, mas também nos formatos disponíveis para diferentes públicos.

Ao permitirem a representação de múltiplas identidades e experiências, essas narrativas curtas contribuem para o reconhecimento e valorização de diferentes grupos sociais. No contexto da educação bilíngue, a adaptação para Libras amplia essa inclusão, garantindo que a comunidade surda tenha acesso a conteúdos literários que respeitam e celebram sua cultura. Dessa forma, não apenas enriquecem o ensino da literatura, mas também atuam na construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Diante dos avanços tecnológicos e do crescimento do interesse pela literatura surda, as perspectivas futuras para os minicontos nesse contexto apontam para uma ampliação das produções literárias, maior integração com tecnologias digitais e o fortalecimento da participação da comunidade surda na criação e difusão desses textos.

Castro (2023) destaca que uma das principais tendências para os minicontos na cultura surda é a expansão das produções literárias voltadas especificamente para esse público. A criação de minicontos escritos por autores surdos, bem como sua adaptação para Libras por tradutores especializados, pode contribuir para a construção de um acervo literário mais inclusivo e diversificado. A valorização da autoria surda permite que as narrativas reflitam experiências autênticas, fortalecendo

a identidade cultural da comunidade e promovendo uma literatura que dialogue diretamente com suas vivências e desafios.

Schlemper (2019) evidencia que o uso de plataformas interativas, aplicativos educacionais e recursos audiovisuais pode facilitar a disseminação desses textos, tornando-os mais acessíveis a um público amplo. Além disso, as inovações na área da inteligência artificial e da tradução automática podem auxiliar na adaptação, garantindo maior precisão na conversão das narrativas escritas para a língua de sinais. A integração dessas ferramentas ao ambiente educacional pode potencializar o ensino da literatura e da língua portuguesa para estudantes surdos.

Lessa Neta (2020) aponta que a inserção nos currículos escolares bilíngues pode ser fortalecida nos próximos anos, à medida que cresce a valorização da literatura surda no contexto educacional. O uso de minicontos adaptados para Libras como parte das práticas pedagógicas pode contribuir para a formação leitora dos estudantes surdos, promovendo o desenvolvimento da interpretação textual e da produção narrativa. Além disso, a inclusão desses textos nos materiais didáticos de escolas bilíngues pode incentivar uma abordagem mais dinâmica e participativa no ensino da língua portuguesa como segunda língua.

Santos e Fernandes (2021) discutem a importância da ampliação dos espaços de produção e circulação na cultura surda. Eventos literários, festivais e projetos culturais voltados para a comunidade surda podem agir na difusão desses textos, promovendo o reconhecimento da literatura surda como um campo legítimo e independente dentro do universo literário. A criação de editoras especializadas em publicações bilíngues e a formação de redes de escritores, tradutores e educadores surdos também podem contribuir para o fortalecimento do gênero no futuro.

A valorização da autoria surda, a integração com tecnologias digitais, a inclusão nos currículos escolares e a ampliação dos espaços de difusão literária são elementos-chave para consolidar o miniconto como um gênero fundamental na literatura surda. Com o avanço dessas iniciativas, podem ter uma função ainda mais relevante na preservação da cultura surda, no incentivo à leitura e na promoção da inclusão literária e educacional.

Essas iniciativas visam fortalecer a identidade cultural surda e ampliar o repertório literário disponível para essa comunidade. Ao reunir escritores, tradutores, educadores e o público surdo em um espaço de troca e valorização da língua de

sinais, esses eventos possibilitam o reconhecimento da literatura surda como uma expressão legítima e autônoma dentro do cenário literário mais amplo.

Santos *et al.* (2023) destacam que os festivais literários focados em minicontos em Libras têm crescido nos últimos anos, acompanhando a expansão da literatura surda e o reconhecimento como uma língua legítima. Esses eventos oferecem uma plataforma para escritores e tradutores surdos apresentarem suas obras, promovendo a criação de narrativas acessíveis e culturalmente representativas. Além disso, os festivais literários aplicam uma funcionalidade importante na formação de novos leitores e na disseminação da literatura bilíngue, aproximando a comunidade surda do universo literário de forma mais ativa e engajada.

Nogueira (2021) enfatiza que os eventos voltados para minicontos em Libras também são fundamentais para a experimentação de novas formas de apresentação literária. A literatura surda tem características próprias, baseadas na oralidade visual e na expressividade da língua de sinais. Dessa forma, os festivais não apenas promovem a leitura e a escrita, mas também incentivam performances e apresentações narrativas que exploram o potencial artístico. As contações de histórias, os saraus visuais e as adaptações cinematográficas são alguns dos formatos inovadores apresentados nesses eventos.

Santos (2022) aponta que a realização de festivais literários focados tem um impacto na educação de surdos, pois amplia o acesso a conteúdos literários adaptados e incentiva a produção criativa dentro da comunidade escolar. A participação de estudantes em competições de minicontos e oficinas literárias promovidas nesses eventos contribui para o desenvolvimento da escrita em português e da fluência, fortalecendo a prática do bilinguismo. Além disso, a interação com escritores e contadores de histórias surdos estimula o interesse dos alunos pela literatura e incentiva sua inserção no universo literário.

Schlemper (2019) ressalta a importância dos eventos literários para a profissionalização de escritores e tradutores de Libras. A criação de espaços para a exibição e comercialização de minicontos traduzidos ou produzidos diretamente possibilita o reconhecimento e a valorização do trabalho de autores surdos. Além disso, os festivais literários podem servir como ambientes de debate e formação profissional, promovendo discussões sobre a adaptação de textos para a língua de sinais, os desafios da tradução literária e as possibilidades de expansão da literatura surda.

Essas iniciativas não apenas promovem a acessibilidade e a inclusão, mas também incentivam a criação e a inovação dentro do campo da literatura visual. Com o crescimento do reconhecimento e da literatura surda, espera-se que esses festivais continuem a se expandir, oferecendo cada vez mais oportunidades para escritores, tradutores, educadores e leitores surdos se engajarem ativamente na produção e no consumo de literatura acessível e culturalmente relevante.

Seibel *et al.* (2023) destacam que a inserção em plataformas digitais tem sido uma estratégia eficaz para incentivar a leitura e a interpretação textual. Redes sociais, blogs e sites especializados em literatura oferecem um ambiente propício para a divulgação de minicontos, permitindo que leitores tenham acesso rápido e gratuito a estas narrativas curtas. Além disso, plataformas audiovisuais, como YouTube e TikTok, têm sido utilizadas para a contação de minicontos em Libras, tornando a literatura mais acessível para a comunidade surda. A combinação entre texto escrito e linguagem visual possibilita uma experiência literária mais inclusiva e dinâmica.

Batista, Silva e Souza (2021) ressaltam que a mídia atua na promoção dos minicontos ao viabilizar a produção e a difusão de conteúdos multimodais. A integração de diferentes formatos, como vídeos, ilustrações e animações, permite que os minicontos sejam explorados de maneira interativa, o que favorece a recepção do público. Para os leitores surdos, a disponibilização de minicontos narrados em Libras e acompanhados de legendas representa um avanço na democratização da literatura. Além disso, a colaboração entre escritores, tradutores e produtores de conteúdo midiático fortalece a representatividade da literatura surda nos meios de comunicação.

Santos (2020) aponta que a incorporação de plataformas digitais e recursos audiovisuais no ensino permite que sejam explorados de forma mais interativa e acessível. Ferramentas como podcasts, livros digitais e aplicativos educativos podem ser utilizadas para ampliar o contato dos estudantes com essa forma de narrativa. Além disso, a presença nos meios de comunicação contribui para a valorização do letramento digital e para o desenvolvimento das habilidades de interpretação e produção textual.

Fernandes (2022) analisa como a publicidade e o marketing digital têm utilizado os minicontos como estratégia de engajamento, reforçando seu apelo comunicacional e sua capacidade de transmitir mensagens de forma rápida e impactante. O formato breve e direto dos minicontos os torna ideais para campanhas publicitárias e ações de storytelling nas redes sociais, o que tem contribuído para sua

popularização. No contexto da literatura surda, a adaptação para os meios de comunicação representa uma oportunidade para ampliar a visibilidade da cultura surda e promover o reconhecimento da Libras como língua literária.

Ou seja, a utilização de plataformas digitais, redes sociais e recursos audiovisuais tem contribuído para ampliar o acesso a esse gênero literário, tornando a literatura mais inclusiva e acessível para a comunidade surda. Além disso, a valorização nos meios de comunicação fortalece sua relevância cultural e educacional, incentivando a produção e o consumo de narrativas curtas em múltiplos formatos. Dessa forma, promovem a literatura e atuam na construção de um ambiente literário mais democrático e diversificado.

#### **4.4 Tecnologia e inovação na produção de minicontos em libras**

A digitalização da literatura e o uso de recursos multimídia permitem que essas narrativas curtas sejam exploradas de forma inovadora, tornando a experiência de leitura mais dinâmica e interativa. Tecnologias como inteligência artificial, realidade aumentada e plataformas digitais têm facilitado a adaptação dos minicontos para diferentes formatos, ampliando seu alcance e impacto no ensino e na promoção da literatura.

Bedin (2021) destacam que a incorporação de recursos tecnológicos na literatura tem transformado a maneira como os leitores interagem com os textos. No caso dos minicontos, ferramentas digitais permitem a criação de versões interativas, nas quais os leitores podem escolher diferentes caminhos narrativos, acessar conteúdos audiovisuais complementares e explorar ilustrações animadas. Além disso, a utilização de aplicativos educativos baseados em gamificação tem incentivado a leitura e a produção por estudantes, tornando o processo de aprendizado mais envolvente.

Rodrigues *et al.* (2021) enfatizam que os avanços tecnológicos são fundamentais para a adaptação para Libras, promovendo maior acessibilidade para a comunidade surda. *Softwares* de reconhecimento de gestos e inteligência artificial voltada para a tradução automática de textos têm sido desenvolvidos para facilitar a conversão de conteúdos escritos para a língua de sinais. Além disso, plataformas de aprendizagem online têm incorporado vídeos com contações de minicontos,

permitindo que alunos surdos tenham acesso a materiais literários adaptados às suas necessidades linguísticas.

Guimarães (2023) ressalta que a realidade aumentada e a realidade virtual são tecnologias promissoras para a evolução dos minicontos, possibilitando experiências literárias imersivas. Por meio dessas ferramentas, os leitores podem interagir com os personagens, explorar cenários tridimensionais e acompanhar a narrativa de forma visual e interativa. No caso da literatura surda, essas tecnologias podem ser aplicadas para permitir que sejam apresentados em ambientes virtuais nos quais a Libras seja utilizada como meio principal de comunicação, tornando a literatura ainda mais acessível e envolvente.

Matias, Cristóvão e Lousada (2020) analisam a importância das mídias digitais na difusão, ressaltando que redes sociais e plataformas de streaming têm sido espaços essenciais para a popularização desse gênero literário. A produção e compartilhamento em formato de vídeos curtos e animações têm ampliado a visibilidade dessas narrativas e promovido sua integração com outras formas de expressão artística. Além disso, a digitalização possibilita que sejam acessados por um público mais amplo, rompendo barreiras geográficas e garantindo maior democratização da literatura.

Com o desenvolvimento contínuo de novas tecnologias, espera-se que continuem evoluindo, oferecendo experiências literárias cada vez mais inclusivas e adaptadas às necessidades dos diferentes públicos. Dessa forma, a integração entre literatura e tecnologia fortalece o papel dos minicontos na educação e na cultura digital contemporânea.

No contexto, *softwares* e plataformas especializadas agem na adaptação e na criação de narrativas visuais, ampliando o acesso da comunidade surda à literatura e fortalecendo a produção cultural em língua de sinais. Essas tecnologias possibilitam não apenas a tradução de textos escritos, mas também a criação direta de histórias em uma estrutura narrativa adequada à linguagem visual-espacial dos surdos.

Fernandes (2022) destaca que a utilização de plataformas digitais tem sido essencial para a adaptação de narrativas literárias, garantindo que o conteúdo preserve os elementos culturais e linguísticos da comunidade surda. O desenvolvimento de *softwares* que permitem a criação de vídeos narrativos tem sido um dos avanços mais relevantes para a literatura surda. Essas ferramentas possibilitam a gravação e edição de histórias contadas em língua de sinais,

promovendo um formato literário visualmente acessível e dinâmico. Além disso, plataformas educacionais têm integrado recursos que permitem a leitura simultânea em português e Libras, auxiliando no ensino bilíngue.

Borba (2023) enfatizam o papel das plataformas interativas na criação e compartilhamento de conteúdos literários. Aplicativos e sites que permitem a produção colaborativa em língua de sinais têm se mostrado eficazes na promoção da literatura surda. Algumas dessas plataformas contam com avatares digitais capazes de traduzir textos para Libras, proporcionando maior acessibilidade e permitindo que leitores surdos interajam com conteúdos literários sem a necessidade de intermediários. Além disso, esses softwares facilitam o aprendizado da língua de sinais para ouvintes, promovendo uma integração maior entre os dois grupos linguísticos.

Neves e Bunzen Júnior (2021) ressaltam a importância da utilização de softwares de tradução automática e inteligência artificial na produção de conteúdos em Libras. Embora ainda existam desafios na precisão da tradução literária para língua de sinais, ferramentas digitais vêm sendo aprimoradas para garantir maior fidelidade semântica e estrutural na adaptação de textos. Softwares que convertem textos escritos em Libras utilizando modelos de avatares 3D são exemplos de como a tecnologia pode auxiliar na criação de minicontos acessíveis, permitindo que surdos tenham acesso à literatura em sua língua natural.

A implementação de tecnologias como avatares digitais, tradução automatizada e plataformas interativas têm contribuído para tornar a literatura visualmente acessível, promovendo uma maior inclusão no universo literário. À medida que novas inovações surgem, espera-se que a produção e a disseminação de conteúdos literários se tornem ainda mais acessíveis, consolidando a literatura surda como um campo fundamental para a valorização da língua e da cultura dos surdos.

Ribeiro *et al.* (2022) ressaltam que a realidade aumentada e a realidade virtual têm sido exploradas como ferramentas educacionais para a acessibilidade, permitindo que alunos surdos interajam com conteúdos de maneira mais envolvente. No caso, essas tecnologias podem ser utilizadas para criar experiências narrativas imersivas, nas quais os leitores possam visualizar cenários tridimensionais e acompanhar a narrativa em Libras por meio de avatares ou personagens animados. Essa abordagem não apenas torna a literatura mais acessível, mas também fortalece a identidade cultural dos surdos ao permitir que suas histórias sejam contadas de forma mais autêntica.

Carmo (2021) enfatizam que a realidade aumentada tem um papel importante na integração da literatura surda com o ambiente educacional, possibilitando a criação de livros interativos que combinam elementos visuais e linguísticos. Os minicontos podem ser adaptados para plataformas de RA que permitem a visualização de personagens e cenários em 3D, acompanhados da tradução simultânea em Libras. Esse formato proporciona uma experiência mais imersiva e significativa para os leitores surdos, eliminando barreiras linguísticas e garantindo que a leitura ocorra em sua língua natural.

Silva Junior e Moraes (2022) destacam que a realidade virtual tem sido aplicada na criação de espaços interativos nos quais os usuários podem explorar histórias de maneira inovadora. No contexto, essa tecnologia pode ser utilizada para criar ambientes virtuais nos quais os leitores podem "entrar" na narrativa, interagindo com os personagens e acompanhando a história de forma visual e sensorial. Esse tipo de experiência favorece a imersão dos leitores e possibilita uma maior compreensão da estrutura narrativa, além de tornar o aprendizado mais dinâmico e motivador.

Chaves (2022) discute a importância da implementação dessas tecnologias no ensino bilíngue de surdos, destacando que a RA e a RV podem ser ferramentas valiosas para a inclusão e o desenvolvimento da leitura e da escrita. Os minicontos, quando adaptados para essas plataformas, permitem que os alunos interajam com o texto de forma ativa, explorando elementos visuais e linguísticos simultaneamente. Além disso, a utilização dessas tecnologias pode incentivar a produção literária dos próprios estudantes, estimulando a criação de histórias em Libras dentro de um ambiente digital acessível e inovador.

Essas tecnologias permitem a criação de experiências interativas que promovem a inclusão e garantem maior acessibilidade à literatura, tornando o ensino e a leitura mais dinâmicos e envolventes. Com o desenvolvimento contínuo dessas ferramentas, espera-se que cada vez mais sejam adaptados para esses formatos, ampliando o repertório literário acessível à comunidade surda e promovendo novas formas de interação com a literatura visual.

Com a crescente digitalização da literatura, plataformas como Instagram, TikTok, Facebook e Twitter se tornaram espaços propícios para a circulação de minicontos em formatos diversos, permitindo maior acessibilidade e engajamento por parte do público. No contexto da literatura surda e da educação bilíngue, as mídias

sociais representam um meio eficaz para a promoção dos minicontos adaptados para Libras, ampliando o acesso da comunidade surda a produções literárias e incentivando novas formas de interação com o texto.

Tosta (2021) destaca que o formato breve dos minicontos os torna altamente compatíveis com a dinâmica das mídias sociais, onde o consumo de conteúdo é acelerado e baseado em estímulos visuais e textuais curtos. A adaptação para postagens multimodais, que combinam texto, imagem, vídeo e recursos interativos, facilita a disseminação dessas narrativas e atrai um público diversificado. Além disso, a possibilidade de criar versões audiovisuais dos minicontos, narradas em Libras ou acompanhadas de legendas e ilustrações, amplia o alcance do conteúdo e fortalece a inclusão de leitores surdos.

Santos (2020) enfatiza que as mídias sociais não apenas facilitam o acesso, mas também incentivam a produção literária colaborativa. Plataformas como Instagram e Twitter possibilitam que escritores publiquem minicontos diretamente para seus seguidores, recebendo feedback instantâneo e promovendo discussões sobre literatura. Além disso, comunidades digitais especializadas em literatura vêm se formando nas redes sociais, onde leitores e autores compartilham experiências, analisam narrativas e promovem desafios de escrita criativa. Essas interações fortalecem a produção literária independente e proporcionam um espaço democrático para a divulgação de novos autores.

Ávila-Nóbrega (2023) analisa o impacto das mídias sociais na valorização da literatura surda, destacando que a presença em plataformas digitais tem contribuído para o fortalecimento da identidade cultural da comunidade surda. A criação de conteúdos literários bilíngues tem permitido que leitores surdos acessem histórias adaptadas à sua realidade linguística, promovendo maior engajamento com a literatura. Além disso, a disseminação de minicontos em vídeo, através de plataformas como YouTube e TikTok, tem incentivado a contação de histórias em Libras e a produção de conteúdos literários visuais voltados para o público surdo.

Cruz (2021) ressaltam que a popularização nas mídias sociais também influencia as práticas educacionais, permitindo que professores utilizem essas plataformas como ferramentas pedagógicas. O uso de minicontos digitais em sala de aula possibilita uma abordagem mais interativa do ensino da literatura, combinando leitura, interpretação e produção textual com o uso de tecnologia. Além disso, a adaptação para formatos multimídia possibilita que alunos surdos tenham acesso a

conteúdos mais dinâmicos e contextualizados, favorecendo o aprendizado bilíngue e o desenvolvimento da competência leitora e escritora.

O uso dessas plataformas para a divulgação de minicontos em Libras representa um avanço importante na inclusão da comunidade surda na produção e no consumo de textos literários. Além disso, a integração ao ambiente educacional reforça o potencial pedagógico dessas narrativas e contribui para a valorização da literatura como ferramenta de ensino e de expressão cultural.

Souza e Camelo (2022) destacam que o desenvolvimento de aplicativos de literatura bilíngue tem um impacto direto na acessibilidade de conteúdos para surdos, pois possibilita a leitura de textos acompanhados de vídeos. Esses aplicativos promovem o letramento bilíngue ao integrar a língua de sinais e a língua portuguesa, permitindo que os leitores surdos naveguem por minicontos e outras narrativas de maneira interativa. Além disso, a presença de elementos visuais, como animações e ilustrações, torna a experiência mais envolvente e facilita a compreensão dos textos por meio da mediação visual.

Santos e Fernandes (2021) ressaltam que os aplicativos voltados para a literatura em Libras são essenciais para a promoção da leitura e da escrita entre estudantes surdos. A adaptação para plataformas digitais possibilita que os usuários interajam com o conteúdo de forma personalizada, ajustando a velocidade dos vídeos, acessando legendas explicativas e participando de atividades interativas que estimulam a interpretação textual. Além disso, muitos desses aplicativos oferecem a possibilidade de os próprios usuários criarem e compartilharem seus minicontos, incentivando a produção literária dentro da comunidade surda.

Abreu (2023) aponta que os aplicativos de literatura também atuam na formação de professores e mediadores de leitura, pois fornecem recursos para a aplicação de metodologias inclusivas no ensino de surdos. Muitos desses aplicativos contam com materiais didáticos complementares, como guias de leitura, roteiros pedagógicos e exercícios interativos, que auxiliam educadores na implementação de estratégias de ensino bilíngue. A possibilidade de acesso remoto a essas ferramentas digitais amplia a inclusão de estudantes surdos em diferentes contextos educacionais, permitindo uma aprendizagem mais autônoma e adaptada às suas necessidades linguísticas.

Lessa Neta (2020) enfatiza a importância da curadoria de conteúdos disponíveis nesses aplicativos, garantindo que os textos e vídeos sejam culturalmente

representativos e respeitem as especificidades linguísticas da Libras. A seleção de minicontos e outras narrativas deve considerar a diversidade de experiências da comunidade surda, promovendo histórias que reflitam sua identidade e vivências. Além disso, a integração dos aplicativos com bibliotecas digitais e plataformas de ensino fortalece a distribuição do material e amplia seu alcance para diferentes públicos.

Albuquerque (2024) destaca que os projetos colaborativos online são fundamentais para a inclusão de escritores surdos no cenário literário, pois oferecem espaços acessíveis para a produção e publicação de textos. Plataformas digitais e redes sociais permitem que autores surdos compartilhem seus minicontos por meio de vídeos, possibilitando que a literatura seja difundida de forma mais próxima à estrutura visual-espacial da língua de sinais. Além disso, fóruns de discussão e grupos de escrita colaborativa criam um ambiente de aprendizado contínuo, onde escritores surdos podem trocar experiências e desenvolver suas habilidades narrativas.

Freitas e Silva (2025) enfatizam que os projetos colaborativos online contribuem para a democratização do acesso à literatura e para o fortalecimento da identidade cultural surda. A participação de escritores surdos em redes de produção literária digital possibilita que suas histórias sejam reconhecidas e valorizadas, promovendo uma representação mais fiel da comunidade surda na literatura. Além disso, esses projetos permitem que ouvintes e surdos interajam no processo criativo, favorecendo um diálogo intercultural e ampliando a compreensão da diversidade linguística e cultural da comunidade surda.

Ferreira *et al.* (2022) analisam como os espaços colaborativos digitais podem ser utilizados para incentivar a produção de minicontos por escritores surdos. Plataformas de publicação coletiva e projetos de escrita criativa baseados em interações digitais possibilitam que os autores participem ativamente da construção de narrativas, recebendo feedbacks de leitores e outros escritores. Além disso, a adaptação nesses ambientes permite que as histórias sejam compartilhadas de forma acessível, garantindo que a literatura surda alcance um público mais amplo.

Seibel *et al.* (2023) ressaltam a importância das ferramentas tecnológicas na promoção de projetos colaborativos voltados para escritores surdos. Aplicativos e softwares de edição de vídeo, plataformas de escrita coletiva e recursos de tradução automática são algumas das inovações que facilitam a participação de escritores surdos na produção de minicontos. Essas ferramentas permitem que as narrativas

sejam criadas, revisadas e traduzidas de forma colaborativa, promovendo um ambiente literário mais inclusivo e acessível.

A criação de redes de escritores, a utilização de plataformas digitais e o desenvolvimento de ferramentas de acessibilidade contribuem para que a literatura surda seja cada vez mais difundida e reconhecida. Com o fortalecimento dessas iniciativas, espera-se que mais escritores surdos tenham a oportunidade de compartilhar suas histórias e enriquecer o repertório literário acessível à comunidade surda e ao público em geral.

Problemas como a limitação de ferramentas de tradução automática, a falta de infraestrutura adequada para a produção audiovisual em Libras e as dificuldades na disseminação de conteúdos literários voltados à comunidade surda são algumas das barreiras que precisam ser superadas para garantir maior acessibilidade à literatura surda.

Castro (2023) destaca que um dos principais desafios tecnológicos enfrentados na produção de materiais literários é a escassez de softwares eficientes para tradução e adaptação de textos para a língua de sinais. Embora já existam ferramentas digitais que auxiliam nesse processo, como avatares 3D que interpretam textos escritos em Libras, muitas dessas soluções ainda apresentam limitações no que diz respeito à fidelidade semântica e expressiva da tradução. Além disso, a ausência de padrões universalizados para a conversão de textos dificulta a criação de conteúdos literários que sejam acessíveis a diferentes comunidades surdas.

Nogueira (2021) enfatiza que a produção de materiais literários demanda um alto investimento em infraestrutura tecnológica, o que representa um obstáculo para muitas instituições educacionais e culturais. A gravação e edição de vídeos narrados em Libras exigem equipamentos específicos, profissionais qualificados e espaços adequados para a produção audiovisual, tornando o processo mais caro e demorado em comparação com a produção de textos escritos. Além disso, a distribuição desses materiais em larga escala requer plataformas digitais acessíveis e seguras, o que ainda não é uma realidade para grande parte dos conteúdos literários voltados à comunidade surda.

Santos *et al.* (2023) apontam que a distribuição de materiais literários também enfrenta dificuldades relacionadas à falta de plataformas especializadas para a hospedagem e compartilhamento desses conteúdos. A maioria das redes sociais e plataformas de publicação digital ainda não possui ferramentas robustas para a

integração de vídeos narrados em Libras, dificultando a disseminação da literatura surda. Além disso, a ausência de incentivos governamentais e de políticas públicas voltadas à ampliação do acesso à literatura limita a produção e distribuição desses materiais, restringindo seu alcance a um público reduzido.

Silva e Barros (2024) destacam que a criação de bibliotecas digitais acessíveis, aplicativos educacionais e plataformas de compartilhamento de conteúdos em língua de sinais poderia facilitar o acesso da comunidade surda à literatura. No entanto, para que essas iniciativas sejam bem-sucedidas, é fundamental que haja investimentos contínuos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias voltadas à acessibilidade linguística.

A falta de ferramentas eficientes de tradução, as limitações estruturais na produção audiovisual e a ausência de plataformas adequadas para a distribuição de conteúdos são algumas das barreiras que precisam ser superadas. Para que a literatura surda possa se expandir de maneira significativa, é essencial que haja investimentos em tecnologia, políticas públicas voltadas à acessibilidade e maior integração entre pesquisadores, educadores e profissionais da área tecnológica. Somente assim será possível garantir que os minicontos e outras formas narrativas alcancem um público mais amplo, promovendo a inclusão literária e a valorização da cultura surda.

Batista, Silva e Souza (2021) destacam o impacto positivo do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no ensino de língua portuguesa para surdos, ressaltando que algumas ferramentas digitais têm facilitado o aprendizado de forma mais dinâmica e interativa. Aplicativos que integram Libras e português escrito, utilizando reconhecimento de sinais e avatares digitais para interpretação textual, demonstraram ser soluções eficazes para a inclusão de estudantes surdos no processo educacional. Essas ferramentas permitem que os usuários interajam com minicontos e outros gêneros literários por meio de recursos audiovisuais adaptados, tornando a experiência de leitura mais acessível.

Santos (2022) ressalta o sucesso de iniciativas que utilizam vídeos narrativos para a contação de histórias em Libras. Plataformas educacionais e bibliotecas digitais especializadas na literatura surda disponibilizam minicontos traduzidos e interpretados por narradores surdos, permitindo que a comunidade tenha acesso a conteúdos literários de maneira natural e acessível. Esses projetos têm se destacado pela

combinação de elementos visuais, como ilustrações e animações, que enriquecem a experiência do leitor e garantem maior fidelidade à estrutura narrativa da Libras.

Santos (2020) enfatiza o papel das redes sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos na difusão da literatura surda. A produção de minicontos em formato audiovisual, compartilhados por meio de canais no YouTube e perfis no Instagram e TikTok, tem se mostrado uma estratégia eficiente para engajar a comunidade surda e ampliar o acesso à literatura. Esses conteúdos, muitas vezes criados de forma colaborativa por escritores e intérpretes surdos, têm alcançado um público diversificado e contribuído para o fortalecimento da produção literária acessível.

Fernandes (2022) analisa o impacto das narrativas multimídia na promoção da literatura breve, destacando que a interatividade proporcionada por algumas plataformas digitais tem impulsionado o interesse pelo gênero dos minicontos. Aplicativos que permitem a personalização da experiência de leitura, combinando texto, Libras e elementos interativos, demonstram o potencial das inovações tecnológicas para tornar a literatura mais acessível. Além disso, ferramentas de realidade aumentada têm sido exploradas para enriquecer a interpretação de textos curtos, proporcionando uma experiência imersiva para leitores surdos e ouvintes.

Portanto, as inovações tecnológicas bem-sucedidas no campo da literatura em Libras e dos minicontos evidenciam o impacto positivo da digitalização e da acessibilidade na inclusão da comunidade surda no universo literário. Desde aplicativos educacionais até plataformas de vídeo e redes sociais, essas iniciativas demonstram que a combinação entre tecnologia e literatura pode promover maior democratização do acesso à leitura, além de incentivar a produção literária por parte da comunidade surda. Com o avanço contínuo das soluções digitais, espera-se que mais ferramentas inovadoras sejam desenvolvidas, consolidando a literatura como um campo cada vez mais acessível e representativo.

#### **4.5 Discussão sob o olhar da pesquisadora**

Ao longo da minha trajetória como educadora e agora pesquisadora, tenho refletido constantemente sobre o papel fundamental que os professores intérpretes, interlocutores e tradutores de Libras desempenham no contexto educacional brasileiro. Não se trata apenas de profissionais que "traduzem" conteúdos de uma

língua para outra, mas de verdadeiros mediadores culturais que possibilitam o acesso ao conhecimento e à participação social plena da comunidade surda. Durante minha atuação como docente Interlocutora, pude observar de perto a transformação que ocorre quando estudantes surdos têm acesso a conteúdos em sua língua natural. É como se uma porta se abrisse para um mundo de possibilidades antes inacessíveis. E quem segura essa porta aberta? Justamente esses profissionais que dominam a Língua Brasileira de Sinais e compreendem as nuances culturais da comunidade surda. Sabemos que o papel do intérprete de Libras no contexto educacional é muito importante para garantir que os estudantes surdos tenham acesso ao conteúdo escolar em sua língua. A mediação linguística realizada por esses profissionais representa um elo essencial entre os alunos e a escola, viabilizando a comunicação e favorecendo o processo de aprendizagem. No entanto, apesar de sua relevância, o trabalho dos intérpretes não tem recebido o reconhecimento e a valorização necessária, uma vez que enfrentam diversos desafios diariamente. Muitos atuam em condições precárias, com sobrecarga de trabalho e remuneração inadequada. Além disso, frequentemente precisam lidar com a falta de compreensão sobre a complexidade de sua função. Traduzir para Libras não é tão simples quanto possa parecer. Além de diferentes ferramentas tecnológicas, há que se entender e conhecer como se dá a construção de conhecimento pelos sujeitos surdos, para que o tradutor possa proporcionar diferentes possibilidades de aprendizagem por meio da experiência visual. Traduzir não é suficiente para garantir a compreensão, pois cada aluno possui habilidades e características próprias. O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) propõe múltiplas formas de apresentar o conteúdo, respeitando a singularidade de cada estudante surdo e o seu modo e ritmo de aprendizagem. Por isso, é essencial diversificar as estratégias, especialmente visuais, para favorecer a compreensão.

Destaco também a formação desses profissionais que não se encerra com a graduação ou a certificação inicial. É incansavelmente fundamental investir em formação continuada, para possibilitar a atualização constante em relação às pesquisas sobre educação de surdos, pois às inovações tecnológicas e às evoluções da própria Libras, que, como qualquer língua viva, está em constante transformação.

Não obstante, a figura do intérprete não deve ser vista como central no processo de aprendizagem do aluno surdo, e sim a responsável por promover a independência cognitiva e social de seus discentes. Dessa forma, a dependência

exclusiva da figura do intérprete limita a autonomia do estudante, dificultando a revisão de conteúdos, o aprofundamento dos estudos e a construção de uma relação mais ativa com o conhecimento.

Outrossim, é válido ressaltar também que a escassez de literatura e materiais didáticos traduzidos para Libras representa uma barreira significativa no processo de inclusão educacional. Por isso, além de valorizar esses profissionais, precisamos investir também na produção de materiais em Libras que possam complementar e potencializar nosso trabalho.

Essa lacuna de materiais e/ou de gêneros textuais adaptados para o ensino de e para Libras fez com que esta pesquisa surgisse. Para isso, foi escolhido o miniconto como gênero textual e ferramenta motriz para a efetiva aprendizagem do aluno surdo. Todavia, a escolha do tipo de texto ocorreu após uma reflexão sobre minicontos e sua flexibilidade. Torna-se evidente que estes textos curtos, concisos e explicativos representam muito mais que simples recursos pedagógicos, são verdadeiras ferramentas de transformação na vida e na educação dos alunos surdos.

A brevidade e a concisão, são características fundamentais dos minicontos, e respondem de maneira precisa às necessidades específicas do letramento visual dos estudantes surdos. Diferentemente de textos extensos, que podem dispersar a atenção e dificultar a compreensão global da narrativa, os minicontos oferecem uma experiência de leitura completa em um formato acessível e impactante. Esta característica é particularmente relevante quando consideramos que a experiência visual é central na cognição e na construção de significados para a pessoa surda.

Quando traduzidos para Libras com sensibilidade cultural e linguística, os minicontos potencializam o desenvolvimento de habilidades essenciais. A estrutura narrativa concisa, com início, meio e fim claramente definidos, facilita a compreensão de elementos fundamentais da narrativa, como personagens, conflitos, resoluções e qualquer que seja esta compreensão estrutural, por sua vez, serve como base para o entendimento de textos progressivamente mais complexos.

Além disso, os minicontos possibilitam uma experiência literária completa em um tempo reduzido, o que é especialmente valioso no contexto educacional, onde o tempo de atenção concentrada é um recurso precioso. Em poucos minutos, o estudante surdo pode vivenciar uma história inteira, com seus desdobramentos emocionais e reflexivos, sem a fadiga e estresse causados por textos mais longos, especialmente quando mediados por tradução.

A natureza visual da Libras encontra nos minicontos um terreno fértil para exploração. A concisão exige precisão nos sinais escolhidos, nas expressões faciais e nos classificadores utilizados, criando uma experiência estética rica que valoriza as potencialidades expressivas da língua de sinais. Agora, imagina se tivéssemos tais materiais, seja ele impresso ou digital, servindo de apoio. Transmitindo conteúdo e celebrando a beleza e a complexidade da Libras como língua literária.

Do ponto de vista pedagógico, os minicontos oferecem versatilidade excepcional. Podem ser utilizados como introdução a temas complexos, como ponte para discussões mais aprofundadas ou como estímulo à produção autoral dos próprios estudantes. Esta flexibilidade permite que educadores adaptem seu uso a diferentes contextos, necessidades e objetivos de aprendizagem.

Os minicontos também favorecem o letramento bilíngue quando apresentados com legendas em português contextualizado. Esta abordagem permite que o estudante surdo estabeleça conexões entre sua língua natural (Libras) e a língua escrita do país (português), facilitando o desenvolvimento de competências em ambas as línguas.

Talvez o aspecto mais transformador dos minicontos seja sua capacidade de despertar o prazer pela leitura. Ao oferecer experiências literárias completas e satisfatórias em formato acessível, podendo cultivar nos estudantes surdos o desejo de buscar mais histórias, mais conhecimento, mais literatura. Despertando o interesse pela leitura e possuindo o potencial de transformar trajetórias educacionais e de vida.

A inclusão efetiva não se faz apenas com adaptações superficiais, mas com o reconhecimento e a valorização das especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Os minicontos em Libras representam este reconhecimento em forma literária são obras que não apenas "traduzem" conteúdo, mas que são pensadas considerando as potencialidades da língua de sinais e as características da cognição visual.

Considerar a perspectiva dos usuários finais é fundamental para que as traduções e adaptações respeitem a estrutura visual-espacial da língua e atendam às reais necessidades da população surda.

Depois de todo o exposto, a pesquisa, de forma explícita, por meio das combinações de diferentes estratégias, trouxe melhoria das traduções futuras. Elas, quando implementadas em conjunto, podem contribuir para a produção de materiais mais acessíveis e de qualidade, promovendo a inclusão e a valorização como língua

legítima no âmbito acadêmico e literário. Nesse sentido, a sala de aula é um descampado pronto para receber diversas sementes e cuidados. Já o miniconto é a semente ideal para preencher esse solo fértil e criar um belo jardim cheio de possibilidades. Nessa conjuntura, na metáfora acima, o cultivo corresponde à aprendizagem, às flores e os frutos, à internalização da Libras, inspirando os estudantes e mostrando-lhes que a surdez não é uma barreira. Assim, a forma concisa e visual do miniconto torna-o uma ferramenta versátil para conectar-se com as diferentes disciplinas curriculares, como:

- Língua Portuguesa: Um miniconto pode apresentar palavras e estruturas frasais da Língua Portuguesa de forma contextualizada e visualmente rica. O estudante surdo pode analisar e relacionar com os sinais em Libras, não só expandindo seu vocabulário, como também compreendendo a gramática da segunda língua.
- História: Um miniconto pode apresentar um breve evento histórico, um personagem importante ou um aspecto cultural de um período específico, tudo visualmente sintetizado e narrado em Libras. Isso torna a história mais acessível e memorável para o estudante surdo.
- Geografia: Um miniconto pode se passar por locais específicos, mostrando aspectos da paisagem, dos costumes ou da vida das pessoas daquela região ou do mundo.
- Ciências: Um miniconto pode ilustrar um conceito científico básico, como o ciclo da água, o crescimento de uma planta ou o movimento dos astros, através de uma narrativa visual clara e concisa.
- Arte: O próprio miniconto é uma forma de arte visual e corporal. Pois analisa a expressividade dos sinais, o ritmo e a composição visual dos minicontos e pode enriquecer a apreciação artística dos estudantes.
- Matemática: Um miniconto pode apresentar um problema matemático de forma contextualizada e visual, facilitando a compreensão do cenário e a busca pela solução. Como as Formas geométricas, podendo ser incorporadas na narrativa visual de um miniconto, tornando o aprendizado mais concreto.

A eficácia do miniconto em Libras como instrumento pedagógico para estudantes surdos reside em sua intrínseca visualidade, que se alinha perfeitamente à modalidade da Libras. Sua concisão favorece a atenção e a retenção de informações, enquanto seu potencial para evocar um forte impacto emocional, estabelecendo conexões pessoais significativas com o conteúdo. A flexibilidade do

formato permite também a abordagem de uma vasta gama de tópicos curriculares de maneira criativa e adaptada às necessidades específicas dos estudantes surdos, como visto anteriormente.

A integração do miniconto ao currículo escolar não é apenas uma adaptação de conteúdo, mas sim a abertura de um universo de possibilidades e de aprendizado para os estudantes surdos. Se a intenção é comunicar de forma que não haja necessidade de "ler nas entrelinhas", a chave é a clareza e a explicitude na comunicação. Isso significa tornar a mensagem a mais direta e inequívoca possível.

Ao aproveitar a riqueza visual e expressiva de sua língua, os educadores podem transformar a sala de aula, onde o conhecimento floresce de maneira acessível, engajadora, semeando as bases para um futuro educacional mais inclusivo e equitativo. Sob esse viés, a melhoria das traduções futuras depende da combinação de diferentes estratégias, incluindo a padronização de diretrizes, abrangendo a todos em sua singularidade, a participação ativa da comunidade surda, o uso adequado de tecnologias avançadas e a capacitação contínua dos profissionais envolvidos. Essas ações, quando implementadas em conjunto, podem contribuir para a produção de materiais mais acessíveis e de qualidade, promovendo a inclusão e a valorização como língua legítima no âmbito acadêmico e literário.

Concluo, portanto, que os minicontos não são apenas uma alternativa pedagógica entre tantas outras, mas uma poderosa ferramenta de transformação educacional e social sendo a criação de "Sutileza de entendimento significativo". Ao proporcionar acesso à literatura em formato adequado às especificidades dos estudantes surdos, eles contribuem para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva e para o desenvolvimento pleno das potencialidades destes estudantes. A disseminação de minicontos em Libras e para Libras representa, assim, não apenas uma questão pedagógica, mas um compromisso com a equidade e com o direito fundamental de todos à educação de qualidade e ao acesso à cultura literária, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988.

## 5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa analisou a produção de minicontos em Libras com o objetivo de compreender seu potencial não apenas como recurso educacional e inclusivo, mas também como instrumento de afirmação cultural e de divulgação da cultura surda. A revisão bibliográfica e documental evidenciou que tais produções, embora ainda pouco exploradas e em grande parte adaptadas de narrativas já existentes, possuem uma força expressiva que transcende a sala de aula e alcança a esfera social e cultural.

Os resultados indicaram que os minicontos em Libras enriquecem as práticas pedagógicas ao promoverem o acesso a materiais visuais, estimulando a construção de significados e o desenvolvimento da visualidade. Contudo, mais do que recursos didáticos, eles se configuram como espaços de resistência e identidade, capazes de romper barreiras comunicacionais e ampliar a visibilidade da Libras como língua plena, rica e complexa. O destaque para narrativas originais, a representatividade dos narradores e o papel das universidades despontam como elementos centrais para o fortalecimento desse campo.

Apesar da escassez de materiais consistentes e da falta de estratégias sistematizadas de disseminação, ficou evidente que o impacto dos minicontos em Libras vai além da dimensão educacional. Ao circularem em diferentes contextos e mídias, eles têm o poder de promover o entendimento intercultural, valorizar a diversidade linguística e reposicionar a cultura surda em um patamar de maior reconhecimento social. Ao mesmo tempo, a discussão sobre o uso de tecnologias, como avatares, alerta para a necessidade de diálogo contínuo com a comunidade surda, de modo que inovações não se distanciam da autenticidade da língua.

Conclui-se, portanto, que os minicontos em Libras representam um território fértil de criação, memória e inovação, cujo fortalecimento exige ações conjuntas entre pesquisadores, educadores, instituições acadêmicas e políticas públicas. Mais do que um objeto de investigação acadêmica, eles se revelam uma ponte entre mundos, conectando vozes e silêncios, ouvintes e surdos, tradição e futuro.

Assim, esta dissertação não encerra um ciclo, mas abre caminhos: para a produção de narrativas originais, para a consolidação da literatura surda como campo legítimo e para o engajamento de diferentes públicos na valorização da Libras e de

sua cultura. Investir nesses materiais é investir em inclusão, diversidade e justiça cultural, contribuindo para uma sociedade mais consciente, plural e humana.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo, SP: Scipione, 1997.
- ALBUQUERQUE, Maria Eduarda Távora de. **As heroínas negras de Jarid Arraes: possibilidades pedagógicas para o ensino de literatura afro-brasileira na educação básica**. 2024, 40 f. Monografia (Curso de Língua Portuguesa) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-Ceará, 2024.
- AUDIOVISUAL TILSP. **Os Três Porquinhos**. [set. 2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NMWrn61ZCFw>. Acesso em: 17 maio 2025.
- ABREU, Cristiane Rodrigues de. **Educação Literária: escolha das obras e dos manuais do professor do PNLD-Literário 2020**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2023.
- ABUD, Janaína, Vieira Taillade. Como ler uma narrativa visual em movimento: uma proposta de leitura do afeto sob a perspectiva da sociosemiótica. *In*: ARAGAO, Rodrigo Camargo (org.). **Emoções e narrativas visuais**. Campinas: Pontes Editora, 2024.
- ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius. **Estudos sobre linguagens: teoria e prática**. Pimenta Cultural, 2023.
- BÄR, E. Visualidade: potencialidade e desafio para a educação bilíngue para surdos. *In*: III COLBEDUCA – COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 3., 2017. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/COLBEDUCA/COLBEDUCA2017/paper/view/File/1937/1428>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTA, Marília Quaresma; SILVA, Maria Célia Ribeiro da; SOUSA, Ianna Maria Sodrê Ferreira de. O uso das TICs como recurso didático no processo de ensino-aprendizado de língua portuguesa: implicações dessa interface em sala de aula. **Revista Principia-Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, João Pessoa, n. 54, p. 121-129, 2021.
- BEDIN, Michelle. **Multiletramentos no ensino fundamental I: processos de criação e práticas pedagógicas de uma formação continuada para professores de Toledo/PR**. 2020. 112 f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu. 2021.
- BORBA, Victor Henrique Rodrigues de. **Curso online de língua inglesa no Instituto Federal de Brasília: uma proposta didática à luz do interacionismo sociodiscursivo, dos multiletramentos e da multimodalidade**. 2023. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC\\_C\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf). Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20L%C3%ADngua%20Brasileira,Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20L%C3%ADngua%20Brasileira,Art.) Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Casa Civil, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 20 ago. 2022.

CADA ENCONTRO EU CONTO UM CONTO. **A árvore surda** - Literatura surda (Libras) [jan 2021] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FQdRkZ3fdCY>. Acesso em: 17 maio 2025.

CARMO, Marilda Aguiar do. **Literatura regional na aula de língua portuguesa: um caminho para o reconhecimento identitário**. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

CASTRO, Sirlene Rodrigues Ferreira. **Plágio e pesquisa na internet: do conteúdo dos livros didáticos à percepção dos estudantes do ensino médio público**. 2023. 182 f., il. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

CHAVES, Gabriela de Moraes. **Letramento da escola do campo: desafios da BNCC**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2022.

CORDEIRO, A. **Contos de fadas na educação infantil: narrativas de experiências**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CRUZ, Karlla Andrea Leal **Os recursos educacionais abertos e a (re)significação do livro didático: uma análise semiótica discursiva do movimento “software livre” na educação pública**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

DOURADO, Simone; RIBEIRO, Ednaldo. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci (org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 1. ed. Maringá: Massoni, 2021. p. 14-34.

FERNANDES, Rachel Ferreira. **Redação publicitária, storytelling e conto literário**: uma análise sobre os filmes publicitários da marca John Lewis & Partners. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Escola de Comunicação, Artes e Design, PUC-RS, Porto Alegre, RS, 2022.

FERREIRA, Jessyca Gomes *et al.* **Texto literário na sala de aula**: uma experiência com microcontos no 7º ano do ensino fundamental. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2022.

FREITAS, Lucas da Silva; SILVA, Wellington Jhonner Divino Barbosa da. Literatura surda e letramento bilíngue de crianças surdas. **Revista Delos**, [S. l.], v. 18, n. 70, p. e6172, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n70-052.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Wagner dos Santos. **As moiras na complexidade dos processos formativos e experienciais nos desembarços de egressos do mestrado profissional em letras da Universidade Federal de Sergipe**. 2023. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

LESSA NETA, Benigna Soares. **Estudo das propostas de produção textual escrita dos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental anos finais de 1960 a 2020**. 2020. 177f - Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

LIMA, Karina do Nascimento Sousa; SENNA, Nádia da Cruz. A cultura surda a partir da linguagem dos quadrinhos. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 05, ed. esp., abr. 2019. Disponível em: [claec.org/relacult](http://claec.org/relacult). Acesso em: 25 ago. 2022.

MATIAS, Richard. B.; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; LOUSADA, Eliane Gouvêa. Géneros textuales/discursivos y tecnologías digitales. In: X SIGET-SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS SOBRE GÉNEROS TEXTUALES: GÉNEROS TEXTUALES/DISCURSIVOS, PRÁCTICAS DE LENGUAJE Y VOCES DEL SUR EN DIÁLOGO. 10., 2020. Córdoba. **Anais [...]**. Córdoba: FL Copias, 2020.

MIN E AS MÃOZINHAS. **EP06 - Natal** - Min e as maozinhas [dez 2021]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qRbJGCsD8BA>. Acesso em: 17 maio 2025.

MOURÃO, C. H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. In: IX ANPED SUL. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em:

[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao\\_Especial/Trabalho/08\\_31\\_14\\_3009-7345-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_31_14_3009-7345-1-PB.pdf). Acesso em: 30 ago. 2022.

NEVES, Cynthia Agra de Brito; BUNZEN JÚNIOR, Clecio dos Santos. Letramentos literários na contemporaneidade: criticidade e subversão. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 60, p. 608-611, 2021.

NOGUEIRA, Ana Maria Duarte. **Culturas da infância e recursos tecnológicos digitais**: um olhar para a transição entre educação infantil e ensino fundamental no município de São Paulo. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2021.

NOGUEIRA, R. B. **Chapeuzinho Vermelho em Libras**. [maio 2010]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8>. Acesso em: 17 maio 2025.

OLIVEIRA, M. Literatura surda infantil: uma via para além do silêncio. 2019.

QUADROS, Ronice Müller. (org). **Estudos surdos III**. Petrópolis, RJ: AraraAzul, 2008.

RIBEIRO, Gicelio Alves *et al.* **Fofoca literária**: formação leitora em turmas do ensino médio a partir da rede social TikTok. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

RODRIGUES, César Teixeira *et al.* **Ensino de nanociência e nanotecnologia à luz da BNCC**: uma análise documental. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

SANTOS, Bruna Roberta *et al.* **Teares mágicos no 9º ano do ensino fundamental**: produção de minirrelatos e mini contos a partir de narrativas de Marina Colasanti. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2023.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. **Tecnologias digitais e o currículo dos anos iniciais do ensino fundamental**: análises e proposições. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2020.

SANTOS, Izamara Oliveira; FERNANDES, Fabiana Perpétua Ferreira. Iniciação científica no ensino médio: a romantização do personagem Hannibal Lecter na obra "A origem do mal". *In: ANAIS V FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS: VIVÊNCIAS SISTÊMICAS*. 5. 2021. Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: CEPAE/UFG, 2021, p. 28.

SANTOS, Simone Severina Corrêa. Caderno de contos como estratégia pedagógica para transformar o aluno leitor em aluno escritor autoral na escola municipal Guilherme Barbosa Barker. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidad Autónoma de Asunción, Asunción, 2022.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. A importância da literatura infantil em libras no desenvolvimento infantil. **Revista Virtual de Cultura Surda**, [S.l.], v. 20, p. 1-23, 2017.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/176676>. Acesso em: 6 maio 2019.

SEIBEL, Milena Rolim *et al.* **Os contos de fadas em sala de aula: uma proposta de letramento literário através da análise comparativa de “O conto dos três irmãos”, de JK Rowling, e “A mesa, o burro e o porrete”, dos Irmãos Grimm**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Osório, 2023.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; SOUZA, Adriana Baptista de; NUNES, Valéria Fernandes. Metáfora conceptual e musicalidade em libras. **EntreLetras**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 384–400, 2025. doi: 10.70860/ufnt.entreletras.e19554.

SILVA JUNIOR, Joaquim Alves da; MORAIS, Mario Ribeiro. Concepções e repercussões das tecnologias digitais no componente de língua portuguesa do documento curricular do Tocantins. **Humanidades & Inovação**, [S.l.], v. 9, n. 22, p. 28-39, 2022.

SILVA, Cínthia Luiz; BARROS, Marcelo Diniz Monteiro. Regime de colaboração apresentado na base nacional comum curricular: desafios e possibilidades na educação básica. **Espaço Plural**, [S.l.], v. 20, n. 40, 2024.

SILVA, Paulo Roberto Fernandes da. **Caderno aprender sempre: uma análise das finalidades educativas do material didático obrigatório da SME de Goiânia para os anos iniciais--2022 a 2023**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade Facmais, Ituiutaba, 2024.

SOUZA, Elisa Maria Pinheiro; CAMELO, Marco Antônio da Costa. **Pensamentos e atitudes pedagógicas: espaços de reflexões**. São Paulo: BAGAI, 2022. v. 1.

TOSTA, Marília Grassi Trementocio. **O teatro de Hilda Hilst na sala de aula**. 2021, 67 f. Trabalho de Graduação de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

TUZZO, Simone Antoniaci; BRAGA Claudomilson Fernandes. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v.4, n.5, p. 140-158, ago., 2016.